

**Universidade de Lisboa**  
**Faculdade de Letras**  
**Departamento de História**



**A Leitão & Irmão (1877-1897) e as Joias da Família Real Portuguesa**

Lurdes Maria Neves Marques Pinto

Mestrado em História  
História Moderna e Contemporânea

2014

**Universidade de Lisboa**  
**Faculdade de Letras**  
**Departamento de História**



**A Leitão & Irmão (1877-1897) e as Joias da Família Real Portuguesa**

Lurdes Maria Neves Marques Pinto

Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea orientada pela  
Professora Doutora Isabel Maria Ribeiro Mendes Drumond Braga

2014

## Índice

Agradecimentos .....	1
Resumo .....	2
Abstract .....	3
Siglas e abreviaturas .....	4
Introdução .....	5
Estado da Questão .....	6
1. A Ourivesaria e a Joalheria em Portugal: algumas notas.....	9
2. A Leitão & Irmão .....	16
3. Régios Clientes .....	21
3.1 D. Luís .....	21
3.2 D. Maria Pia de Saboia.....	39
3.3 D. Fernando II .....	62
3.4 D. Carlos.....	75
3.5 D. Augusto .....	86
3.6 Condessa d'Edla.....	95
3.7 Régios Clientes: Um balanço .....	112
Conclusão.....	116
Fontes e Bibliografia.....	118

## Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Drumond Braga, minha orientadora, pelo acompanhamento, pela disponibilidade e pela confiança que manifestou na escolha do tema e no desenvolvimento da investigação. Aos colaboradores da Biblioteca de Arte e, em especial, à Dra. Constança Rosa, pelo seu empenho e valiosos contributos. À Professora Doutora Susana Videira e ao Dr. João Oliveira pelo encorajamento e incentivo que sempre me transmitiram para que continuasse o meu percurso académico. À Dra. Lídia Mateus, à Dra. Teresa Matos e ao Dr. Vítor Salgueiro, que me acompanharam nesta aventura, cada um de sua maneira, não me deixando desistir desta ideia, mas, principalmente, pela infinita paciência que sempre me dispensaram. Aos meus colegas e amigos, Conchita, Nuno e Ana, fiéis companheiros na Licenciatura e no Mestrado. À minha mãe e aos meus filhos, Hugo e Gonçalo, que sempre me apoiaram e me encorajaram a levar este trabalho até ao fim, empenhados em que este sonho se realizasse.

## Resumo

A Leitão & Irmão joalheiros inaugurou, em 1877, uma loja no elegante Chiado, em Lisboa. A empresa, fundada no Porto em 1822, deslocou-se para a capital de modo a mais facilmente divulgar a sua arte e captar novos clientes. A proximidade da corte e o reconhecimento concedido pelo rei D. Luís de *Joalheiros da Coroa* originou a designação de fornecedores da Casa Real. E esta proximidade entre a joalheria e a família real contribuiu para que se tornasse um estabelecimento da moda e que os mais abastados da sociedade portuguesa da época se tornassem seus clientes. A Leitão & Irmão veio trazer uma nova dinâmica ao sector da ourivesaria, pois gozava de reconhecimento internacional e apresentava o que de melhor se efetuava em Portugal e no estrangeiro.

A investigação levou-nos ao espólio da Leitão & Irmão, que se encontra na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, podendo verificar-se nos seus registos, as relações desta empresa com os reais clientes. Através dos poucos livros de contas correntes, que ainda existem, e de outros livros em que se encontram registadas algumas aquisições de membros da família real, chegámos aos resultados que se apresentam neste estudo. Assim, procurámos saber qual o número de peças e as mais solicitadas por cada um dos membros da família real aqui retratados, os montantes despendidos nas aquisições das mesmas e a correspondência existente entre a joalheria e os soberanos, para satisfação das suas solicitações, além das peças mais emblemáticas solicitadas à prestigiosa joalheria pelos monarcas e que ficaram para a História.

Palavras-Chave: Leitão & Irmão, joalheria, ourivesaria, família real, aquisições.

## Abstract

The Leitão & Irmão jewellers opened, in 1877, a store in the elegant neighbourhood of *Chiado*, in Lisbon. The company, founded in Porto in 1822, moved to the capital in order to make it easy to disseminate their art and get new customers. The proximity to the “*Corte*” and the recognition as *Jewellers of the Crown* granted by the king D. Luís was in the origin of their designation as suppliers of the Royal House. This proximity between the Jewellery and the Royal family contributed to their status as a stylish establishment, which attracted, as customers, the wealthy part of the Portuguese society at the time. The Leitão & Irmão brought a new dynamic to the jewellery industry as they had international recognition and presented the best of what was made in Portugal and abroad.

The investigation led us to the Leitão & Irmão patrimony, which is held by the *Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian*, in Lisbon, and where the relations between this company and their Royal customers can be consulted in the records. Through the few account books, which still exist, and other books in which are recorded some of the Royal family members’ acquisitions, we have reached the results described in this study. We have tried to know the number of the pieces of jewellery and which were most requested by each member of the Royal family mentioned above, the amounts spent on acquisitions, the correspondence carried out between the jewellery and the Royal family to satisfy their requests and the most emblematic pieces requested by the monarchs to the prestigious jewellery, who heretofore stayed in History.

**Key-Words:** Leitão & Irmão, jewellers, royal family, acquisitions.

## Siglas e abreviaturas

A.P.N.A. – Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda

B.A.F.C.G. – Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

E.L.I. – Espólio Leitão & Irmão

col. – coluna

cx. – caixa

dir. – direção

doc. – documento

ed. – edição

fig. – figura

fol(s). – folio(s)

n.º – número

p(p). – página(s)

[s.d.] – sem data

vol(s). – volume(s)

## Introdução

Os mais antigos documentos que ligam a Leitão & Irmão à família real portuguesa datam de 1877, no seguimento da inauguração das instalações da ourivesaria e joalheria em Lisboa. Os monarcas D. Luís I e D. Maria Pia de Saboia foram clientes do estabelecimento, tal como outros membros da Casa Real, nomeadamente D. Fernando II de Saxe-Coburgo Gotha, a condessa d'Edla, o infante D. Augusto, D. Carlos e D. Amélia.

Com este trabalho pretende dar-se a conhecer toda a dinâmica demonstrada por uma pequena oficina do ouro, cujos primórdios se situam na cidade do Porto e que posteriormente se converteu numa referência de topo no seu ramo de atividade, à custa do trabalho desenvolvido, do empenho e da dedicação. Os seus produtos tornaram-se notados e a casa foi distinguida, primeiro pela Casa Imperial do Brasil e seguidamente pela Casa Real Portuguesa. O espólio da Leitão & Irmão – Antigos Joalheiros da Corôa está em depósito na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, abrangendo os anos de 1870 a 1976. Este acervo revela-se precioso para a compreensão da história da ourivesaria em Portugal, nos séculos XIX e XX. Compreende uma grande quantidade e diversidade de informação, relativa à atividade da firma e ao ofício do joalheiro durante esse período. Revela-se ainda bastante importante para o estudo dos comportamentos, costumes e modo de vida dos grupos mais abastados da sociedade portuguesa que acorriam à Leitão & Irmão, procurando peças únicas e de excelente execução técnica e artística.

Para a elaboração deste estudo foram usadas fontes manuscritas, como os antigos livros de correspondência recebida e expedida a que houve acesso. Folheando esses volumes, encontram-se cartas com solicitações de trabalhos, com respostas a pedidos de clientes, requisições de catálogos para publicidade dos artigos vendidos na loja e encomendas a fornecedores nacionais e estrangeiros. Verifica-se que a Leitão & Irmão tinha comunicação dentro do país com várias cidades, em especial o Porto, Faro e Coimbra, e com cidades europeias, como Paris, com grande afluxo de mensagens, Londres, Bolonha, Bremen, São Petersburgo e ainda com a cidade norte americana de Nova Iorque, o que denota, para aquele tempo, grande internacionalização dos negócios.

Perante a enorme quantidade de documentação disponível, não isenta de algumas falhas, foi efetuado o levantamento de fontes e só foram encontrados documentos relativos às personalidades estudadas entre os anos de 1877 e 1897.

## Estado da Questão

Apesar de terem sido produzidos trabalhos de ourivesaria e de joalheria durante a Idade Média, as descobertas marítimas portuguesas permitiram um maior desenvolvimento no que se refere à produção de peças. As gemas vindas do Oriente, desde o final do século XV<sup>1</sup>, e a grande afluência de ouro, diamantes e outras gemas de qualidade e preços diversificados oriundas do Brasil<sup>2</sup>, no século XVIII, levaram à procura crescente de joias, por parte da Casa Real, da nobreza e até de grupos intermédios abastados. A maior abundância de matérias-primas incrementou o número de mestres de ourivesaria, que revolucionaram as técnicas de fabricação de joias nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. A posse e exibição de joias serviam fundamentalmente dois propósitos: evidenciar o estatuto social e permitir o entesouramento<sup>3</sup>.

Combinando o gosto pela ourivesaria e o fascínio pela Casa Real e partindo do espólio da Leitão & Irmão procurou desenvolver-se um estudo no qual se analisassem as relações comerciais entre a família real portuguesa e aquela ourivesaria e joalheria oitocentista. Refira-se, desde já, que em 1887 a marca foi agraciada com o título de fornecedor da Casa Real, o que demonstra as relações de apreço e proximidade com a Coroa<sup>4</sup>. A documentação que chegou até ao presente, se bem que muito numerosa e variada, apresenta lacunas exatamente para a cronologia que nos interessa, isto é, entre 1877 e 1897<sup>5</sup>.

A Leitão & Irmão foi fundada por José Pinto Leitão (1798-1866), no Porto, em 1822, que se submeteu, com êxito, ao exame de “ourives do ouro”, dando seguimento ao negócio de

---

<sup>1</sup> A descoberta do caminho marítimo para a Índia, por Vasco da Gama em 1498, trouxe para Portugal grandes quantidades de gemas, com estes materiais começou a desenvolver-se a arte de ourivesaria e joalheria em Portugal. António Manuel Gonçalves, “Ourivesaria”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, pp. 490-498.

<sup>2</sup> A mineração no Brasil iniciou-se com os primeiros desbravamentos em busca de ouro. Em 1560, foi noticiada a localização de jazidas de ouro e esmeraldas no sertão de São Paulo, o que incentivou as migrações para esse local. Mais tarde, constatou-se que não eram esmeraldas mas sim turmalinas nos tons de verde e azul. Sobre a exploração do ouro a partir do final do século XVII e das gemas, na centúria seguinte, cf., Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva, “Ouro do Brasil”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, pp. 498-500.

<sup>3</sup> Sobre as joias como forma de entesouramento, não se tratava só do gosto por possuí-las, sendo um adorno dispendioso, estiveram presentes tanto no espólio dos mais abonados como dos mais pobres, pois em caso de carência económica podiam ser penhoradas, vendidas ou trocadas, garantindo o seu investimento.

<sup>4</sup> Lourenço Correia de Matos, *Os Fornecedores da Casa Real (1821-1910)*, Lisboa, Dislivro Histórica, 2009, p. 126.

<sup>5</sup> Susana Maria Capucho Carona, *Espólio Leitão & Irmão: Inventariação e Proposta de Tratamento de Preservação e Conservação*, Lisboa, Relatório de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação, apresentado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2008.

seu sogro. Em 1873, sucedem-lhe comercialmente seus filhos, Narcizo e Olindo Leitão, surgindo aí a designação de Leitão & Irmão, a qual se mantém até aos dias de hoje.

Não sendo terreno intocado, a temática não foi explorada de forma exaustiva. Se sobre prataria, ourivesaria e joalheria existem vários trabalhos, sobre as encomendas da Casa Real apenas se encontram referências esporádicas. Vejamos, enquanto no estudo das pratas se salientam os trabalhos de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, em diversos livros e artigos, nomeadamente no estudo dos ourives portuenses<sup>6</sup> e de coleções particulares, em especial no Norte do país<sup>7</sup>; na ourivesaria destacam-se as obras de Nuno Vassalo e Silva, que se tem centrado, em especial, no estudo de coleções régias<sup>8</sup> e em peças de aparato<sup>9</sup>, particularmente nos séculos XVI e XVII. Outra perspetiva é-nos dada através dos inventários de bens de cristãos novos, presos pelo Santo Ofício, em que o estatuto do preso era dado pela sua riqueza, onde se incluíam entre os bens, as pratas e as joias. Esta temática está amplamente explicada na obra *Bens de Hereges- Inquisição e Cultura Material Portugal e Brasil (séculos XVII e XVIII)*<sup>10</sup>. Relativamente ao ouro e às gemas originárias do Brasil, que vieram incrementar o luxo, na corte portuguesa do século XVIII, poderemos em *A Herança das Américas em Portugal*, ter uma exposição sobre o tema, sobretudo nas vastas tipologias das joias usadas para ornamentação<sup>11</sup>. Também o artigo, “As Joias de D. Pedro e D. Maria, Príncipes do Brasil em 1765: Cor, Brilho e Exotismo na Corte”<sup>12</sup>, aborda esse tema, mais precisamente o inventário das ditas de D. Pedro e D. Maria I, referindo as mais usadas ou preferidas pela princesa do Brasil e lembrando que esta sempre as admirou.

Outros trabalhos são igualmente de referir, nomeadamente o de Madalena Braz Teixeira, intitulado, *O Triunfo da Joalheria*, que abrange matérias como os diversos usos e o importante papel social das joias, as quais continuam a representar magnificência, estatuto e

---

<sup>6</sup> Gonçalo Vasconcelos e Sousa, *Pratas Portuguesas em Coleções Particulares*, Porto, Instituto Português de Museus, 1998; Idem *A Joalheria em Portugal: 1750-1825*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1999; Idem, *A Ourivesaria da Prata em Portugal e os Mestres Portuenses: História e Sociabilidade (1750- 1810)*, Porto, ed. Autor, 2004; Idem, *Artes da Mesa em Portugal: do século XVIII ao século XIX*, Porto, Edição de Maria João Oliveira, 2002, 2ª. ed., Porto, Livraria Civilização, 2005; Idem, *A Joalheria no Porto no tempo dos Almadás*, Porto, CITAR, 2008.

<sup>7</sup> Gonçalo Vasconcelos e Sousa, *Os Paliteiros em Prata do Clube Portuense*, Porto, Clube Portuense, 1999; Idem, *A Ourivesaria e Paramentaria da Misericórdia do Porto*, Porto, Santa Casa da Misericórdia, 1998; Idem, *Pratas em Coleções do Douro*, Porto, Bienal da Prata de Lamego, Lello Editores, 2001; Idem, *Colecção de Joias do Museu dos Biscainhos*, Porto, UCE-Porto, CIONP, CITAR, 2011.

<sup>8</sup> Nuno Vassalo e Silva, *As Coleções de D. João IV no Paço da Ribeira*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003.

<sup>9</sup> Nuno Vassalo e Silva, *Obras-Primas da Arte Portuguesa-Ourivesaria*, Lisboa, Athena-Babel, 2011.

<sup>10</sup> Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, *Bens de Hereges- Inquisição e Cultura Material Portugal e Brasil (séculos XVII e XVIII)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

<sup>11</sup> Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, *A Herança das Américas em Portugal*, Lisboa, Edição do Clube do Colecionador, 2007.

<sup>12</sup> Isabel M. R. Mendes Drumond Braga e Paulo Drumond Braga “As Joias de D. Pedro e D. Maria, Príncipes do Brasil em 1765: Cor, Brilho e Exotismo na Corte”, *Rumos e Escrita da História: Estudos e Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, Lisboa, Colibri, 2006, pp. 287-309.

poder<sup>13</sup>. No que se refere à Leitão & Irmão apenas se conhece uma pequena publicação da Câmara Municipal de Lisboa, um artigo sobre as peças mais conhecidas<sup>14</sup> e um outro sobre peças de joalheria da Leitão & Irmão atualmente no Palácio Nacional da Ajuda<sup>15</sup>, também temos conhecimento de um estudo sobre a obtenção do estatuto de fornecedor da Casa Real<sup>16</sup>. Em 2013, saiu publicado na revista *Artis-Revista de História de Arte e Ciências do Património*, um artigo denominado “A Taça Brasil da Casa Leitão & Irmão Joalheiros da Corôa”<sup>17</sup>. Esta peça foi encomendada pelo rei D. Carlos, por ocasião da projetada visita do soberano ao Brasil em 1908, a qual não se efetuou devido ao regicídio, tendo sido enviada posteriormente por seu filho D. Manuel II, ao presidente dos Estados Unidos do Brasil, como estava planeado.

Consequentemente, o estudo das compras da família real portuguesa àquela joalheria está por fazer.

---

<sup>13</sup> Madalena Braz Teixeira, *O Triunfo da Joalheria*, Lisboa, Caleidoscópio, 2007.

<sup>14</sup> Filomena Costa, *Leitão & Irmão-Antigos Joalheiros da Corôa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2001.

<sup>15</sup> Teresa Maria Chaves da Luz Maranhães, *A Coleção da Casa Leitão & Irmão no Acervo do Palácio Nacional da Ajuda*, Porto, Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, 2009.

<sup>16</sup> Lourenço Correia de Matos, *Os Fornecedores da Casa Real (1821-1910)*, Lisboa, Dislivro Histórica, 2009, p. 126.

<sup>17</sup> Maria João Neto, “A Taça Brasil da Casa Leitão & Irmão Joalheiros da Corôa”, *Artis-Revista de História da Arte e Ciências do Património*, Lisboa, 2013, pp. 126-137.

## 1. A Ourivesaria e a Joalheria em Portugal: algumas notas

A ourivesaria é a arte de trabalhar os metais nobres através de variadas técnicas, podendo recorrer-se a materiais complementares, como o marfim, a madrepérola, o coral, as gemas e a laca, entre outros. Deste modo, estão também incluídas na ourivesaria a prataria, a joalheria e outros objetos executados com materiais preciosos. Os técnicos que produzem estas peças denominam-se ourives da prata e do ouro, tendo, estes últimos, adquirido mais projeção ao longo dos tempos, por este material ser tradicionalmente mais valorizado e, conseqüentemente, mais apetecido por todos os grupos sociais.

A arte da ourivesaria portuguesa antecipa a própria nacionalidade. A peça aceite como sendo a mais antiga executada em Portugal é o cálice de São Geraldo<sup>18</sup>, datado dos finais do século X ou inícios do XI. Esta obra pertence ao Tesouro da Sé de Braga. Dadas as necessidades do culto e da importância de aforro e cunhagem de moeda, as oficinas de ourives acompanharam o desenvolvimento das principais comunidades portuguesas. Encontram-se desde o início da nacionalidade a trabalhar para os senhores de Guimarães e Braga, estendendo-se também para o Sul<sup>19</sup>. Inicialmente para Coimbra e, posteriormente, para o Porto e Lisboa. Nas jazidas arqueológicas, encontram-se com frequência joias como braceletes, torques e arrecadas.

Muitos dos primeiros ourives foram moçárabes e judeus instalados há muito na Península Ibérica, desenvolvendo estes temas, temos os trabalhos de Maria Filomena Lopes de Barros<sup>20</sup> e de Maria José Pimenta Ferro Tavares<sup>21</sup>. Os judeus foram até ao início de século XV, os principais fornecedores da Casa Real<sup>22</sup>. O trabalho dos metais preciosos foi sempre condicionado por alvarás e outros instrumentos régios.

Durante a Idade Média houve a necessidade de agrupar mesteres ou ofícios para ser mais fácil regulamentar o processo produtivo, o primeiro regimento de corporações foi criado em 1489<sup>23</sup>. Estas associações, as corporações, visavam pessoas qualificadas que desempenhassem determinadas funções, eram hierarquizadas começando no aprendiz, passando pelo oficial e terminando no mestre. As corporações representavam um só mester

---

<sup>18</sup> Nuno Vassalo e Silva, *Obras-Primas da Arte Portuguesa*, Lisboa, Athena, 2011, p. 9.

<sup>19</sup> *Idem*, *Ibidem*, p. 9.

<sup>20</sup> Maria Filomena Lopes de Barros, *Tempos e Espaços de Mouros: a minoria muçulmana no reino de Portugal (séculos XII a XV)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007.

<sup>21</sup> Maria José Pimenta Ferro Tavares, *Os Judeus em Portugal no século XV*, vol. 1, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1982 e vol. 2, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.

<sup>22</sup> Nuno Vassalo e Silva, *Obras-Primas da Arte Portuguesa*, [...], p. 9.

<sup>23</sup> Marcello Caetano, “A antiga organização dos mesteres da cidade de Lisboa”, in Franz-Paul Langhans, *As Corporações dos Ofícios Mecânicos. Subsídios para a sua História*, vol. I, Lisboa, 1943, pp. XIII-XIV.

ou vários, agrupados de acordo com as suas afinidades<sup>24</sup>. Foram estabelecidas regras para o desempenho de uma profissão, às quais ficavam obrigados todos os mesterais, sendo também requerido a estes um exame para se saber se estavam aptos a desempenhar as funções. Para se prestar serviço em determinado ofício era necessário ser membro da corporação respetiva. Os mesteres ou ofícios estavam arruados ou seja dividiam-se por ruas, ainda hoje em Lisboa temos como designação: Rua do Ouro, da Prata, dos Bacalhoeiros, dos Correeiros, dos Douradores, dos Fanqueiros, dos Sapateiros, exemplos de arruamentos em que estes ofícios estavam agrupados com a finalidade de se protegerem, mas também para se vigiarem mutuamente quanto à qualidade e quantidade de produtos, preços e métodos para atrair o cliente<sup>25</sup>. Em 1383, foi criada por D. João, Mestre de Avis, em Lisboa, a Casa dos Vinte e Quatro, composta por representantes das corporações de oficiais com o objetivo de que participassem no governo da cidade<sup>26</sup>. A par das corporações e mesteres criaram-se as respetivas confrarias, para fomentar as práticas do culto cristão dos seus membros a um santo patrono. Eram associações em que se agrupavam os *irmãos* para auxílio mútuo, tanto no material como no espiritual<sup>27</sup>. No caso dos ourives o santo patrono é Santo Elói, que o é também dos ferreiros e de um modo geral dos que trabalham o metal.

Ao longo dos tempos, a ourivesaria portuguesa teve maior representação nas alfaias litúrgicas. A produção de objetos de ourivesaria foi destinada tanto ao mundo leigo como ao religioso. No entanto, foram mais as peças de arte sacra que chegaram até aos nossos dias. Exemplo disso é a custódia de Belém, cuja autoria é atribuída a Gil Vicente, produzida com o ouro que Vasco da Gama trouxe de Quíloa em 1503, no regresso da sua segunda viagem à Índia, encontrando-se em exposição no Museu de Arte Antiga, em Lisboa<sup>28</sup>.

Desde o início da expansão marítima, no século XV, que Portugal buscava o ouro, tão escasso na Europa dos fins da Idade Média. As feitorias de Arguim e da Mina, na costa ocidental africana e na região oriental do Zambeze, forneceram aos portugueses certa abundância do precioso metal. Todavia em meados do século XVI, começou a notar-se um acentuado decréscimo do ouro da Mina, mas o ouro da região do Zambeze/Monomotapa, destinado sobretudo ao comércio com a Índia, continuou com importância até finais do século XVII.

---

<sup>24</sup> António Cruz, “Corporações”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, pp. 188-189.

<sup>25</sup> A. H. de Oliveira Martins, “Mesterais”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, pp. 282-284.

<sup>26</sup> Joaquim Romero Magalhães, “A Forte Presença dos Mesteres”, *História de Portugal*, dir. José Mattoso, vol. 3, *No Alvorecer da Modernidade*, coordenação de Joaquim Romero Magalhães, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2014, pp. 346-349.

<sup>27</sup> António Cruz, “Confraria”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, pp. 153-154.

<sup>28</sup> Nuno Vassalo e Silva, *Obras-Primas da Arte Portuguesa*, [...], pp. 40-43.

A joalheria no século XVI alcançou um grande requinte em Portugal pela afluência das gemas do Oriente (como acima foi referido) e pela qualidade técnica da sua execução<sup>29</sup>. Originando a constituição de acervos riquíssimos, ficando afamado o impressionante conjunto de objetos preciosos da rainha D. Catarina d'Áustria<sup>30</sup>. A coleção iniciou-se com as joias que incluíam o seu dote, e que na generalidade provinham, da coleção de sua mãe, D. Joana de Castela. Diogo Vaz, o ourives da corte, esteve colocado em Goa vários anos e obtinha para a rainha os melhores diamantes. Em 1552, comprou-lhe um colar indiano com 400 diamantes e supervisionou a aquisição de 500 esmeraldas. O inventário de D. Catarina de 1528, regista peças como correntes em ouro, colares, cintos, brincos, anéis e pulseiras, quase todas pertencentes a sua mãe, muitas dessas joias eram peças grandes com diamantes, rubis e pérolas<sup>31</sup>. Com o passar do tempo, o seu gosto evoluiu para artigos mais requintados e específicos, como livros, baixelas de ouro e prata, tapeçarias flamengas, roupas caras e têxteis ricos de França, Itália, Espanha e Flandres, tendo ainda sido adquiridos, em seu nome, artigos de luxo em Goa, Ceilão, Malaca, Macau, Japão e China, contribuindo para aumentar o acervo de peças das infantas, aos quais se juntaram as que foram deixados por seu sogro o rei D. Manuel I.

Nos séculos XVI e XVII introduziu-se a marcação nos objetos de ourivesaria para identificação do artífice executante; porém, alguns ainda carecem dessa marcação, tendo somente inscrito a data da sua execução ou os brasões de armas dos seus proprietários<sup>32</sup>.

A joalheria nacional dos finais de seiscentos e da primeira metade de setecentos, baseava-se na utilização do ouro, da prata, dos diamantes e das esmeraldas. O afluir à metrópole de grande quantidade de diamantes, provenientes da colónia brasileira, suscitou o aparecimento de múltiplas joias de ornamentação, em especial as destinadas ao peito, às orelhas e à cabeça, para os mais abastados<sup>33</sup>. Das várias tipologias de joias, refiram-se as peças a colocar no pescoço, os colares de pérolas e de diamantes<sup>34</sup>.

O máximo de entrada de ouro registou-se em 1720 com 25.000 quilos. A partir daí a produção baixou, mas manteve valores altos até à década de 70, após o que se tornou claro o seu rápido esgotamento. Num Portugal destruído pelo terramoto e com poucos hábitos de

---

<sup>29</sup> Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, “Pratas Douradas e Joias na Região do Porto ao Tempo de Filipe II de Portugal”, *O Luxo na Região do Porto no tempo de D. Filipe II de Portugal (1610)*, coordenação de Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Porto, Universidade Católica Editora, [s.d.], p. 56.

<sup>30</sup> Annemarie Jordan, *A rainha colecionadora Catarina de Áustria*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012, pp. 32, 110.

<sup>31</sup> Idem, *Ibidem*, p.111.

<sup>32</sup> António Manuel Gonçalves, “Ourivesaria”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, pp. 490-498.

<sup>33</sup> Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva, “Ouro do Brasil”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, pp. 498-499.

<sup>34</sup> Rafael Bluteau, *Vocabulário Portuguez e Latino*, vol. 4, Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1713, p. 195.

produção, o Marquês de Pombal ressuscitaria a política mercantilista-produtiva, que tinha sido protelada meio século antes pela “invasão do ouro”<sup>35</sup>.

O reinado de D. João V, com a contribuição do ouro e das gemas oriundas da colônia brasileira, deixou-nos vários legados, entre eles o convento de Mafra, o aqueduto das águas livres, a capela de S. João Batista na igreja de S. Roque em Lisboa, e um conjunto único de custódias repletas de pedrarias, intensificando-se a produção de peças para paços e palácios, igrejas e conventos. Entre estas peças, salienta-se a custódia de D. José, nome que lhe foi atribuído por ter sido oferecida por este soberano à Sé de Lisboa, encomendada em 1748, lavrada em ouro e cravejada de pedras preciosas, foi efetuada na oficina do ourives Joaquim Caetano de Carvalho. Também a sumptuosa custódia que pertenceu à capela do Paço da Bemposta e que se encontra no Museu de Arte Antiga em Lisboa expressa o poder da casa real portuguesa e testemunha a afortunada época da mineração no Brasil<sup>36</sup>. Atribuída a sua autoria a João Francisco Ludovice, ourives e arquiteto de D. João V, tem sido datada entre 1740 e 1750. Esta informação sobre a autoria da custódia é contrariada por Nuno Vassalo e Silva, que defende que esta peça teria sido efetuada em data posterior, devido principalmente a técnicas mais avançadas na lapidação das pedras preciosas, mais precisamente de diamantes, na sua confeção foi utilizada prata dourada e uma profusão de gemas, acrescentando, que teria sido D. Pedro III, marido de D. Maria I, a encomendar a sua execução ao joalheiro da Casa Real, Adão Gottlieb Pollet<sup>37</sup>.

O poder económico da família real, bem como das grandes famílias, transformou o ofício de ourives do ouro em mester de prestígio, especialmente nos séculos XVII e XVIII. Genericamente poder-se-á considerar Lisboa como um centro importante de artífices do ouro, cravadores e lapidários, relacionados não só com a Casa Real mas também com a nobreza de corte setecentista, uma clientela rica que muito ajudou à expansão do negócio. O poder económico, gozado nesse período favoreceu também a encomenda de obras criadas nas luxuosas oficinas de Roma e Paris<sup>38</sup>. Apesar de Lisboa ter sido um entreposto importante na entrada de ouro e gemas, a qualidade dos joalheiros não era a melhor, predominando a tendência de efetuar encomendas a joalheiros estrangeiros<sup>39</sup>.

---

<sup>35</sup> Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva, “Mineração (no Brasil)”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, pp. 309-311.

<sup>36</sup> António Manuel Gonçalves, “Ourivesaria”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, pp. 490-498.

<sup>37</sup> Nuno Vassalo e Silva, *Obras-Primas da Arte Portuguesa*, [...], pp. 110-113.

<sup>38</sup> Manuela de Alcântara Santos, *Talheres de Prata de Guimarães: Séculos XVIII e XIX*, 1ª. ed., Porto, Universidade Católica Editora, 2012, p. 36.

<sup>39</sup> Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, *A Herança das Américas em Portugal*, Lisboa, Edição do Clube do Colecionador, 2007, p. 45.

A produção dos objetos de ourivesaria foi destinada tanto para o mundo leigo como para o religioso. As peças sacras mais utilizadas, ao longo dos séculos, foram o cálice, o gomil e bacia de água para as mãos, a concha de batismo, as salvas, os relicários, as cruzes e os castiçais. Para uso quotidiano, destacam-se os talheres, constituídos por garfo, colher e faca, os serviços de café e de chá, peças para higiene e objetos de escrita. Tanto num caso como no outro houve ainda uma extraordinária produção de peças para uso pessoal, como alfinetes, anéis, berloques, bolsas, botões, braceletes, brincos, broches, caixas para charutos, cigarreiras, colares, coroas, lapiseiras, pulseiras, tiaras e de fivelas para calção ou para calçado.

Salienta-se que na segunda metade de setecentos e na primeira de oitocentos, os retratos reais e da nobreza, manifestam o uso de joias, tanto no masculino como no feminino. No primeiro caso destaca-se o uso de botões de gravata, anéis, fivelas de chapéu ou de sapato, botões de diamante, tanto nos casacos como no colete e calções, além dos hábitos das distintas ordens militares, como a ordem de Cristo ou de Santiago. No feminino, sendo o uso de joias muito mais rico que no masculino, salienta-se a ornamentação de toucados, brincos, pulseiras, guarnições de corpetes e ainda insígnias das ordens militares<sup>40</sup>.

Na Europa, a moda era ditada por França desde os finais do século XVII, mais propriamente pela corte de Versalhes. A corte e os abastados em geral viam em Paris, o supremo luxo e elegância e faziam encomendas similares às da corte parisiense. D. João V não era exceção. O “quinto” cobrado pelo soberano relativamente à produção de cada mina de ouro, prata e pedras preciosas das vastas jazidas do Brasil, conferia a D. João V, avultadas quantias o que lhe dava o poder de se igualar à corte parisiense, encontrando-se em condições de encomendar a Thomas Germain ourives francês da época, uma sumptuosa baixela em prata<sup>41</sup>, a qual se perdeu com o terramoto de 1755, seguido do grande incendio, que arrasou grande parte da cidade de Lisboa, incluindo o palácio real junto ao Tejo<sup>42</sup>. O desaparecimento da primeira baixela fez com que D. José I tivesse encomendado outra, que constava de 1270 peças, desta vez a François Thomas Germain, filho e sucessor do ourives parisiense que falecera entretanto. Todavia, em 1765, com a falência do mencionado ourives real, as remessas foram interrompidas e o serviço não chegou a ser concluído<sup>43</sup>. Também foi encomendado por D. José I, aos mesmos ourives parisienses, um talher de ouro maciço para mesa e outro para sobremesa, cada um composto de três peças que faziam parte de um

---

<sup>40</sup> Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, *A Joalheria em Portugal 1750-1825*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1999, pp. 147-177.

<sup>41</sup> Isabel da Silva Godinho (dir.), *A Baixela de Sua Majestade Fidelíssima: uma obra de François Thomas Germain*, Lisboa, I.P.P.A.R., 2002.

<sup>42</sup> José da Cunha Saraiva, *A Baixela Germain: subsídios para a sua história*, Lisboa, Bertrand, 1934.

<sup>43</sup> Leonor d'Orey, *A Baixela da Coroa Portuguesa*, Lisboa, Edições Inapa, 1991.

«aparelho para almoço» em ouro maciço para seu uso pessoal<sup>44</sup>. A hierarquia dos metais pretende reforçar a hierarquia social: o ouro para o rei e a prata para os cortesãos<sup>45</sup>. A prata dourada vem para o ato final do banquete com os talheres de sobremesa. A alta nobreza esforçando-se para acompanhar os padrões e comportamentos da família real, também encomendava peças a ourives franceses<sup>46</sup>.

Com a ida para o Brasil da família real portuguesa em virtude das invasões francesas, a baixela embarcou antes da chegada das referidas tropas. Com a independência do Brasil deu-se a partilha da baixela: um lote ficou naquele território, mas a maior parte das peças voltou a Portugal, em 1821, com o regresso de D. João VI, continuando a ser usada em receções de Estado nos antigos palácios reais.

Findas as Invasões francesas e a saída dos seus exércitos de Portugal, foi em prata que se efetuou uma baixela, denominada da Vitória, desenhada e iniciada em 1813 sob orientação de Domingos António de Sequeira, e oferecida pelo príncipe regente D. João, ao general britânico Arthur Wellesley, futuro duque de Wellington, como agradecimento pela libertação do território português dos invasores franceses<sup>47</sup>. Esta encomenda, a maior jamais executada por ourives nacionais, um magnífico serviço em prata para cinquenta e cinco pessoas, não tem paralelo na ourivesaria portuguesa<sup>48</sup>. Essa oferta encontra-se no Wellington Museum, em Londres<sup>49</sup>.

A exploração do ouro e gemas no Brasil veio propiciar a aquisição, de produtos de joalheria a quem tinha posses para as adquirir. Essa invasão de matérias-primas e as quantidades de gemas que não chegaram ao conhecimento da coroa, por tratar-se de contrabando, originou um abaixamento nos preços, possibilitando a sua aquisição a um maior número de compradores.

As melhores coleções de joias do Reino eram as da família real e da nobreza, onde podemos encontrar a melhor produção nacional, ao lado de peças de outras proveniências, nomeadamente resultantes dos dotes das rainhas e de uma certa internacionalização da alta nobreza portuguesa com a sua congénere europeia<sup>50</sup>. Desde o final do século XVIII até ao XIX, trabalharam para a Casa Real os ourives e lapidários, de entre os que se destacam, João

---

<sup>44</sup> Manuela de Alcântara Santos, *Talheres de Prata de Guimarães: Séculos XVIII e XIX*, [...], p. 36.

<sup>45</sup> Maria Leonor Sampaio Borges Sousa d'Orey, Catálogo *Tesouros Reais, A Baixela dos Reis de Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Palácio Nacional da Ajuda, 1992, pp. 290-293.

<sup>46</sup> Manuela de Alcântara Santos, *Talheres de Prata de Guimarães: Séculos XVIII e XIX*, [...], p. 36.

<sup>47</sup> Nuno Vassalo e Silva, *Obras-Primas da Arte Portuguesa*, [...], p. 122.

<sup>48</sup> Leonor d'Orey, "A Baixela desenhada por Domingos António Sequeira", *I Colóquio Português de Ourivesaria Actas*, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1999, pp. 39-54.

<sup>49</sup> António Manuel Gonçalves, "Ourivesaria", *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editorial do Minho, 1981, p. 497.

<sup>50</sup> Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, *A Joalheria em Portugal 1750-1825*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1999, p. 9.

dos Santos Pannaye, Adam Gottlieb Pollet, seu filho David Ambrósio Pollet, Manuel Lopes de Oliveira, João Paulo dos Santos, Carlos José e Carlos Diogo van Nes, José Luís da Silva e António Gomes da Silva, ourives e Tomás de Bastos e seu filho Sebastião Pedro de Bastos, lapidários. Também prestaram os seus serviços à Casa Real as firmas Jean Gore & C<sup>a</sup>. e Purry Mellish & Devisme<sup>51</sup>.

A joalheria atinge em Portugal, na segunda metade do século XVIII e início do século XIX<sup>52</sup>, um dos seus pontos mais importantes, nessa época existiam em Portugal um conjunto de ourives do ouro, cravadores e lapidários, que tiveram a capacidade de criar uma joalheria com cunho próprio digna de realce. Os centros mais importantes para o desenvolvimento desta arte foram localidades como Lisboa, Porto, Évora, Coimbra, Braga e Guimarães. A importância dada pelas populações às joias reforça a existência de numerosos ourives de Norte a Sul do País. O contacto com as populações dava-se não só pela venda nas suas oficinas, mas também através da itinerância, percorrendo o país com as suas fazendas pelas feiras e romarias, divulgando assim o seu trabalho<sup>53</sup>.

A diversidade de gemas utilizadas na joalheria, muitas provenientes do Brasil, ao serem de várias cores, ocasionou que este período fosse denominado de “festa da cor”<sup>54</sup>. As joias realizadas neste período, para a família real, incluíam diamantes com talhe em brilhante e outras gemas preciosas, permitindo-nos imaginar a grandeza e o valor das mesmas que eram ofertadas aos diversos elementos da Casa Real pelos seus aniversários.

---

<sup>51</sup> Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, *A Joalheria em Portugal 1750-1825*, [...], p. 115.

<sup>52</sup> Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, *A Joalheria em Portugal 1750-1825*, [...], p. 209.

<sup>53</sup> Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, *A Joalheria em Portugal 1750-1825*, [...], p. 9.

<sup>54</sup> Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, *A Ourivesaria no Porto nos séculos XVIII e XIX, O Tripeiro*, 7<sup>a</sup>.ed., n.º 1-2, Porto, 1995; Idem, *A Joalheria* [...], p. 12.

## 2. A Leitão & Irmão

Os registos sobre a Casa Leitão têm origem no ano de 1822, quando José Pinto Leitão<sup>55</sup> (1798-1866) se submeteu, com êxito, ao exame de ourives do ouro, na Confraria de Santo Elói, da cidade do Porto, dando continuação ao negócio de seu sogro, José Teixeira da Trindade, a quem D. Pedro, duque de Bragança, teria prometido o título de ourives da Casa Real como recompensa por um empréstimo concedido à causa liberal<sup>56</sup>.



Fig.1- Maria Delfina Trindade e José Pinto Leitão - gravura retirada de [www.leitao-irmao.com](http://www.leitao-irmao.com), em 18 de março de 2014.

A oficina situava-se na Rua das Flores, freguesia da Sé, uma via aberta a partir de 1521, no final do reinado de D. Manuel I, típico arruamento dos ourives do ouro, herdeiro das antigas corporações e mesteres. Passou a ser uma das principais ruas da cidade, escolhida por nobres e abastados que aí construíram luxuosos palacetes, sendo considerada a zona mais rica da cidade. Albergava imensos ourives e comerciantes de ouro e joias, além de cirurgiões, sapateiros, serralheiros e ferreiros, entre outros ofícios. A loja - oficina distinguia-se pelo trabalho à vista do cliente junto ao balcão de venda, onde eram comercializados os artigos típicos da época: o coração, a arrecada e o cordão executados em filigrana de ouro.

Em 1873, José Pinto Leitão é reconhecido como Ourives da Casa Imperial do Brasil, devido à excelência das peças executadas<sup>57</sup>. Nessa mesma data, sucederam-lhe os filhos: Narcizo Tomás Pinto Leitão e Olindo José Trindade Pinto Leitão, surgindo daí a designação de Leitão & Irmão<sup>58</sup>. Em 1875, Leitão & Irmão “com estabelecimento de Ourivesaria na rua das Flores da Cidade do Porto”, alega que “tendo fornecido a Vossa Majestade diversos objetos do seu estabelecimento pretendem por isso que Vossa Majestade haja por bem de lhe conceder a graça de serem considerados fornecedores da Sua Real Casa, a fim de poderem

<sup>55</sup> Filomena Costa, *Leitão & Irmão Antigos Joalheiros da Corôa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2001, p. 10.

<sup>56</sup> Lourenço Correia de Matos, *Os Fornecedores da Casa Real (1821-1910)*, Lisboa, Dislivro Histórica, 2009, p. 126.

<sup>57</sup> Filomena Costa, *Leitão & Irmão Antigos Joalheiros da Corôa*, [...], p. 10.

<sup>58</sup> Lourenço Correia de Matos, *Os Fornecedores da Casa Real*, [...], p. 126.

assim usar em sua fatura”<sup>59</sup>. Este pedido foi despachado favoravelmente a 21 de Setembro, sendo passado alvará de ourives honorários da Casa Real, a 19 de Outubro do mesmo ano.

Em 1877, é inaugurada uma loja em Lisboa no, então, Largo do Loreto ou das duas Igrejas<sup>60</sup> – hoje Largo do Chiado, zona elegante da capital. A edição de 7 de Abril, do *Diário de Notícias*, menciona:

“O Largo das Duas Igrejas vae tornar-se um centro dos mais luxuosos de commercio. Aos esplendores da Casa Havanesa, vasto e hospitaleiro estabelecimento,[...] vem agora disputar primazias a ourivesaria dos Srs Leitão & Irmão, do Porto, ante a qual hontem parava embasbacada e cobiçosa a multidão, deslumbrada pela magnificiencia d’aquelle estabelecimento. O seu aspecto é deslumbrante. [...] um jogo de riquíssimos espelhos reflete e reproduz ao infinito a variada colecção de baixellas e joias qua adornam as vidraças, de dia à luz do sol, de noite à claridade do gaz derramado de dois vistosos candelabros e de muitas serpentinas”<sup>61</sup>.

Esta deslocação da Leitão & Irmão para a capital marca o início de um empreendimento artístico, com inspirações populares, tendo tido a colaboração de artistas de áreas distintas, como Rafael e Columbano Bordalo Pinheiro<sup>62</sup>. O investimento em formação de ourives a nível internacional não foi esquecido, tendo trazido para Lisboa novas técnicas importadas das cidades mais avançadas para a época, como Paris, Londres ou Nova Iorque. Esse desenvolvimento fez com que este estabelecimento fosse considerado um dos melhores na arte da ourivesaria nacional e captasse a atenção da família real.

Com a proximidade do casamento do príncipe D. Carlos, em Maio de 1886, a Casa Real efetuou uma encomenda com a lista de presentes para a noiva, a princesa D. Amélia. Quando foram entregues, as peças causaram grande impacto e satisfação aos monarcas. O maior reconhecimento viria no final do ano de 1887, com a mercê do título de “Joalheiros da Corôa”<sup>63</sup>, concedido por alvará de 23 de Dezembro. Nos anos seguintes, registou-se uma grande atividade no comércio de artigos de joalheria de luxo e obras de artes decorativas para as famílias mais abastadas do país. O título de *Joalheiros da Coroa* perdeu-se com a República. Todavia, a sua punção continuou a marcar as peças com que se assinalaram as mais importantes efemérides e se presenteavam as personagens mais ilustres.

Através da correspondência, tomámos conhecimento de alguns dos clientes mais importantes, como os soberanos portugueses D. Luís I e D. Maria Pia de Saboia, D. Carlos, D. Fernando II, a condessa d’Edla e o infante D. Augusto, cujas aquisições serão analisadas

<sup>59</sup> *Apud.* Lourenço Correia de Matos, *Os Fornecedores da Casa Real*, [...], p. 126.

<sup>60</sup> *Apud.* Lourenço Correia de Matos, *Os Fornecedores da Casa Real*, [...], p. 126.

<sup>61</sup> *Apud.* Filomena Costa, *Leitão & Irmão Antigos Joalheiros*, [...], p. 10.

<sup>62</sup> *Idem*, *Ibidem*, p. 10.

<sup>63</sup> Lourenço Correia de Matos, *Os Fornecedores da Casa Real*, [...], p. 126.

em capítulos seguintes, sem esquecer nobres, como, por exemplo, a duquesa de Palmela, o marquês da Foz, e o conde da Foz.

Em Portugal, na mesma época, trabalharam também para a Casa Real, José Estêvão de Sousa em 1870, José Rosas Júnior e Mourão & Irmão, tendo executado peças para a rainha D. Maria Pia e para a condessa d'Edla. Foram contemporâneas da Leitão & Irmão, afamadas joalharias internacionais, como a Mellerio dits Meller<sup>64</sup>, fundada em 1613 na cidade de Paris; a Tiffany & Co<sup>65</sup>, em 1837 na Quinta Avenida, em Nova Iorque; a Cartier<sup>66</sup>, em 1847, e a Boucheron<sup>67</sup>, em 1858, ambas em Paris, assim como a Fabergé<sup>68</sup>, em 1870, em São Petersburgo; a Chaumet<sup>69</sup> fundada em 1780 na cidade de Paris e a Bulgari<sup>70</sup>, fundada em 1884, em Roma.

Desde cedo, a Leitão & Irmão manteve-se em contacto com fornecedores estrangeiros. Da correspondência expedida, temos conhecimento de várias cartas, entre elas uma datada de 26 de Janeiro de 1887, endereçada ao Sr. Venderheyen<sup>71</sup>, estabelecido em Paris, em que eram solicitados dois tipos de catálogos: 12 de luxo para os clientes mais importantes, entre os quais se incluíam o rei D. Luís, a rainha D. Maria Pia, D. Carlos, duque de Bragança, D. Augusto, duque de Coimbra, D. Afonso, duque de Beja, a duquesa de Palmela, o Presidente do Conselho, Dr. José Luciano de Castro e o Ministro dos Negócios Estrangeiros e 100, para a distribuição em geral. A Leitão & Irmão também procurava divulgar os seus trabalhos. Assim, através de uma carta com data de 15 de Março de 1887, endereçada a Mariano Pina que se encontrava em Paris, propunha-se a exibição, nas páginas da revista *Ilustração*, da espada oferecida por D. Luís ao Imperador da Alemanha, salientando ainda que a mesma tinha sido executada nas oficinas da Leitão & Irmão. Temos também conhecimento de uma carta, datada de 18 de Dezembro de 1887, também endereçada

---

<sup>64</sup> Jean-François Mellerio (1772-1843) foi o seu fundador. Esta joalharia teve o seu primeiro estabelecimento comercial na Rue do Coq Saint-Honoré, posteriormente foi o primeiro joalheiro na Rue de la Paix, em Paris, [www.mellerio.fr](http://www.mellerio.fr), consultado em 18 de março de 2014.

<sup>65</sup> Charles Lewis Tiffany (1812-1902), fundador da Tiffany & Co, abriu sucursais em Paris em 1850 e em Londres em 1868, [www.tiffany.com](http://www.tiffany.com), consultado em 18 de março de 2014.

<sup>66</sup> Louis François Cartier (1819-1904), teve o seu primeiro estabelecimento na Rue Montorgueillem e posteriormente na Rue de la Paix. Em 1905 o Rei D. Carlos conferiu-lhe o título de fornecedor oficial da corte, tendo sido o terceiro alvará real que a Cartier obteve, [www.cartier.com](http://www.cartier.com), consultado em 18 de março de 2014.

<sup>67</sup> Frédéric Boucheron, teve a sua primeira loja nas Galerias Valois nas Arcadas do Palais Royal e posteriormente na Place Vendôme, [www.boucheron.com](http://www.boucheron.com), consultado em 18 de março de 2014.

<sup>68</sup> Karl Socatelli Gustavovich Fabergé, mais conhecido por Peter Carl Fabergé (1846-1920), fundador da prestigiosa joalharia russa domiciliada em São Petersburgo. [www.faberge.com](http://www.faberge.com), consultado em 18 de março de 2014.

<sup>69</sup> Casa fundada em 1780, por Marie-Etienne Nitot, Em 1885 Joseph Chaumet (1852-1928), assumiu o controlo da Casa e em 1907, abriram estabelecimento comercial na Place Vendôme em Paris, [www.chaumet.com](http://www.chaumet.com), consultado em 18 de março de 2014.

<sup>70</sup> Sotirio Bulgari (1857-1932), iniciou a sua atividade com um estabelecimento na Via Sistina em Roma, [www.bulgari.com](http://www.bulgari.com), consultado em 18 de março de 2014.

<sup>71</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-057- Livro de Correspondência relativo ao ano de 1887.

a Mariano Pina<sup>72</sup>, em Paris, onde se comunica que o rei D. Luís tinha encomendado um cálice para presentear o Papa; a execução desta peça, uma verdadeira obra de arte, foi efetuada por artistas portugueses da Leitão & Irmão, solicitando-se a sua publicação na referida revista, mencionando-se ainda que o monarca se comprometia a pagar a despesa.

Da correspondência recebida por este estabelecimento, constam diversas missivas dos fornecedores (na sua maioria franceses), com as quantias a receber. Numa carta enviada pela Fabrique de Bijouterie en Or, datada de 9 de agosto de 1886, era solicitado o pagamento de 2.900 francos, referente a brilhantes, safiras e rubis solicitados pela firma portuguesa para dar seguimento a um pedido efetuado pela rainha D. Maria Pia<sup>73</sup>. Existe uma outra carta enviada por Émile Venderheyen, de Paris, datada de 21 de fevereiro de 1877, solicitando à Leitão & Irmão a quantidade de catálogos a enviar para serem distribuídos pelos melhores clientes e vendidos os restantes, pois tratava-se de uma edição limitada<sup>74</sup>. Dentro da mesma referência, uma outra carta designando a Leitão & Irmão, como representante da firma francesa *Des Domaines de la Seine*, com sede na Rue de la Banque, 9 Paris, para a venda de diamantes, pérolas e joias da coleção, chamada joias da coroa; também se menciona que receberiam proximamente um certo número de catálogos para responder aos pedidos dos clientes. Existe igualmente uma carta recebida de Paris, de Mariano Pina, que seria o correspondente da revista *A Ilustração*, onde este se justificava pelo atraso da publicação da reprodução da espada oferecida por D. Luís I ao Imperador da Alemanha; na mesma missiva, questionava se ainda valeria a pena a sua publicação, pois já tinha passado algum tempo e a notícia tinha perdido a atualidade.

Através dos registos da Leitão & Irmão, verifica-se que a mesma tinha comunicação dentro do país com as cidades do Porto, Faro e Coimbra e com as cidades europeias de Paris, esta com grande afluxo de mensagens, Londres, Bolonha, Bremen ou São Petersburgo e ainda com a cidade norte americana de Nova Iorque, o que denota para aquele tempo grande reconhecimento a nível nacional e internacional. A maioria das cartas com destinatário no estrangeiro, eram redigidas em francês, por se tratar do idioma predominante na diplomacia e nos assuntos internacionais nos séculos XVII a XX.

Em 1890, a Leitão & Irmão investiu em melhor e mais moderno equipamento, importado de França, Inglaterra e Alemanha, contratando os melhores ourives da cidade<sup>75</sup>. A história da conceituada ourivesaria e joalheria acompanha a História do país, sobrevivendo aos conturbados tempos da implantação da República e aos longos anos do Estado Novo,

---

<sup>72</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-059- Livro de Correspondência relativo aos anos de 1887-1889.

<sup>73</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-611- Correspondência de Paris-1886.

<sup>74</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-621- Correspondência -1887.

<sup>75</sup> Filomena Costa, *Leitão & Irmão Antigos Joalheiros da Corôa*, [...], p. 18.

encerrando a sua loja do Chiado em 1978, mas reabrindo-a em 2005 para continuar a atender os pedidos mais exigentes da sua vasta clientela.

Regista-se ainda a amizade e colaboração artística entre Jayme de Castro Leitão, terceira geração de proprietários, e René Lalique, mestre vidreiro e joalheiro francês, de quem ainda são representantes em Portugal<sup>76</sup>.

A quinta geração de proprietários, que neste momento gerem a Leitão & Irmão, tem grande empenho na sua modernização e na criação de peças exclusivas, com *design* moderno, para acompanhar a evolução na arte da joalheria e ourivesaria em Portugal.

A Leitão & Irmão distribui-se atualmente por três endereços em Lisboa, a saber: as lojas no Largo do Chiado 16 e 17, na Travessa da Espera, 8 a 14, e ainda na Galeria do *Lobby* do Hotel Ritz Four Seasons.

---

<sup>76</sup> Filomena Costa, *Leitão & Irmão Antigos Joalheiros da Corôa*, [...], p. 26.

### 3. Régios Clientes

#### 3.1 D. Luís



Fig. 2 – D. Luís - pintura de António José Rodrigues, 1863  
Palácio Nacional de Mafra.

D. Luís I<sup>77</sup>, de seu nome completo Luís Filipe Maria Fernando Pedro d'Alcântara António Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco d'Assis João Augusto Júlio Volfando Saxe-Coburgo-Gotha de Bragança e Bourbon, nasceu a 31 de outubro de 1838, no Palácio das Necessidades em Lisboa, segundo filho da rainha D. Maria II e de D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha. Teve educação conjunta com o seu irmão Pedro, mais tarde rei D. Pedro V. Os príncipes estudavam variadas matérias, dando-lhes estas a estrutura intelectual e uma cultura muito abrangente, que seu pai tanto defendia e cultivava. D. Luís fez carreira na Marinha, o que se tornou muito importante na sua formação, Ainda não perfizera 8 anos, foi nomeado guarda-marinha, ascendendo muito rapidamente na hierarquia, chegando, em 1858, a ser nomeado comandante da corveta *Bartolomeu Dias*, nesse tempo o mais recente e importante navio da marinha portuguesa. Fez várias viagens, entre as quais a Gibraltar, à Madeira, aos Açores, a Inglaterra, à Bélgica, a Angola, à Áustria e a Cabo Verde. A sua passagem pela Marinha deixou nele uma profunda paixão pela oceanografia. Por morte de seu irmão, o rei D. Pedro V, ascendeu ao trono de Portugal com 23 anos, em 11 de novembro de 1861. Casou<sup>78</sup> por procuração, em Turim, a 27 de setembro de 1862, com D. Maria Pia de Saboia, tendo o matrimónio sido ratificado em Lisboa, a 6 de outubro do mesmo ano. Faleceu, em Cascais, a 19 de outubro de 1889.

Da correspondência trocada entre a Casa do Rei D. Luís e a Leitão & Irmão, só tivemos conhecimento de cinco bilhetes dos anos de 1884 a 1887<sup>79</sup>. Os bilhetes são da autoria de servidores da Administração Geral da Casa do Rei, nomeadamente J. M. da Costa Fortunato e José Dias<sup>80</sup>. Os assuntos tratados reduziram-se a questões de gestão corrente e à liquidação de encomendas.

Em 1884, foi solicitado que se retirassem da conta da rainha D. Maria Pia 225.000 réis, relacionados com a aquisição de um alfinete de pérolas bronze, que seria liquidado pelo rei<sup>81</sup>.

Quanto aos pedidos de artigos para escolha, com data de 12 de agosto de 1886, foi solicitado à Leitão & Irmão, que fossem enviados objetos, que servissem para oferecer ao vencedor de uma regata. O bilhete tem o seguinte teor: “O Rei deseja escolher alguns objetos que possam ter aplicação para um prémio de regata”<sup>82</sup>.

---

<sup>77</sup> Luís Nuno Espinha da Silveira e Paulo Jorge Fernandes, *D. Luís*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012, p. 14.

<sup>78</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 53-58.

<sup>79</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>80</sup> Lisboa, A.P.N.A., cx. 8.5.2, doc. 5. Dos dois nomes citados, só o de José Dias se tem a certeza que foi criado particular de D. Luís, em relação a J. M. da Costa Fortunato, nada consta no arquivo.

<sup>81</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>82</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

Em 1887, a correspondência trocada com a joalheria, foi constituída por três bilhetes, em que um era relativo a uma aquisição, e os outros dois a pagamentos. A 21 de março, referia-se à aquisição de um anel, com o número 3178, e no valor de 108.000 réis<sup>83</sup>. A 1 de abril, comunicava-se que poderiam cobrar a quantia de 2.250.000 réis, conforme conteúdo do bilhete: “Leitão & Irmão pode mandar receber no dia 4, 2.250.000 por conta de 5.250.000 de um colar com 344 brilhantes e 40 rosas que adquiriu em maio de 1886”<sup>84</sup>. Por último, a 5 de outubro, nova comunicação para recebimento, neste caso da quantia de 1.000.000 réis, por conta da fatura de 31 de outubro de 1886, no valor de 745.900 réis<sup>85</sup>.

Os livros de contas correntes da Leitão & Irmão a que tivemos acesso, mencionam que D. Luís adquiriu setenta peças, no montante de 5.636.310 réis, durante o ano de 1877<sup>86</sup>, sendo o objeto mais caro, uma urna prémio de regata que ascendia a 440.000 réis e a mais barata a gravação que mandou efetuar num galheteiro no montante de 1.600 réis, que seguidamente se enumeram:

Quadro n.º 1- Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1877		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque	1	16.000
Berloque	1	13.500
Berloque	1	14.250
Berloque	1	15.500
Berloque	1	11.250
Medalha	1	225.000
Medalha	1	31.500
Terno de pérolas	1	36.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Bracelete	1	350.000
Bracelete turbam	1	36.000
Bracelete turbam	1	36.000
Pulseira	1	295.000
Pulseiras	2	27.000
Cadeia	1	36.000
Joias para mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anéis	2	13.500
Anel com três brilhantes	1	175.000
Anel com esmeralda	1	120.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura	1	54.000
Alfinete	1	27.500
Alfinete	1	27.000

<sup>83</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>84</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>85</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>86</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fols.1-2.

Quadro n.º 1 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1877 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Bandeja	1	235.000
Bugia	1	20.000
Caixa de lume	1	25.000
Caixa para lume	1	15.750
Caixa de ouro	1	40.500
Caixas de <i>toilette</i>	2	72.000
Canivete	1	22.500
Cesta	1	31.500
Comenda	4	80.000
Comenda de Ouro	1	54.000
Comenda de Cristo	1	20.000
Comenda de Cristo	1	13.500
Comenda de S. Tiago	1	10.000
Estojo lavatório	1	255.000
Faqueiro	1	235.000
Galheteiro	1	72.000
Gravura de coroa em faqueiro de cinquenta e cinco peças	1	46.200
Idem em duas peças	1	12.600
Idem em serviço de chá	1	5.160
Idem em galheteiro	1	1.600
Idem em bandeja	1	3.000
Lapiseira	1	12.500
Lapiseira	1	11.250
Lapiseira	1	11.250
Lapiseira	1	63.000
Lapiseira	1	15.000
Lapiseira	1	20.000
Lapiseira	1	11.250
Lapiseira	1	9.000
Lapiseira	1	21.000
Lapiseira	1	20.000
Lapiseira chave	1	25.000
Mostardeira	1	18.000
Bandeja	1	40.500
Par de pérolas	1	900.000
Par de serpentinhas	1	135.000
Perfumador	1	135.000
Serviço	1	265.000
Serviço de chá	1	300.000
Retrato de D. Maria II	1	54.000
Urna para prémio de regata	1	440.000
Tabuleiro	1	225.000
Tesoura para charutos	1	15.750
Tinteiro	1	58.500

Para o ano de 1878<sup>87</sup> o monarca adquiriu à Leitão & Irmão, dezoito peças no montante de 3.589.820 réis, a mais dispendiosa foi um anel pérola preto e branco, no valor de 600.000 réis e as mais económicas umas gravuras de letras por 4.500 réis. Em seguida, o quadro discriminado das aquisições:

Quadro n.º 2 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1878		
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com pérola rosa	1	500.000
Anel com pérola preta e branca	1	600.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Broche Cyones	1	200.000
Par de botões para terno	1	145.000
Par de botões punho pérolas	1	135.000
Par de botões de pérolas	1	45.000
Par de botões de pérolas	1	65.000
Par de botões de pérolas	1	90.000
Par de botões de pérolas	1	150.000
Par de botões de pérolas	1	145.000
Par de botões de pérolas	1	250.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Copo para prémio	1	138.500
Gravura de letras		4.500
Gravura no prémio		8.320
Lapiseira pistola	1	25.000
Peça de bronze para prémio	1	278.500
Prémio para regatas	1	475.000
Taça centro de mesa	1	155.000
Taça lado de mesa	1	90.000
Taça lado de mesa	1	90.000

D. Luís, adquiriu à citada joalheria no ano de 1879<sup>88</sup>, quarenta e três peças no montante de 8.676,750 réis, entre as quais a mais cara foi um broche três pérolas, pela quantia de 2.250.000 réis, e a mais barata foi um cesto em filigrana no montante de 8.000 réis, conforme o seguinte quadro:

<sup>87</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 3.

<sup>88</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 1.

Quadro n.º 3 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1879

Jóias para o pescoço		
Tipologia de jóias	Número	Montante (réis)
Berloque	1	36.000
Berloque	1	17.500
Berloque	1	27.500
Berloque	1	27.000
Berloque	1	31.500
Berloque	1	17.000
Berloque	1	16.000
Berloque	1	9.000
Berloque	1	27.000
Berloque	1	16.000
Berloque	1	18.000
Berloque	1	22.500
Berloques	2	27.000
Medalha	1	138.000
Jóias para os braços		
Tipologia de jóias	Número	Montante (réis)
Bracelete	1	680.000
Bracelete	1	138.000
Bracelete de brilhantes e esmeralda	1	750.000
Bracelete de esmalte preto/branco	1	360.000
Cadeia de pérolas	1	135.000
Pulseira	1	70.000
Jóias para as mãos		
Tipologia de jóias	Número	Montante (réis)
Anel	1	480.000
Anel cobra	1	450.000
Jóias para as roupas e calçado		
Tipologia de jóias	Número	Montante (réis)
Abotoaduras	1	24.750
Alfinete manta	1	20.000
Alfinete manta	1	22.500
Broche com três pérolas	1	2.250.000
Broche pérolas rosa	1	1.100.000
Broche com pérolas rosa e brilhantes	1	600.000
Par de botões	1	81.000
Outras peças		
Tipologia de jóias	Número	Montante (réis)
Assobio garra tigre	1	13.500
Bolsa	1	52.000
Bolsa de Gusó	1	64.000
Cesta	1	72.000
Cesto de filigrana	1	48.000

Quadro n.º 3 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1879 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cesto de filigrana	1	8.000
Cofre de prata	1	135.000
Ginga	1	45.000
Porta alfinetes	1	18.000
Pedestal em prata	1	95.000
Taça para cofre	1	135.000
Taça de cristal e prata	1	175.000
Taça para prémio de corridas	1	225.000

Para o ano de 1880<sup>89</sup>, as compras efetuadas, para o mesmo período de janeiro a junho, pelo rei D. Luís foram registadas em dois livros<sup>90</sup> distintos, enumerando as mesmas aquisições no montante de 1.888.500 réis, acrescido da quantia de 63.000 réis relativa a duas facas no montante unitário de 18.000 réis e uma pena na quantia de 27.000 réis, que só consta num livro<sup>91</sup>, perfazendo o valor total em compras para este ano 1.951.500 réis, relativos a vinte e uma peças, em que a aquisição mais cara foi um broche escravelho com o custo de 400.000 réis e as mais baratas foram duas facas e uma boquilha, no montante de 18.000 réis cada, distribuído da seguinte forma:

Quadro n.º 4 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1880		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Coroas de prata	2	350.000
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque garra	1	13.500
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura de platina	1	90.000
Alfinete e botões garra	1	90.000
Alfinete ferradura	1	54.000
Alfinete pérola preta	1	270.000
Broche	1	22.500
Broche escravelho	1	400.000
Broche tigre	1	125.000

<sup>89</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 1.

<sup>90</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 1. - ELI-357, fol. 1.

<sup>91</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 2.

Quadro n.º 4 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1880 (cont.)		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de botões camafeu	1	37.000
Par de botões camafeu	1	22.500
Par de botões punho	1	115.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Boquilha	1	18.000
Faca	1	18.000
Faca	1	18.000
Lapiseira	1	81.000
Lapiseira	1	20.000
Pena	1	27.000
Prémio para corrida	1	155.000
Não legível	1	25.000

No ano de 1881<sup>92</sup> as aquisições do monarca foram registadas também em dois livros de contas correntes diferentes<sup>93</sup>, para o mencionado ano temos aquisições de dezoito peças no montante de 2.196.750 réis, sendo a mais cara um alfinete ferradura com um custo de 495.000 réis e a mais barata um canivete de 9.000 réis, conforme quadro que se segue:

Quadro n.º 5 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1881		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Coroa prata	1	138.000
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque	1	10.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel de aço	1	54.000
Anel pérola rosa	1	450.000
Anel rubi	1	315.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (Réis)
Alfinete	1	18.000
Alfinete	1	12.000
Alfinete ferradura	1	49.500

<sup>92</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 2.

<sup>93</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 2. - ELI-357, fol. 1.

Quadro n.º 5 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1881 (cont.)		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete ferradura	1	495.000
Alfinete safira	1	150.000
Broche dragão	1	360.000
Par de botões de pérolas	1	29.250
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Canivete	1	18.000
Canivete	1	9.000
Garrafa	1	21.000
Lapiseira	1	20.500
Lapiseira	1	34.000
Revolver	1	13.500

Em 1882<sup>94</sup>, o soberano efetuou aquisições de vinte e duas peças no montante total de 872.500 réis, sendo a peça mais cara adquirida um copo russo pelo montante de 175.000 réis e a mais barata um par de botões de aço por 10.500 réis, conforme o mapa que se segue:

Quadro n.º 6 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1882		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque	1	36.000
Berloque	1	13.500
Colar antigo	1	27.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira	1	18.500
Pulseira de prata antiga	1	22.500
Pulseira de prata antiga	1	20.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel cobra com safira	1	72.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete camafeu	1	54.000
Alfinete olho-de-gato	1	95.000
Broche antigo	1	36.000
Broche antigo	1	45.000
Broches árabes em aço	2	54.000
Par de botões de aço	1	10.500

<sup>94</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 2.

Quadro n.º 6 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1882 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
<i>Assovie</i>	1	15.000
Caixa para fósforos	1	18.500
Caixas para fósforos esmaltadas	2	108.000
Copo russo	1	175.000
Lapiseira	1	18.000
Lapiseira	1	16.000
Sapo	1	18.000

Durante o ano de 1883<sup>95</sup>, D. Luís, adquiriu à Leitão & Irmão um total de quinze peças no montante de 794.500 réis, sendo a peça mais dispendiosa uma caixa de charutos por 190.000 réis e a mais barata um berloque por 3.000 réis, conforme o mapa seguinte:

Quadro n.º 7 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1883		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Prego	1	81.000
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque	1	4.500
Berloque	1	4.500
Berloque	1	3.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira	1	180.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinetes	2	13.500
Alfinetes manta	3	101.000
Par de botões	1	63.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Caixa de fósforos em aço	1	16.500
Caixa de charutos	1	112.500
Caixa de charutos	1	190.000
Palmatória	1	25.000

<sup>95</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 2.

Para o ano de 1884, D. Luís efetuou a aquisição de doze peças no montante total de 2.084.000 réis, entre as quais está incluída a importância de 120.000 réis, relativa a metade de um serviço. A peça mais dispendiosa foi um anel de brilhante, safira e rubi, no valor de 405.000 réis e a mais barata, uma pulseira de prata, no montante de 20.000 réis, conforme o mapa que a seguir se apresenta:

Quadro n.º 8 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1884		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira de prata	1	20.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com brilhante safira e rubi	1	405.000
Anel com brilhantes e safira	1	180.000
Anel com um brilhante	1	145.000
Anel d'aço com rubi	1	90.000
Anel de ouro com três brilhantes	1	63.000
Anel olho-de-gato	1	140.000
Anel para senhora com pérola e brilhante	1	250.000
Anel safira	1	125.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cigarreira esmaltada	1	81.000
Guarnição para lavatório	1	315.000
Metade do importe de um serviço		120.000
Taça Luís XVI	1	150.000

Foi ainda consultada outra fonte<sup>96</sup>, inventariada como *Diversos, Livro de Registos [de entradas, custo e saída de artigos]*. Analisando-a, verifica-se que D. Luís, foi também cliente da Leitão & Irmão entre 1885 e 1889. Assim, para o ano de 1885<sup>97</sup> consta que efetuou oito aquisições no montante de 396.000 réis, em que a peça mais cara foi um alfinete pérolas de cor pelo preço de 154.000 réis e a mais barata um alfinete no valor de 11.000 réis, conforme o quadro seguinte:

Quadro n.º 9 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1885		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Terno de safiras	1	35.000

<sup>96</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535.

<sup>97</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 2, 3, 5, 10, 25, 46, 69, 282.

Quadro n.º 9 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1885 (cont.)		
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com safira e brilhante	1	31.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete	1	11.000
Alfinete com pérolas de cor	1	154.000
Alfinete com pérola	1	41.000
Alfinete com safira	1	19.000
Par de botões com safiras	1	63.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Chávena Luís XII	1	42.000

Para o ano de 1886<sup>98</sup>, figuram como adquiridas pelo rei D. Luís, dezoito peças num total de 1.462.407 réis. Neste montante está incluída o valor da aquisição de caixas de *toilette*, não se sabe a sua quantidade e não foram incluídas no número total de peças adquiridas. O artigo mais caro foi o alfinete triplo pérolas de cor por 206.500 réis e a mais barata um anel de senhora com um rubi e uma safira, por 2.007 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 10 - Aquisições efetuadas por D. Luís em 1886		
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel senhora com pérola rosa	1	135.000
Anel senhora com rubi e safira	1	2.007
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura	1	23.000
Abotoadura	1	20.500
Abotoadura	1	178.000
Alfinete de aço	1	22.700
Alfinete com rubi	1	66.500
Alfinete com safira	1	179.500
Alfinete triples pérolas de cor	1	206.500
Botão com pérola para colarinho	1	27.500
Botão com safira	1	98.000
Par de botões búzios	1	13.000

<sup>98</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 2, 11, 12, 24, 25, 26, 35, 36, 47, 58, 61, 238, 259, 270, 292.

Quadro n.º 10 - Aquisições efetuadas por D. Luís em 1886 (cont.)		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de botões cobra	1	28.200
Par de botões com safira	1	131.500
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Caixa de bombons	1	8.000
Caixa de pó de arroz	1	51.000
Caixas de <i>toilette</i>		72.000
Jarra com bacia	1	182.000
Tinteiro de prata	1	17.500

Em 1887<sup>99</sup>, o soberano efetuou aquisições à Leitão & Irmão no montante de 1.206.900 réis, relativas a dezasseis peças; dessas, a mais cara foi um faqueiro Luís XV no valor de 307.500 réis e a mais barata uma cadeia curta por 12.000 réis, conforme o quadro seguinte:

Quadro n.º 11 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1887		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de ganchos rosa	1	65.200
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cadeia curta	1	12.000
Relógio em ouro liso	1	22.800
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com uma turquesa e dois brilhantes	1	48.500
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete	1	15.700
Alfinete ferradura com safira	1	91.100
Par de botões lanterna	1	36.300
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
<i>Bonbonnière</i> Luís XV	1	28.500
Cesto dourado	1	69.000
Cofre Luís XV	1	56.500
Cofre para joias	1	177.000
Estojo para viagem para homem	1	135.000

<sup>99</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 12, 20, 24, 72, 83, 239, 260, 284, 285, 292.

Quadro n.º 11 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1887 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Faqueiro Luís XV	1	307.500
Frasco de perfume	1	17.300
Prato em esmalte	1	47.500
Serviço de licor com doze copos gravados	1	77.000

Em 1888<sup>100</sup>, D. Luís adquiriu doze peças no valor de 1.264.600 réis, sendo o artigo mais caro um alfinete triplo com um brilhante, um rubi e uma safira, no valor de 236.000 réis e o mais barato um alfinete de platina com quatro safiras e um brilhante, comprado pelo preço de 10.600 réis.

Quadro n.º 12 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1888		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura corda com safiras e brilhantes	1	135.000
Alfinete com brilhantes	1	146.000
Alfinete com uma pérola e dois brilhantes	1	76.500
Alfinete pérola	1	57.000
Alfinete pérolas grandes	1	232.000
Alfinete de platina com quatro safiras e um brilhante	1	10.600
Alfinete triplo com um brilhante, um rubi e uma safira	1	236.000
Par de botões com safiras e brilhantes solitários	1	35.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Barómetro Luís XV	1	39.500
Faca tartaruga -garra de tigre	1	76.000
Lamparina	1	84.000
Terrina para legumes	1	137.000

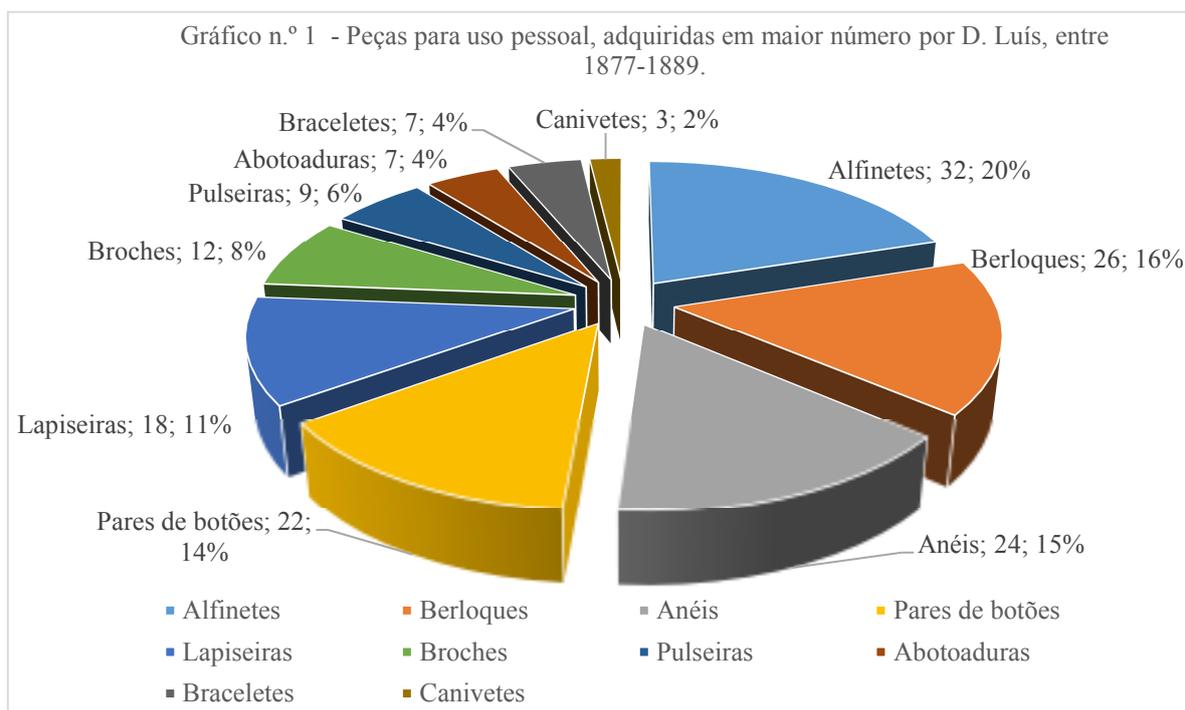
Para o ano de 1889<sup>101</sup>, D. Luís efetuou três aquisições no montante total de 87.000 réis, sendo a sua compra de valor mais elevado, um par de botões olho-de-gato pelo preço de 38.000 réis e a mais barata, uma bugia no valor de 20.500 réis, conforme o seguinte quadro:

<sup>100</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 17, 18, 19, 21, 27, 37, 271, 285, 292.

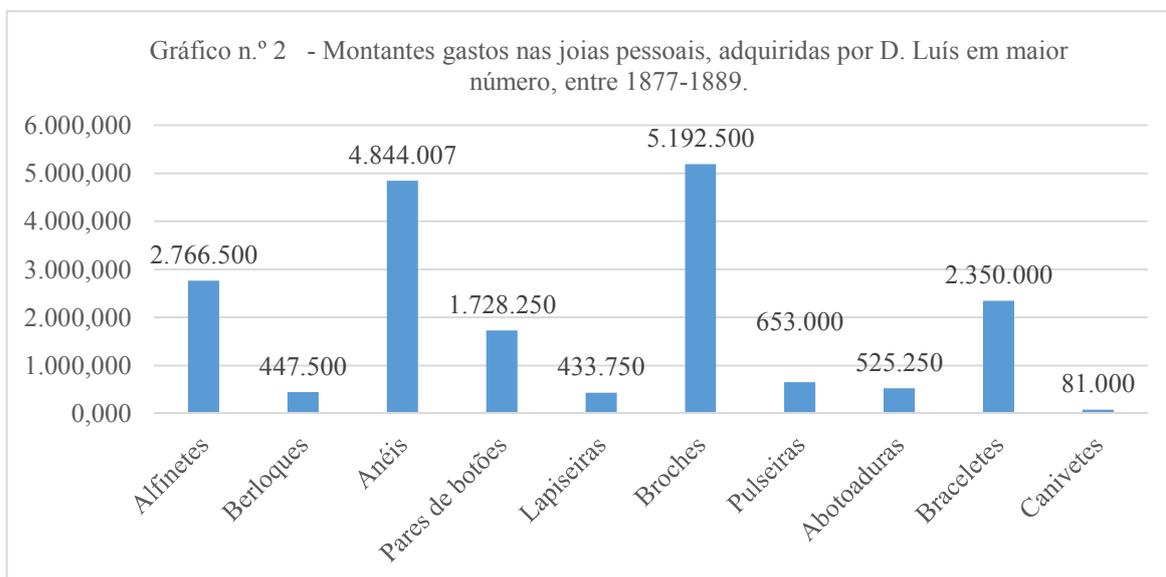
<sup>101</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 24, 288, 293.

Quadro n.º 13 - Aquisições efetuadas por D. Luís, em 1889		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de botões olho-de-gato	1	38.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Bugia Luís XV	1	20.500
Caixa e copo para batizado, tudo dourado	1	28.500

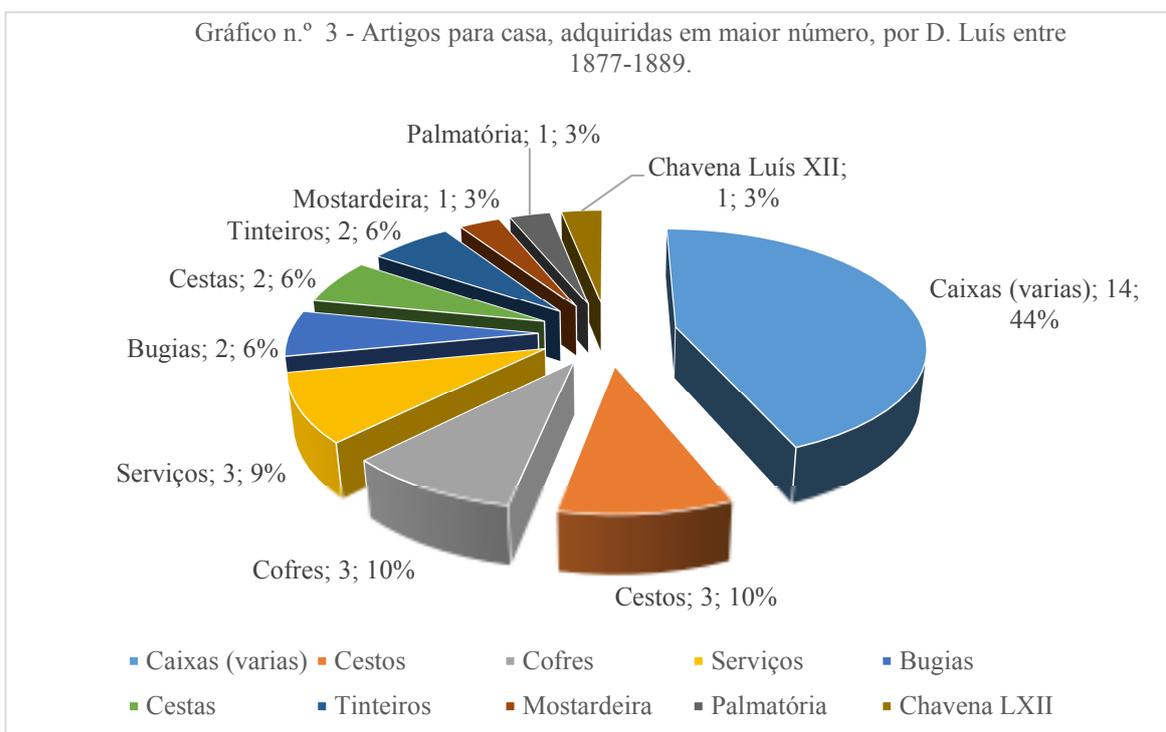
Verifica-se que no intervalo de 1877 a 1889 D. Luís, adquiriu duzentas e setenta e seis peças à Leitão & Irmão, no montante total de 30.219.037 réis. No seguinte gráfico temos as peças mais solicitadas para uso pessoal:



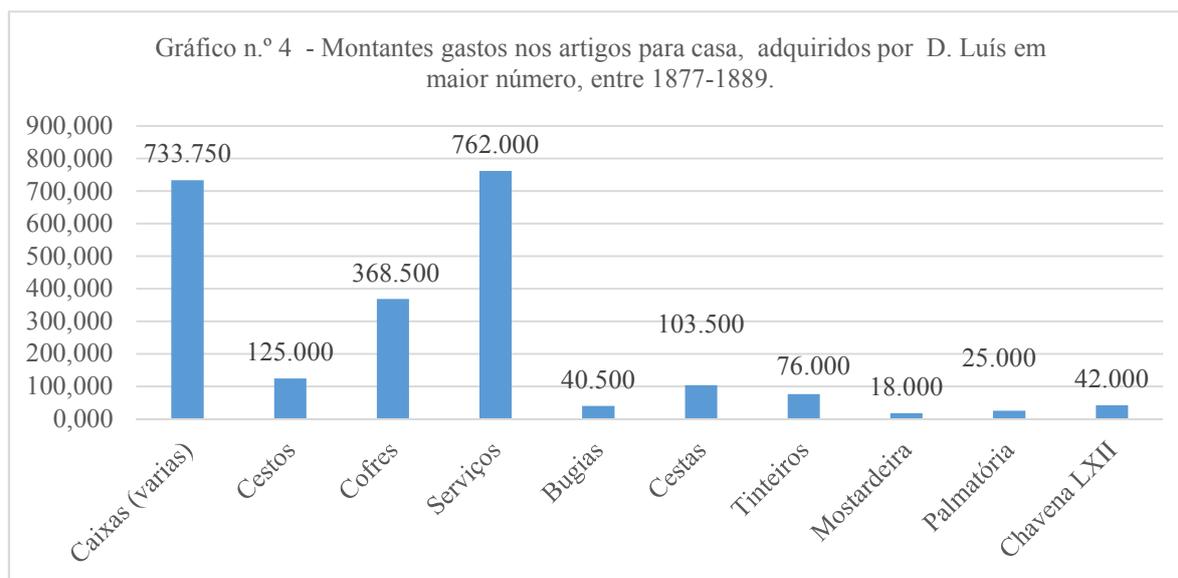
O gráfico que se segue pretende mostrar os montantes gastos, com as aquisições de peças para uso pessoal, que estão descritas no gráfico supra:



Os artigos para casa mais significativos, adquiridos por D. Luís, durante o intervalo de tempo de 1877 a 1889, estão representados no seguinte gráfico:



A seguir, os montantes gastos com as aquisições de artigos para casa, efetuadas em maior número por D. Luís, no intervalo de 1877 - 1889:



Para o casamento de D. Carlos e D. Amélia, em 22 de maio de 1886, D. Luís encomendou à Leitão & Irmão um diadema para a noiva. Esta peça foi produzida nas oficinas da joalheria por artistas portugueses, revelando que a escolha efetuada para a confeção de tal joia, foi totalmente merecida. O diadema em questão, estilo renascença, todo de brilhantes, sendo os da parte superior de grandes dimensões e os da parte inferior menores. Esta peça é constituída por cerca de 800 brilhantes, formando um conjunto de grande beleza e elegância<sup>102</sup>. Tivemos conhecimento através de documentos, pertencentes ao espólio da joalheria, que a elaboração desta joia e das demais encomendadas pela família real para tal ocasião, foram efetuadas por D. José Cuadrillero<sup>103</sup>, Martinho Barbosa<sup>104</sup> e Júlio Pinto<sup>105</sup>.

Abaixo o esboço do diadema, pertencente ao espólio da Leitão & Irmão<sup>106</sup>. Atualmente esta peça é propriedade do duque de Bragança, herdeiro dos direitos dinásticos de Portugal, tendo-lhe sido deixado em testamento pela proprietária, sua madrinha, a rainha D. Amélia<sup>107</sup>.



Fig. 3 – Esboço do diadema - Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-034, fol. 127, foto da autora.

<sup>102</sup>“Jóias presenteadas pela Família Real Portuguesa a S.A. A Princesa D. Maria Amélia”, *Occidente –Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 273, vol. IX, 9º.Ano, Lisboa, 1886, pp.162, 164.

<sup>103</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-364, fol. 16.

<sup>104</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-364, fol. 323.

<sup>105</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-364, fol. 135.

<sup>106</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-034, fol. 127.

<sup>107</sup> Eduardo Alves Marques, *Se as Jóias Falassem*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009, pp. 212-213.

Outra peça de referência foi a espada de honra oferecida por D. Luís, ao Imperador Guilherme I da Alemanha em 1887, pelo seu nonagésimo aniversário, celebrado a 22 de Março de 1887<sup>108</sup>. Esta peça tinha o punho de tartaruga com uma espiral de ouro mate, cinzelado, encruzada de rubis e brilhantes, representando palmas e louros. Tinha ao centro uma braçadeira, onde se destaca um enorme rubi entre muitos brilhantes. Superiormente, no botão, ergue-se a coroa imperial, toda de brilhantes, com a base em esmalte vermelho, circundado por um anel de rubis e esmeraldas. O peso de ouro que foi empregue nesta peça foi de 600 gramas e o número de pedras preciosas foi superior a 500. Esta peça foi executada nas oficinas da prestigiosa ourivesaria e joalheria por artistas portugueses e esteve em breve exposição no estabelecimento do Largo das Duas Igrejas.

Pelas comemorações do jubileu de 1888, D. Luís encomendou um cálice para oferecer ao Papa Leão XIII<sup>109</sup>. Esta peça seria uma réplica de outra, datado de 1524, pertencente ao convento de Cristo, em Tomar. Sendo um dos magníficos cálices, destinado às celebrações solenes. Esta peça foi executada em prata dourada, com o peso de 5 quilos e a altura de 36 centímetros. Esta obra ainda hoje pode ser admirada, no Tesouro da Basílica de S. Pedro em Roma<sup>110</sup>.

Num livro designado por *Joalheria (Livro de Registos de Entradas, Custo e Saída de Artigos de) 1883*, constam os lucros sobre as peças vendidas. D. Luís vem referido como tendo adquirido três berloques e uma caixa de fósforos de aço, em junho de 1883 conforme quadro n.º 7. Um dos berloques tinha um valor de custo de 1.300 réis e foi vendido por 3.000 réis, aqui a joalheria obteve cerca de 130% de lucro sobre o custo original. Nos outros berloques, ambos têm um valor inicial de 2.200 réis e foram vendidos por 4.500 réis cada, neste caso a margem de lucro foi cerca de 105%. Também é mencionada para o mesmo ano e mês, a aquisição de uma caixa de fósforos em aço que foi adquirida pelo rei D. Luís por 16.500, tendo o seu custo sido de 6.500 réis, aqui a margem de lucro foi de aproximadamente 154% sobre o custo. Concluindo-se que a joalheria obtinha avultados lucros.

---

<sup>108</sup> “Espada de honra oferecida por El-Rei D. Luiz ao Imperador Guilherme”, *Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 298, vol. X, 10.º Ano, Lisboa, 1887, pp. 74-75.

<sup>109</sup> Vide Filomena Costa, *Leitão & Irmão Antigos Joalheiros da Corôa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2001, p. 14, “Calix oferecido por sua Majestade El-Rei D. Luiz a Sua Santidade Leão XIII”, *Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 327, vol. XI, 11.º Ano, Lisboa, 1888, pp. 18, 19, 21.

<sup>110</sup> Nuno Vassalo e Silva, *Obras-Primas da Arte Portuguesa*, [...], p. 48.

### 3.2 D. Maria Pia de Saboia



Fig. 4 – D. Maria Pia de Saboia - pintura a óleo de Émile Auguste Carolus-Durans, 1880  
Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

D. Maria Pia de Saboia nasceu a 16 de outubro de 1847 em Turim e faleceu em 5 de julho de 1911 em Stupinigi, Itália. Veio para Portugal em 1862, ainda com catorze anos, completando os quinze já casada com o rei D. Luís. Seu pai, o rei de Itália deu-lhe de dote quinhentos mil francos, além de cem mil francos para o enxoval e joias no valor de duzentos e cinquenta mil francos<sup>111</sup>. A 6 de outubro de 1862, dia da ratificação do seu casamento em Lisboa, envergou um magnífico vestido de seda branca da Hungria, saia sobreposta em renda de Alençon com apanhados na altura da meia saia onde se prendiam laços azuis e brancos. Na frente, o diadema oferecido pelo noivo e flores de laranjeira entrançadas no cabelo, o ramo nupcial constituído por flores artificiais, foi-lhe oferecido pela Sociedade dos Artistas Lisbonenses. O cortejo dirigiu-se para a Igreja de São Domingos, onde foi oficiada a cerimónia religiosa. Do seu enxoval constavam sedas, veludos, roupa branca e adereços de brilhantes, tudo italiano<sup>112</sup>.

Sendo originária de uma corte luxuosa, achou que a corte portuguesa era triste e sem brilho e por isso iniciou a sua transformação, incrementando bailes que lhe recordavam a sua querida Itália e onde podia exhibir a sua elegância e bom gosto. Uma das diferenças entre os dois países passava pela disponibilidade financeira. Em Portugal, atravessavam-se tempos difíceis e de carência e a Casa Real contraía empréstimos para poder suportar as despesas cada vez maiores com a representação dos reis. A rainha não se coibia de gastar altas quantias em roupas ou joias, porque achava que tinha a obrigação de estar sempre impecável, elegante, interpretando na perfeição a sua obrigação de rainha. D. Maria Pia tinha um porte majestático, elegante, amável e as maneiras eram da maior nobreza e afabilidade. Tinha grande gosto por viagens, especialmente a Paris, e por compras. De entre as suas joias, destacam-se a tiara e o colar das estrelas que foram executadas pelo então ourives da Casa Real, Estevão de Sousa.

Da correspondência trocada entre a administração geral da Casa da Rainha D. Maria Pia e a Leitão & Irmão, temos conhecimento de doze bilhetes enviados entre os anos de 1881 e 1888<sup>113</sup>. As missivas foram redigidas por funcionários da soberana, nomeadamente José Dias, J. M. da Costa Fortunato, Ernesto da Silva e Pedro Maria de Alcântara<sup>114</sup>. Este pequeno núcleo de correspondência abordou questões como: encomendas, liquidação de contas e até uma visita de D. Maria Pia à loja.

---

<sup>111</sup> Maria Antónia Lopes, *Rainhas que o povo amou Estefânia de Hohenzoller-Maria Pia de Saboia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, p. 127.

<sup>112</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 136-138.

<sup>113</sup> Lisboa, A.P.N.A., Cx. 8.5.2, doc.5. Tanto José Dias como Pedro Maria de Alcântara, figuram como criados particulares, quanto a J. M. da Costa Fortunato, não existe nenhum registo.

<sup>114</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

Em vários momentos, a Rainha solicitou que lhe fossem enviadas ao palácio da Ajuda várias peças para escolher sem se deslocar à joalheria. Assim a 29 de setembro de 1884, deseja ver botões de camisa e punhos, bem como alfinetes de gravata, conforme consta do bilhete que se segue: “A Rainha deseja, amanhã de manhã, botões de camisa e punhos bem como alfinetes de gravata para escolher”<sup>115</sup>. A 24 de agosto de 1886 foram requeridos estojos de prata americana com chávenas, prato e colher, alguns alfinetes de manta, bengalas com castão de ouro ou prata, sinetes, boquilhas, charuteiras e mais algumas coisas de gosto<sup>116</sup>. No dia 25 de outubro do mesmo ano, novo bilhete em que se pedia para enviar ao paço, em dia a combinar, alguns estojos contendo objetos de prata americana e juntamente joias apropriadas para homem, destinadas a oferecer ao rei D. Luís, a seu irmão D. Augusto, e ao príncipe D. Carlos, nos seus aniversários<sup>117</sup>. A 13 de setembro de 1887, foi pedido para alguém comparecer no paço com objetos diferentes e não caros tais como pregos para cabeça, broches, caixas de prata para diferentes serviços, mas não para fósforos<sup>118</sup>. A 23 de abril de 1888, a rainha quis ver alfinetes de manta para homem<sup>119</sup>. Foi ainda efetuada uma encomenda de uma medalha, para serviço da dama, a condessa das Alcáçovas, a 7 de maio de 1888. Os artigos mais solicitados foram os estojos com objetos de prata americana e alfinetes de manta.

Pela correspondência trocada, verifica-se que D. Maria Pia mandou proceder a várias devoluções de joias<sup>120</sup> e a reparação de outras. Na correspondência apenas se refere no dia 3 de novembro de 1886, um alfinete, duas braceletes, quatro broches, um colar, uma fivela e um relógio<sup>121</sup>.

Várias vezes, a troca de correspondência foi relativa a contas. Espelhando as frequentes dificuldades de liquidez de D. Maria Pia, a 24 de outubro de 1886 a joalheria foi informada que “A Rainha devolve uma conta de uma pulseira de 225.000 que é para o Rei pagar”. No dia seguinte temos conhecimento de dois bilhetes dos dias 4 de novembro de 1887 e de 23 de abril de 1888, informando que as contas em dívida seriam pagas metade pela Rainha e metade pelo Rei<sup>122</sup>.

A 15 de março de 1888, a Administração Geral da Casa da Rainha, informou que iria efetuar um pagamento que “Leitão & Irmão pode mandar receber 1.000.000 dos 7.010.500, ou seja a importância da fatura de 30 de junho de 1887”<sup>123</sup>.

---

<sup>115</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>116</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>117</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>118</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>119</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>120</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>121</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>122</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>123</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

A documentação em estudo torna claro que as contas nunca eram pagas atempadamente, o que parece ter sido uma constante mesmo em outras áreas<sup>124</sup>. Não obstante, e até um tanto inusitado, parece ter sido o facto de D. Maria Pia ter chegado a pedir um desconto. No bilhete de 13 de dezembro de 1881, a rainha demonstrou interesse por um caranguejo de brilhantes, solicitando a redução do seu preço, e em caso afirmativo, para lho enviarem pelo portador<sup>125</sup>.

Se a maior parte das vezes, a avaliar pela documentação disponível, as peças eram enviadas pela Leitão & Irmão aos palácios onde a rainha se encontrava, pelo menos uma vez D. Maria Pia deslocou-se ao Chiado. A 15 de novembro de 1888, encontra-se um bilhete onde se comunicava a visita da rainha, ao estabelecimento, para ver peças da baixela do Barahona<sup>126</sup> e outros objetos modernos, que estivessem nas oficinas<sup>127</sup>. No bilhete solicitou-se ainda que a visita não fosse anunciada<sup>128</sup>.

Através dos livros de contas correntes<sup>129</sup> que nos foram permitidos consultar, verificou-se que desde que a Leitão & Irmão, inaugurou a loja no Largo do Chiado em Lisboa em 1877, a rainha D. Maria Pia adquiriu várias peças àquele estabelecimento, o que lhe granjeou fama e atraiu clientes abastados. Foram adquiridas peças no montante de 10.114.640 réis, nos anos de 1877 a 1884.

No ano de 1877 a soberana adquiriu quarenta e sete peças no valor de 5.034.540 réis<sup>130</sup>, que se dividiram por várias tipologias, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 14 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1877		
Joias para a cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Coroa de Viscondessa	1	78.000
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de Brincos	1	45.000

<sup>124</sup> Maria Antónia Lopes, *Rainhas que o povo amou*, [...], pp. 245-254.

<sup>125</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>126</sup> Baixela solicitada em 1894 à Leitão & Irmão, por Barahona Frágoso, para o seu palácio de Évora. Para este trabalho foi solicitado a Columbano Bordalo Pinheiro que desenhasse o modelo a efetuar, [www.leitao-irmao.com](http://www.leitao-irmao.com), consultado em 18 de março de 2014.

<sup>127</sup> Filomena Costa, *Leitão & Irmão Antigos Joalheiros da Corôa*, [...], p. 22.

<sup>128</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>129</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, 356 e 357- Livros de Contas Correntes relativo aos anos de 1877-1884.

<sup>130</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 5, 6.

Quadro n.º 14 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1877 (cont.)		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque	1	22.500
Berloque	1	36.000
Berloque	1	29.000
Bola com diamantes	1	45.000
Colar de Prata	1	16.500
Medalha	1	36.000
Medalha	1	38.250
Medalha	1	22.500
Medalha	1	7.800
Medalha	1	6.500
Medalha souvenir	1	45.000
Joias para os Braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira	1	108.000
Pulseira	1	34.500
Pulseira	1	135.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel	1	6.750
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Broche de coral	1	270.000
Broche com pérolas e brilhantes	1	1.950.000
Par de Botões	1	38.000
Par de Botões de pérolas	1	225.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Açafate com flores	1	335.000
Bolsa de ouro	1	40.000
Bolsa de ouro	1	54.000
Caixa	1	27.000
Caixa de lume	2	18.000
Canivete	1	15.750
Carteira	1	36.000
Cestas de Cristal	2	300.000
Cesto	1	25.000
Corta charutos	1	13.500
Corta charutos	1	13.500
Corta charutos	1	15.750
Jarro e Bacia	1	180.000

Quadro n.º 14 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1877 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Lapiseira	1	11.250
Lapiseira	1	12.500
Lapiseira	1	15.000
Lapiseira	1	13.500
Par de serpentinhas	1	235.000
Salva	1	17.700
Salva	1	15.070
Salva antiga	1	30.000
Serviço lavrado	1	340.000
Sinete	1	45.000
Taça	1	30.720

A peça de valor mais elevado, adquirida nesse ano, foi um broche de pérolas e brilhantes cujo preço ascendeu a 1.950.000 réis e a mais barata uma medalha por 6.500 réis. Através da descrição das peças adquiridas pela soberana, verifica-se que não são só produtos de uso pessoal como anéis, colares, pulseiras, pares de brincos, canivetes e carteiras, como também peças para casa, um jarro e bacia, candelabros, sinetes e colheres de prata. A Leitão & Irmão satisfazia muitos pedidos efetuados pela Casa Real e não se restringia apenas a peças de ourivesaria e joalheria, não se sabendo se o trabalho executado nesses artigos seriam gravações de iniciais ou brasões em prata ou ouro.

No ano de 1878<sup>131</sup>, houve um decréscimo no volume e nos montantes das compras efetuadas por D. Maria Pia. Foi despendida a quantia total de 610.900 réis, com a aquisição de vinte e seis peças, o montante relativo ao custo de enfiar dois colares e à gravura de setenta e cinco letras. A despesa foi muito inferior à verificada no ano anterior.

Os artigos mais caros adquiridos neste ano, foram as quatro bolsas de ouro no valor de 288.000 réis, depreendendo-se que cada uma tenha custado 72.000 réis; as mais baratas foram seis argolas de prata no valor de 600 réis, em que cada uma terá custado 100 réis.

Quadro n.º 15 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1878		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Argola	1	3.500
Argola	1	3.000
Argolas de ouro	6	9.000
Argolas de prata	6	600

<sup>131</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 6.

Quadro n.º 15 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1878 (cont.)		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de botões de punho	1	15.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Bolsas de ouro	4	288.000
Enfiar dois colares		3.000
Estojo de costura	1	67.500
Gravura de setenta e cinco letras		4.300
Lapiseira	2	27.000
Limpa penas	1	45.000
Pena	1	38.500
Pena serpente	1	58.500
Sinete	1	48.000

Em 1879<sup>132</sup>, as aquisições resumiram-se a quatro artigos, com preços elevados por peça, totalizando a quantia de 747.800 réis. Com tão poucos artigos adquiridos questionamos se não terão sido transferidas algumas peças escolhidas pela soberana para a conta do rei D. Luís. A peça mais cara adquirida neste ano, foi uma pena no valor de 360.000 réis e a mais barata um *doublé* verde pelo montante de 2.800 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 16 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1879		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete para manta com pérola	1	225.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cofre para prémio	1	160.000
Doublé verde	1	2.800
Pena	1	360.000

No ano de 1880, verificamos que existem registos em dois livros de contas correntes distintos<sup>133</sup>. Assim, foram adquiridos pela soberana sete artigos no valor total de 478.000 réis, sendo a peça mais cara o anel com safira, no valor de 180.000 réis, e a mais barata as facas, no montante unitário de 18.000 réis, conforme o quadro seguinte:

<sup>132</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 6.

<sup>133</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 3.- ELI 357, fol. 3.

Quadro n.º 17 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1880		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cadeia com esfera de ouro	1	67.500
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com safira	1	180.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Faca	1	18.000
Faca	1	18.000
Pena	1	27.000
Pena de ouro	1	22.500
Suspensão para leque	1	145.000

As oito aquisições efetuadas no ano de 1881<sup>134</sup> ascenderam a 757.500 réis. A peça mais cara foi uma coroa de prata no valor de 198.000 réis e a mais barata uma lapiseira de aço por 18.000 réis, conforme quadro infra:

Quadro n.º 18 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1881		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Coroa de prata	1	198.000
Coroa de prata	1	138.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Esfera e cadeia	1	67.500
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Broche coruja	1	54.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Faca para papel	1	82.000
Lapiseira aço	1	18.000
Sinete	1	55.000
Suspensão para leque	1	145.000

<sup>134</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 3.

Em 1882<sup>135</sup>, a rainha D. Maria Pia adquiriu cinco peças, no valor de 177.000 réis e ainda despendeu mais 3.000 réis com o conserto de uma pulseira, o que totalizou a quantia de 180.000 réis. A peça mais cara foi um alfinete olho-de-gato pelo preço de 60.000 réis, e a peça mais barata foi um punhal de aço e ouro, no montante de 4.500 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 19 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1882		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete olho-de-gato	1	60.000
Par de botões e alfinete com granadas	1	45.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Caixa de fósforos	1	27.000
Canivete	1	40.500
Conserto de uma pulseira cobra		3.000
Punhal em aço e ouro	1	4.500

No ano de 1883<sup>136</sup>, as quatro aquisições efetuadas por D. Maria Pia ascenderam a 122.000 réis. Enviou para conserto um frasco de cristal e por esse serviço pagou mais 4.500 réis, tendo, assim, a despesa total orçado a quantia de 126.500 réis. A peça mais cara adquirida neste ano, foi um alfinete de manta, no valor de 40.500 réis e a mais barata os alfinetes de manta, no valor de 25.000 réis cada, conforme o quadro seguinte:

Quadro n.º 20 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1883		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete de manta	1	25.000
Alfinete de manta	1	25.000
Alfinete de manta	1	31.500
Alfinete de manta	1	40.500
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Conserto de um frasco de cristal		4.500

<sup>135</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 3.

<sup>136</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 3.

No mês de abril do 1884<sup>137</sup> é referido que a rainha tinha efetuado compras na loja da Leitão & Irmão na cidade do Porto, a 16 de agosto de 1882, no valor de 1.550.000 réis. O montante gasto para o ano de 1884, incluindo o que foi anteriormente mencionado, ascendeu a 2.503.400 réis, ano em que foram adquiridas vinte e seis peças a este número acresceram as três adquiridas no Porto, totalizando vinte e nove peças. A mais cara, uma salva, no valor de 750.000 réis, e a mais barata, uma rosa numa pulseira no montante de 1.000 réis, distribuídos conforme o quadro infra:

Quadro n.º 21 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1884		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Peça nova em uma tiara	1	3.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Brilhante para uma pulseira	1	9.000
Rosa numa pulseira	1	1.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura	1	18.000
Alfinete	1	30.000
Alfinete meia esfera	1	27.000
Alfinete safira	1	270.000
Par de botões	1	40.000
Par de botões	1	27.000
Par de botões	1	22.500
Pé num broche de brilhantes	1	1.500
Pingente com sete brilhantes	1	54.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Conserto de uma pulseira e argolas novas		10.000
Conserto em três pulseiras com duas rosas		3.000
Conserto num pente de esmeraldas		3.500
Conserto em três pulseiras com duas rosas		3.000
Conserto num pente de esmeraldas	1	3.500
Chaves em duas estrelas	2	3.000
Enfiar um colar com trezentas e dezasseis pérolas		4.000

<sup>137</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 4.

Quadro n.º 21 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1884 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Estojo de veludo para uma faca	1	3.500
Faca para papel	1	58.500
Limpeza de uma jarra e bacia		42.000
Metade de um importe de um serviço de prata		120.000
Porta <i>bouquet</i> (guarnições de ouro)	8	30.400
Prémio para corridas	1	170.000
Reforma de seis mosquetões		2.500
Compras efetuadas no Porto em 16 de agosto de 1882		
Salva com pé	1	350.000
Salva grande	1	750.000
Salva oval	1	450.000

Verifica-se que durante os oito anos de aquisições à Leitão & Irmão aqui retratados, a rainha D. Maria Pia, foi uma cliente assídua, embora os anos em que efetuou maior número de aquisições tenham sido nos anos de 1877 e 1884.

Tivemos também acesso a outra fonte<sup>138</sup>, intitulada *Vendas-Pagamentos Casa Real* onde se enumeram os pagamentos efetuados por alguns membros da Casa Real entre 1884 e 1888. No tocante à rainha, podemos verificar que efetuou pagamentos em 1885<sup>139</sup> e 1886<sup>140</sup>, no primeiro liquidou 599.000 réis, no segundo pagou 6.894.600 réis. Infelizmente, não é possível efetuar o cruzamento de informação, pois não existem os Livros de Contas Correntes a partir de 1884. Outra fonte<sup>141</sup>, faz referência às entradas e saídas dos artigos para venda, sem título, onde desde o ano de 1885 a 1897, são mencionadas as diversas aquisições efetuadas pela rainha à Leitão & Irmão. Nestas circunstâncias, aparecem alguns membros da Casa Real. Verifica-se ainda, que umas vezes estão registadas as entradas e saídas de mercadorias com datas muito próximas, podendo ter a interpretação que esses artigos foram solicitados por encomenda e outros com mais tempo de existência na loja, teriam sido adquiridos por circunstância. Para ilustrar o que anteriormente foi referido, segue-se um quadro com as aquisições efetuadas pela rainha D. Maria Pia, no ano de 1885<sup>142</sup>. Adquiriu

<sup>138</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333.

<sup>139</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 100.

<sup>140</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fols. 146, 152, 154, 157, 162, 167.

<sup>141</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535.

<sup>142</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 91, 281, 282.

cinco artigos no montante total de 165.900 réis, tendo sido a peça mais cara um licoreiro liso, pelo preço de 47.700 réis, e a mais barata um sinete de cristal, no valor de 10.300 réis.

Quadro n.º 22 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1885		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Caneca americana	1	30.000
Dúzia de colheres, passador e pinça	1	34,600
Licoreiro liso	1	47.700
Sinete de cristal	1	10.300
Tigela para caldo	1	43.300

No seguimento da consulta referida anteriormente, para o ano de 1886<sup>143</sup>, a rainha efetuou compras de montante bastante avultado e verificou-se que grande parte das aquisições foi efetuada no mês de maio, coincidindo com o mês do casamento do príncipe D. Carlos. Assim, para o ano em referência, verifica-se que foram adquiridas oitenta e cinco peças no montante total de 4.503.760 réis. A peça mais cara foi um alfinete com esmeraldas, pelo preço de 312.500 réis, e a mais barata uma faca para queijo com lâmina de aço, no valor de 1.500 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 23 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1886		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque de cristal	1	10.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cadeia com incrustações de rosas	1	52.800
Cadeia curta	1	11.800
Cadeia curta	1	22.500
Cadeia curta	1	23.000
Cadeia homem	1	22.500
Relógio	1	34.000

<sup>143</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 3, 4, 6, 10, 11, 12, 18, 26, 36, 47, 58, 70, 71, 80, 82, 83, 91, 237, 238, 238, 259, 260, 270, 281, 282, 284, 292.

Quadro n.º 23 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1886 (cont.)		
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com um rubi	1	99.000
Anel de senhora aço com um brilhante	1	29.000
Anel de senhora com uma safira entourage	1	98.500
Anel senhora eternidade	1	63.600
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura com safiras e rosas	1	97.000
Alfinete olho-de-gato oriental	1	98.500
Alfinete com brilhantes	1	71.500
Alfinete com esmeraldas	1	312.500
Alfinete com pérola	1	49.000
Alfinete com pérola	1	121.500
Alfinete com pérola preta	1	45.000
Alfinete com rubi	1	51.000
Alfinete com rubi	1	251.000
Alfinete com rubi	1	96.500
Alfinete com rubi	1	79.500
Alfinete com safira	1	27.500
Alfinete com safira	1	83.000
Alfinete com safira e rosas	1	119.500
Alfinete com turquesa	1	57.000
Alfinete com turquesa	1	62.000
Alfinete com turquesa	1	39.000
Alfinete com uma violeta	1	5.000
Alfinete de pérola	1	172.000
Alfinete de safiras e brilhantes	1	71.200
Alfinete trefle brilhante	1	89.500
Par de botões corda com pedras de cor	1	90.500
Par de botões <i>double entourage</i>	1	198.000
Par de botões para peito rubi entourage	1	77.500
Par de botões rubis <i>entourage</i>	1	144.000
Prego para chapéu punhal	1	27.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Caixa de pó de arroz	1	16.600
Colher grande para molho	1	6.450
Colher para açúcar	1	4.840
Colher para morangos	1	6.370
Colher pequena para molho	1	4.820

Quadro n.º 23 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1886 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Copo esmalte e colher	1	89.000
Copo prata	1	8.900
Dúzia de colheres Luís XV	1	21.300
Dúzia de colheres para gelados	1	16.600
Dúzia de colheres para uvas	1	15.800
Dúzia de facas de sobremesa	1	26.000
Dúzia de garfos para caracóis	1	10.500
Dúzia de garfos para ostras	1	18.700
Estojo para estas peças	1	32.250
Faca cabo tartaruga	1	15.000
Faca para pastéis	1	7.660
Faca para queijo lâmina de aço	1	1.500
Faca para queijo lâmina de prata	1	2.700
Faqueiro <i>vieil argent</i> 91 peças	1	270.000
Foice para gelado	1	7.400
Frasco para sais	1	12.600
Guarnição de caixas <i>toilet d'argent</i>	1	125.000
Jarra para uma flor	1	13.200
Jogo de seis peças <i>bombons</i>	1	14.400
Licoreiro Luís XIV <i>vieil argent</i>	1	68.500
<i>Liseuse</i>	1	6.200
Pá para espargos	1	15.640
Pá para gelado	1	7.960
Par de colheres para compota	1	9.300
Par de rosas	1	29.000
Par de tesouras para uvas	1	9.030
Peça para fiambre	1	3.700
Peça para <i>fois de gras</i>	1	3.700
Peça para tortas	1	8.470
Peças para sardinha e azeitonas	4	11.950
Pena com três passadeiras	1	27.500
Pena ouro cobra	1	41.000
Pena de prata	1	8.300
<i>Poilon</i>	1	20.700
Quebra noz	1	18.000
Serviço de cinco peças	1	238.000
Sinete	1	13.000
Talher para salada	1	16.040
Tenaz para açúcar	1	4.780
Urna de prata esmaltada	1	193.000

Para o ano de 1887<sup>144</sup>, D. Maria Pia efetuou aquisições de sessenta peças no valor de 2.765.400 réis. A aquisição mais dispendiosa foi a abotoadura chuveiro de brilhantes, na quantia de 315.000 réis, e a mais barata um anel aliança no montante de 1.500 réis.

Quadro n.º 24 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1887		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de ganchos rosa	1	59.000
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque	1	8.000
Berloque de rosas	1	11.600
Berloque de rubis e rosas	1	17.000
Berloque tosão d'Ouro	1	10.800
Peça pendente coração	1	303.300
Trancelim de ouro	1	2.100
Trancelim de ouro com pérolas	1	5.700
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cadeia de barbela curta	1	16.000
Cadeia curta	1	12.000
Cadeia curta	1	16.300
Cadeia curta	1	12.000
Cadeia curta	1	16.000
Cadeia curta	1	16.000
Cadeia curta com barbela	1	9.500
Cadeia curta polida	1	14.000
Cadeia curta polida com fio redondo	1	25.500
Cadeia homem	1	5.800
Cadeia curta	1	18.000
Cadeia curta	1	17.800
Cadeia senhora	1	24.000
Cadeia senhora	1	25.100
Cadeia senhora pérolas	1	16.500
Cadeia simples curta	1	14.000
Cadeia simples curta	1	15.500

<sup>144</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 11, 12, 13, 14, 26, 35, 36, 64, 67, 69, 72, 73, 74, 80, 81, 82, 83, 84, 91, 93, 94, 216, 238, 239, 285, 292.

Quadro n.º 24 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1887 (cont.)		
Joias para mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com um brilhante e duas safiras	1	34.500
Anel com três rubis e quatro brilhantes	1	22.500
Anel aliança	1	1.500
Anel aliança	1	4.800
Anel cobra	1	10.000
Anel corda trança	1	5.000
Anel galeria entourage rubi	1	226.700
Anel com pepitas brilhante e safiras	1	30.000
Anel senhora cobra	1	9.500
Anel trança	1	4.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura crocodilo	1	22.000
Abotoadura chuva de brilhantes	1	315.000
Alfinete com brilhantes de cor	1	56.500
Alfinete com safira	1	75.000
Alfinete com rubi	1	89.500
Alfinete ferradura	1	138.000
Alfinete triples safiras e brilhantes	1	167.000
Par de botões triples safiras e rosas	1	12.700
Prego para chapéu chuva de pérolas	1	29.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Açucareiro e colher	1	42.500
Caixa para pastilhas	1	8.500
Caneca	1	98.000
Cesto para guardanapos	1	42.000
Copo esmaltado	1	107.000
Faca tartaruga	1	23.700
Faca tartaruga	1	21.500
Liseuse tartaruga em rosas	1	14.000
Peça para azeitonas e tenaz	1	23.400
Pena	1	16.100
Pena bambu	1	15.500
Serviço de licor doze copos gravados	1	77.000
Serviço de licor doze copos liso	1	52.000
Serviço de licor doze copos-Luís XV	1	134.000
Terrina para legumes Luís XV	1	95.500
Tigela para caldo em prata	1	50.000

No ano de 1888<sup>145</sup>, a soberana adquiriu sete peças no valor de 342.600 réis. A mais cara foi um alfinete com um rubi, com o preço de 217.000 réis, e a mais barata foi um copo de prata torcido, no montante de 7.500 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 25 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia em 1888		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete com um rubi	1	217.000
Alfinete violeta	1	9.000
<i>Bouquet</i>	1	42.200
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Copo de prata torcido	1	7.500
Espelho	1	45.700
Faca canelada tartaruga	1	8.700
Frasco de esmalte	1	12.500

Em 1889<sup>146</sup>, D. Maria Pia adquiriu catorze peças no montante de 1.074.700 réis. A peça mais cara foi um par de candelabros Luís XV, adquirido pelo preço de 239.000 réis, e a mais barata foi uma cadeia regência, no montante de 6.800 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 26 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia em 1889		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de ganchos rosas	1	61.500
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cadeia curta	1	15.500
Cadeia género inglês	1	18.000
Cadeia homem	1	11.000
Cadeia regência	1	6.800
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com esmeralda	1	196.500
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura com safiras e rosas	1	105.500
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Faca de papel	1	8.200

<sup>145</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 16, 21, 259, 260, 271, 285.

<sup>146</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 37, 74, 86, 87, 88, 241, 262, 272, 290.

Quadro n.º 26 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia em 1889 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Guarnição escritório canelada	1	104.000
Par de candelabros Luís XV	1	239.000
Pena lisa com uma pérola	1	17.500
Pena de ouro	1	18.700
Taça <i>argent</i>	1	136.000
Tinteiro prata Luís XV	1	136.500

Durante o ano de 1890<sup>147</sup>, a rainha adquiriu seis peças no valor de 493.400 réis. A mais cara o alfinete com esmeralda e brilhantes pelo preço de 145.200 réis e a mais barata a faca para papel com cabo de ouro por 19.000 réis.

Quadro n.º 27 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1890		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura e alfinete de safiras e brilhantes	1	132.300
Alfinete grande de pérola	1	145.200
Alfinete com esmeralda e brilhantes	1	93.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Barómetro e relógio	1	20.700
<i>Bonbonnière</i> esmaltada lição de música	1	83.200
Faca para papel com cabo de ouro	1	19.000

No ano de 1891<sup>148</sup>, a rainha D. Maria Pia só adquiriu uma peça, uma guarnição para escritório, no valor de 60.000 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 28 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia em 1891		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Guarnição para escritório	1	60.000

<sup>147</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 12, 13, 38, 273, 293, 294.

<sup>148</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 273.

No ano de 1892<sup>149</sup>, a soberana adquiriu oito peças no montante de 323.900 réis. A peça mais cara foi um par de botões trevo com brilhantes, no valor de 112.500 réis, e a mais barata a medalha redonda por 7.700 réis, conforme se comprova no quadro seguinte:

Quadro n.º 29 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia em 1892		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Medalha redonda	1	7.700
Medalha redonda	1	7.700
Medalha redonda-cisne	1	8.000
Medalha redonda-cisne	1	6.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura e alfinete corda, com brilhantes e safiras	1	84.000
Alfinete chapéu com três safiras e rosas	1	28.000
Par de botões trevo com brilhantes	1	112.500
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
<i>Santois</i> com dez pérolas	1	70.000

Para o ano de 1893<sup>150</sup>, D. Maria Pia adquiriu cinco peças no total de 668.700 réis, sendo a peça mais cara um par de botões *doubles* chuva com duas safiras e dois rubis, no valor de 335.000 réis, e a mais barata uma medalha para senhora redonda em ferradura com rubis, com o preço de 13.700 réis, conforme o quadro infra:

Quadro n.º 30 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia, em 1893		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Medalha senhora redonda em ferradura com rubis	1	13.700
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura chuva com rosas e pedras de cor	1	190.500
Botões de peito chuva	2	129.500
Par de botões <i>doubles</i> chuva com duas safiras e dois rubis	1	335.000

<sup>149</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 33, 39, 98, 243, 244.

<sup>150</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 32, 39, 50, 249.

Nos anos de 1894 e 1895, não existem registos de aquisições efetuadas pela rainha D. Maria Pia, nas fontes consultadas. No ano de 1896<sup>151</sup>, a soberana adquiriu quatro peças, no montante total de 43.300 réis, sendo a peça mais cara o berloque figo em ouro com punho de esmeraldas no valor de 15.500 réis, e o mais barato um berloque redondo, pelo preço de 7.200 réis, conforme o quadro seguinte:

Quadro n.º 31 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia em 1896		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque figo em ouro com punho de esmeraldas	1	15.500
Berloque redondo	1	10.800
Berloque redondo	1	7.200
Medalha redonda	1	9.800

Para o ano de 1897<sup>152</sup>, a rainha adquiriu quatro peças no valor de 77.700 réis, tendo a peça mais cara sido uma *bonbonnière* tartaruga no valor de 27.000 réis e a mais barata um frasco de saís, no montante de 14.000 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 32 - Aquisições efetuadas por D. Maria Pia em 1897		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de botões	1	15.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
<i>Bonbonnière</i> tartaruga	1	27.000
Frasco para saís	1	14.000
Tinteiro de cristal com tampa Luís XV	1	21.700

Por ocasião do casamento, de D. Carlos com D. Amélia, a Rainha D. Maria Pia ofereceu à noiva um colar de igual estilo, ao do diadema, atrás mencionado, encomendado pelo rei D. Luís à Leitão & Irmão. Era formado por três grandes brilhantes na parte central, que se prendiam a uma fita de brilhantes que formava o colar, o número de brilhantes que formavam esta peça ascendia a 500<sup>153</sup>. Este trabalho foi primorosamente executado por D.

<sup>151</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 99, 100, 250.

<sup>152</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 33, 240, 250, 273.

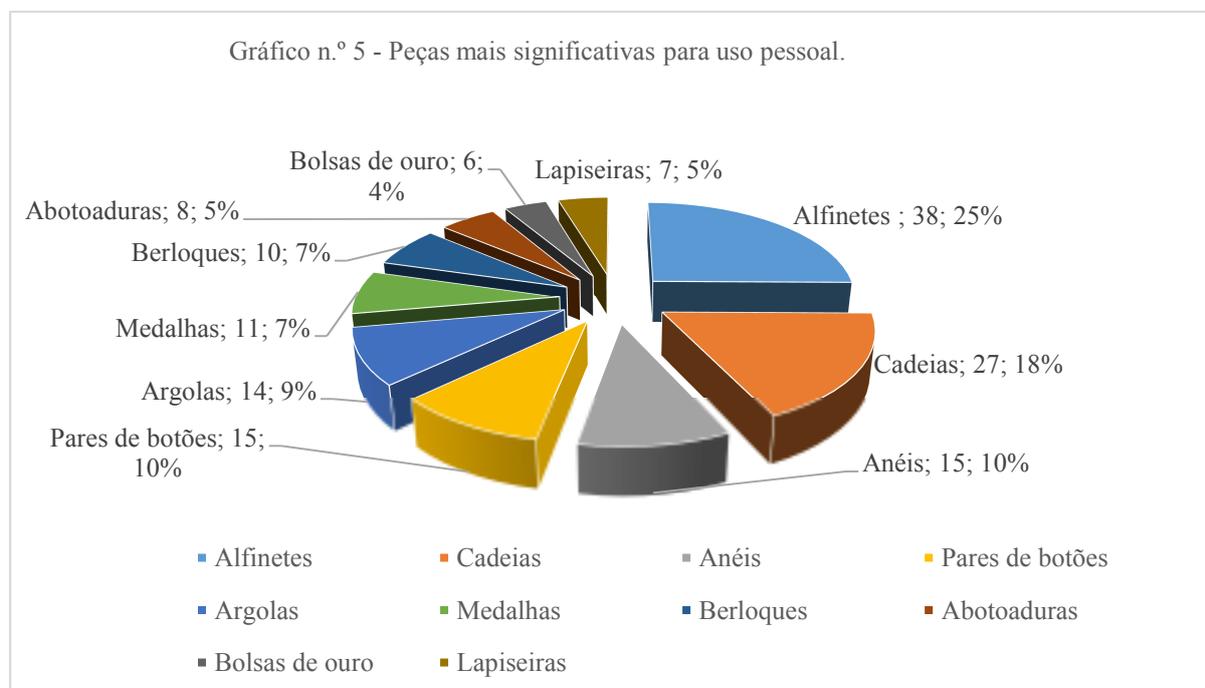
<sup>153</sup>“Joias presenteadas pela Família Real Portuguesa a S.A. A Princesa D. Maria Amélia”, *Occidente –Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 273, vol. IX, 9.º.Ano, Lisboa, 1886, pp.162-164.

José Cuadrillero, que também interveio na execução do diadema<sup>154</sup>, conforme desenho que a seguir se apresenta<sup>155</sup>.



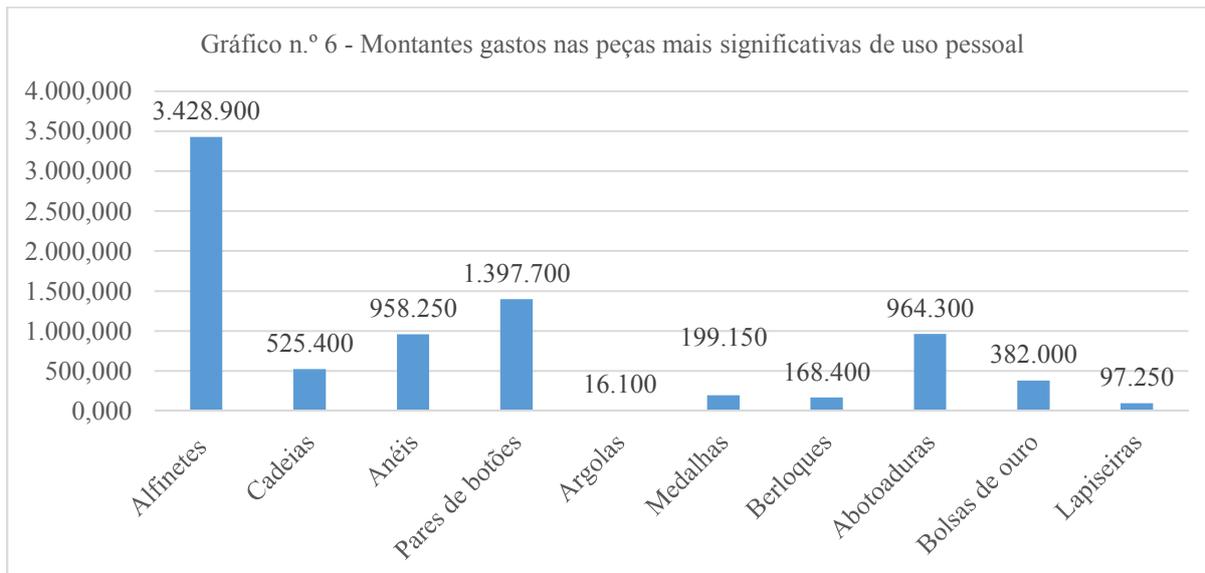
Fig. 5 – Esboço do colar - Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-034, fol. 129, foto da autora.

Nos seguintes gráficos, temos as joias para uso pessoal mais solicitadas por D. Maria Pia, de 1877 a 1897 e os montantes gastos nas mesmas

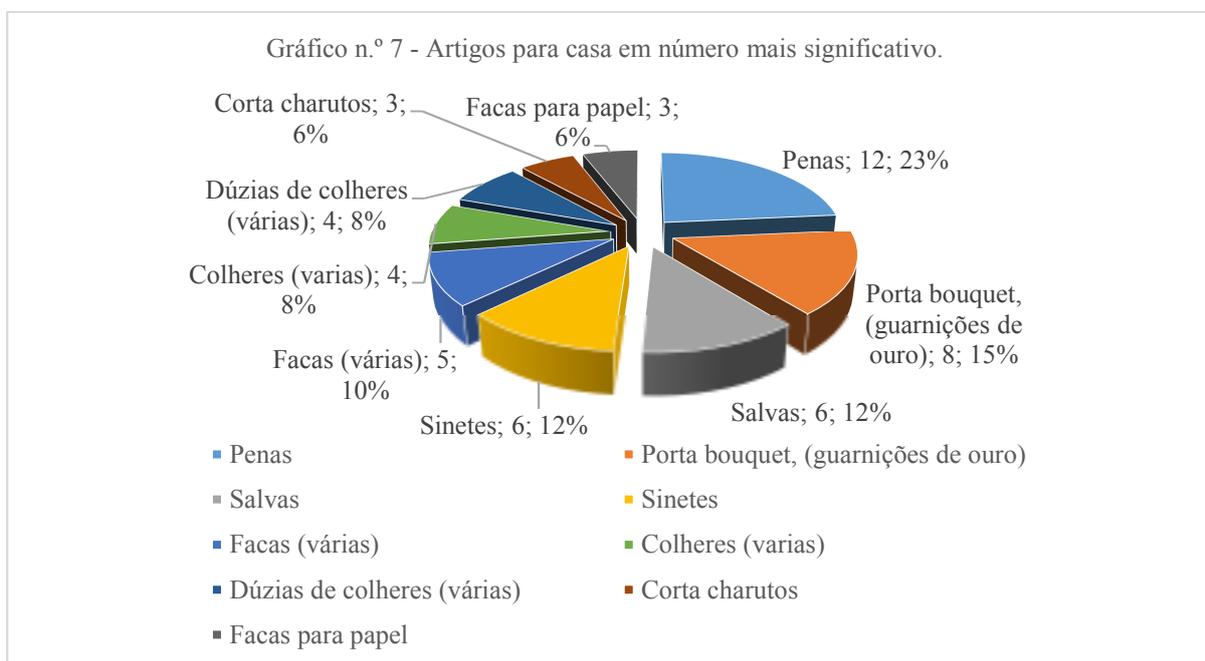


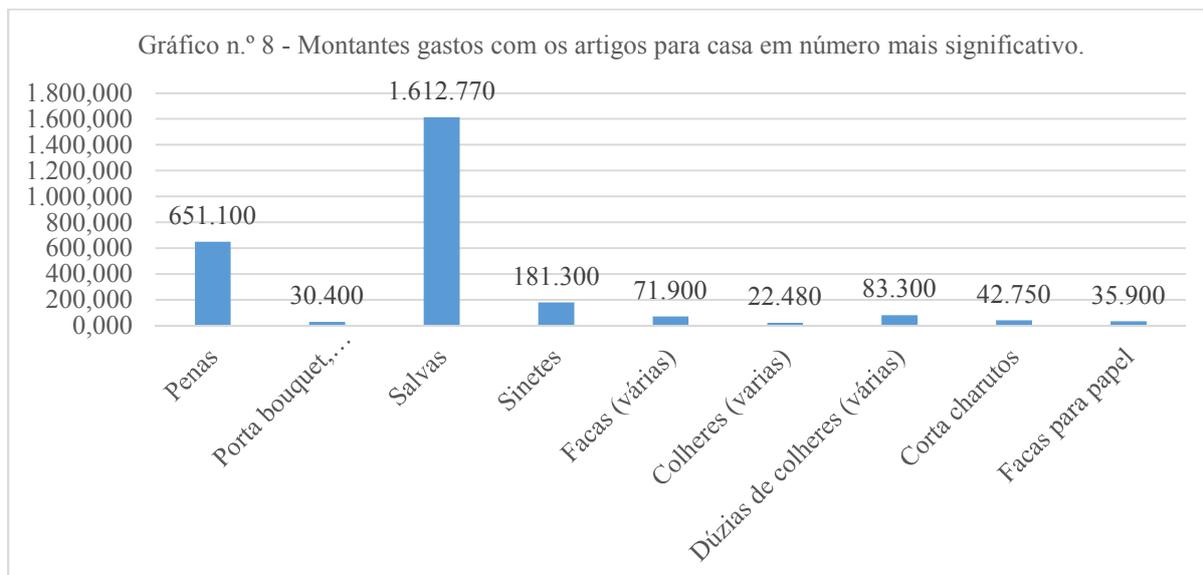
<sup>154</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-364, fol. 16.

<sup>155</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-034, fol. 129.



Nos seguintes gráficos temos refletido o número de aquisições dos artigos para casa mais significativos e os respetivos montantes gastos nos mesmos:





Verifica-se que no intervalo de 1877 a 1897 D. Maria Pia, adquiriu trezentas e vinte e nove peças à Leitão & Irmão, no montante total de 20.950.500 réis.

Noutra fonte<sup>156</sup> D. Maria Pia, também figura com uma aquisição efetuada em outubro de 1883, em que foi adquirido um alfinete, conforme quadro n.º 20. Essa peça tinha um valor de custo de 12.500 réis e foi vendido por 25.000 réis, existindo a margem de lucro de 100% sobre o valor inicial da peça.

Temos ainda conhecimento de pagamentos efetuados pela rainha D. Maria Pia à Leitão & Irmão<sup>157</sup>. Em Agosto de 1885, liquidou a quantia de 599.000 réis<sup>158</sup>, em julho, setembro, outubro e dezembro de 1886, efetuou pagamentos nos seguintes montantes de 1.355.000 réis<sup>159</sup>, 943.000 réis<sup>160</sup>, 2.004.350 réis<sup>161</sup>, 1.048.250 réis<sup>162</sup>, 601.000 réis<sup>163</sup> e 943.000 réis<sup>164</sup> respetivamente. Totalizando as quantias pagas o valor de 7.493.600 réis, referente a um pagamento do ano de 1885 e vários respeitantes ao ano de 1886, no entanto conclui-se que não seriam só pagamentos referentes a estes dois anos, mas quantias acumuladas.

<sup>156</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475.

<sup>157</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333.

<sup>158</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 100.

<sup>159</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 146.

<sup>160</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 152.

<sup>161</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 154.

<sup>162</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 157.

<sup>163</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 162.

<sup>164</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 167.

### 3.3 D. Fernando II

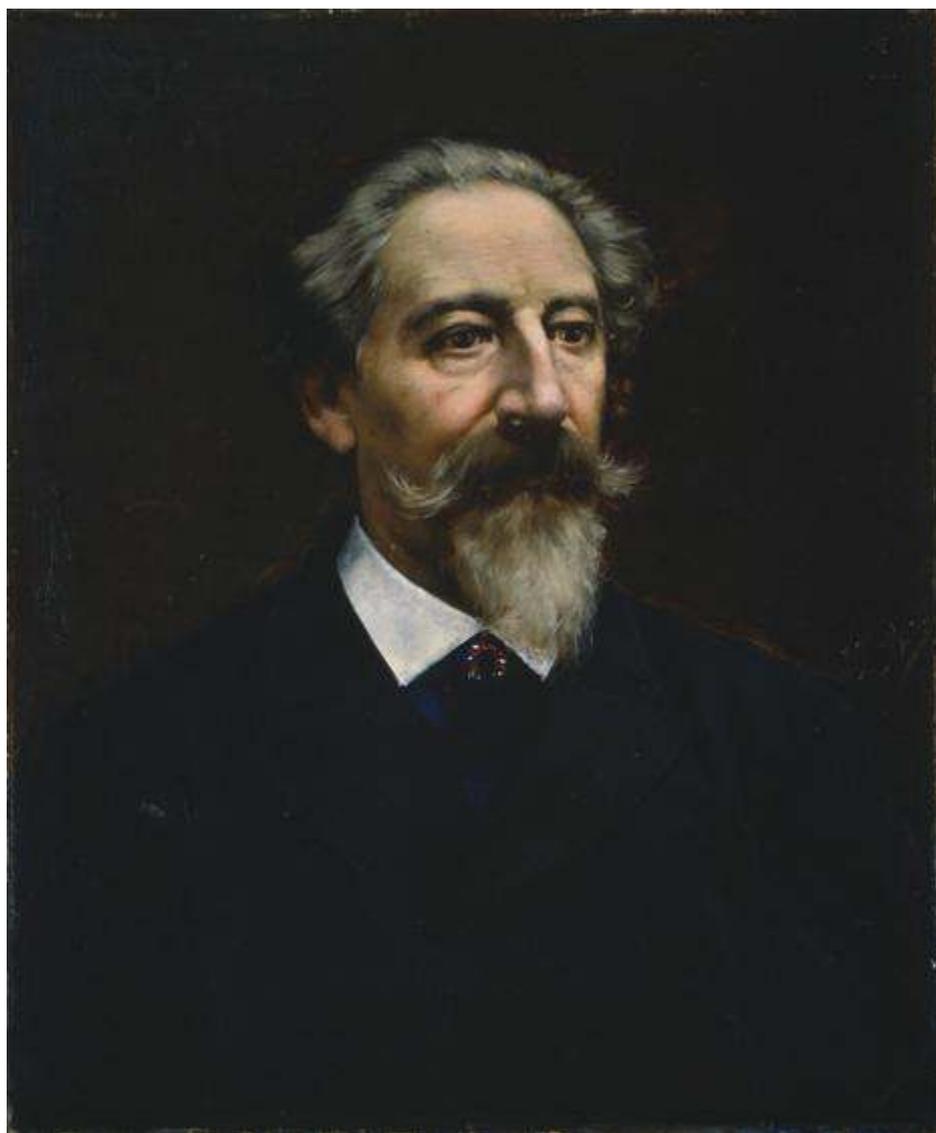


Fig. 6 – D. Fernando II - pintura a óleo de José de Brito, 1882  
Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

D. Fernando II, de seu nome de batismo Ferdinand August Franz Anton Saxe-Coburgo Saalfeld<sup>165</sup> a que se acrescentava não oficialmente Koháry, nasceu em Viena (Áustria), a 29 de outubro de 1816, filho de Fernando Jorge de Saxe-Coburgo-Saalfeld e Maria Antónia Gabriela Koháry de Csábrág e Szitnya. Casou, por procuração, com D. Maria II, a 1 de janeiro de 1836. Chegou a Portugal no dia 8 de abril do mesmo ano, sendo ratificado o seu casamento na sé de Lisboa no dia seguinte.

Este príncipe era um grande admirador da beleza. As artes dominavam a sua vida: desenhava, cantava e era um homem alegre, o que lhe granjeou o título de *Rei-Artista*. Gostava do convívio elegante da corte, de teatro, dos saraus musicais e das festas dadas pelo conde de Farrobo. A política não o encantava e não se entusiasmava com feitos militares. Nas suas deslocações para conhecer o país, tomou conhecimento de que alguns monumentos se encontravam negligenciados, como os mosteiros de Alcobaça, Batalha e o convento de Cristo em Tomar (onde ficou deslumbrado com a janela da sala do capítulo, ao ponto de lhe servir de inspiração para a que mandou construir na Pena). A ele se deve o empenho para que os mesmos tivessem intervenções para a sua preservação.

Em 1838, D. Fernando comprou o que restava do convento de Nossa Senhora da Pena e o Castelo dos Mouros na serra de Sintra<sup>166</sup>. O edifício que concebeu e construiu no topo do monte, tornou-se uma obra deslumbrante pela beleza, pela criatividade, exotismo e mistura de estilos, que resultaram num palácio fascinante, que ainda no século XXI, causa admiração a quem o visita. D. Fernando mandou plantar variadas espécies de árvores, arbustos e plantas florais, cuidadosamente distribuídos, circundando lagos e recantos poéticos. Assim nasceria o parque da Pena, um espaço idílico e surpreendente de vegetação luxuriante, um verdadeiro parque romântico.

D. Maria II faleceu a 15 de Novembro de 1853, deixando um profundo desgosto em D. Fernando. Todavia, em 1860, D. Fernando conheceu a que seria sua segunda mulher, Elise Fredericke Hensler. Contraíram matrimónio a 10 de junho de 1869. D. Fernando faleceu a 15 de dezembro de 1885.

Como artista admirava o belo. Essa admiração também se manifestava ao adquirir peças de ourivesaria e joalheria à Leitão & Irmão, como seguidamente se descreve.

---

<sup>165</sup> Maria Antónia Lopes, *D. Fernando II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, p. 21.

<sup>166</sup> Idem, *Ibidem*, p. 190.

No ano de 1877<sup>167</sup>, o rei D. Fernando efetuou a aquisição de trinta e três peças no valor de 2.188.400 réis, apesar de no livro estar registado o montante de 2.188.500 réis, devido a erro na soma.

Quadro n.º 33 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1877		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Coroa de condessa	1	85.500
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de brincos	1	50.000
Par de brincos esmalte	1	90.000
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Medalha	1	72.000
Terno de pérolas	1	48.000
Terno de pérolas	1	95.000
Terno de pérolas	1	180.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Bracelete em três	1	360.000
Pulseira	1	6.750
Pulseira	1	130.000
Pulseira	1	22.500
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel	1	225.000
Anel de safiras	1	390.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura	1	47.250
Abotoadura	1	7.000
Alfinete	1	15.000
Alfinete de manta	1	10.500
Alfinete de manta	1	4.000
Alfinete de manta	1	11.250
Broche	1	13.500
Broche borboleta	1	135.000
Par de botões	1	4.500

<sup>167</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 8.

Quadro n.º 33 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1877 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Assovio	1	9.000
Bolsa	1	6.600
Caixa de lumes	1	4.500
Caixa de lumes	1	5.500
Dedal	1	8.000
Caixa de pó de arroz	1	9.000
Lapiseira	1	20.000
Lapiseira	1	11.250
Lapiseira	1	3.500
Salva	1	97.500
Salva	1	10.800

A peça mais cara adquirida pelo rei D. Fernando no ano de 1877 foi um anel de safiras, no valor de 390.000 réis; a mais barata foi uma lapiseira, pelo preço de 3.500 réis.

No ano de 1878<sup>168</sup>, adquiriu catorze peças no montante de 737.500 réis, conforme abaixo se discriminam:

Quadro n.º 34 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1878		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Argola	1	13.500
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Medalha	1	125.000
Medalha	1	54.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Manilha	1	7.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel	1	20.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura	1	22.500
Abotoadura	1	15.000
Alfinete para manta	1	150.000
Alfinete de manta moeda romana	1	31.500
Broche bolas lápis	1	31.500
Par de botões de punho cobra	1	81.000

<sup>168</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 9.

Quadro n.º 34 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1878 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cesto de prata	1	42.500
Par de jarras em prata	1	54.000
Tinteiro	1	90.000

A peça mais cara adquirida este ano foi um alfinete para manta, no montante de 150.000 réis; a mais barata uma manilha por 7.000 réis.

No ano de 1879<sup>169</sup>, o montante gasto foi de 3.901.700 réis, referente a trinta e três aquisições, ao valor de dois registos que não se percebe o descritivo e de duas gravuras, distribuindo-se pelas seguintes tipologias:

Quadro n.º 35 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1879		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de brincos	1	25.000
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Medalha	1	108.000
Terno de perolas	1	108.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel	1	90.000
Anel	1	40.500
Anel de brilhantes	1	180.000
Anel de prata	1	450.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura	1	81.000
Abotoadura	1	28.500
Alfinete	1	85.500
Broche	1	25.000
Broche	1	600.000
Broche dragão	1	225.000
Par de botões	1	23.500
Par de botões	1	4.500

<sup>169</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 9 - ELI-356, fol. 5.

Quadro n.º 35 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1879 (cont.)		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de botões	1	90.000
Par de botões	1	76.500
Par de botões rubi	1	81.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Caixa de lume	1	8.500
Cesta	1	445.000
Cesto	1	56.800
Colher de prata	5	15.000
Gravura		24.000
Gravura		8.400
Par de solitários	1	500.000
Salva	1	70,060
Salva	1	15.440
Serviço de chá	1	210.000
Talher	1	26.500
Tinteiro	1	16.000
Não legível		12.500
Não legível		36.500
Não legível	1	135.000

A peça mais cara foi um broche, por 600.000 réis; a mais barata, um par de botões, por 4.500 réis.

Para o ano de 1880<sup>170</sup>, deparamo-nos com o registo das mesmas aquisições em dois livros diferentes. Assim, contabilizámos para este ano um total de dez peças, no montante de 849.250 réis, tomado em consideração o registo de um só livro, pois o que está descrito num e no outro são os mesmos artigos.

Quadro n.º 36 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1880		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de tornilhos grandes	1	25.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira em forma de cobra	1	110.000
Pulseira de brilhantes	1	125.000

<sup>170</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fols. 5, 6 - ELI 357, fol. 5.

Quadro n.º 36 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1880 (cont.)		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira de brilhantes	1	115.000
Pulseira ouro dinheiro	1	98.500
Pulseira parafuso	1	38.250
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete ferradura	1	58.500
Broche e brincos	1	135.000
Par de botões com brilhante	1	90.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Aro de ouro	1	54.000

A peça mais cara adquirida neste ano foi um broche e brincos, no valor de 135.000 réis; a menos dispendiosa, um par de tornilhos grandes, no valor de 25.000 réis. Na sequência do registo está mencionado, um montante relativo a compras efetuadas pela condessa, que foram registadas na conta do rei D. Fernando, no valor de 86.250 réis.

No ano de 1881<sup>171</sup>, dá-se a mesma situação anteriormente citada, com alguns registos de aquisições efetuados em dois livros diferentes. Para este ano as aquisições realizadas foram trinta e seis peças, no valor de 2.670.800 réis. Neste montante não se incluiu a importância que transitou da conta da condessa, no montante de 554.350 réis. Em seguida, as aquisições efetuadas:

Quadro n.º 37 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1881		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Medalha	1	112.500
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira	1	135.000
Pulseira	1	25.000
Pulseira turquesa e brilhantes	1	235.000
Pulseiras de prata	10	22.500
Pulseiras de prata	3	4.800
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel olho-de-gato	1	90.000

<sup>171</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 6 - ELI 357, fol. 5.

Quadro n.º 37 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1881 (cont.)		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete	1	90.000
Broche	1	575.000
Broche de brilhantes	1	112.500
Broche de esmalte	1	135.000
Caranguejo	1	850.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Caixa	1	9.000
Cestas de filigrana	2	18.000
Cofre filigrana	1	18.000
Par de jarras	1	10.000
Par de talheres	6	180.000
Pena de ouro	1	27.000
Talher para salada	1	12.500

A aquisição mais cara no ano de 1881 foi um caranguejo, no valor de 850.000 réis, e a mais barata uma caixa por 9.000 réis.

Para o ano de 1882<sup>172</sup>, verificam-se aquisições de cinquenta e oito peças no montante de 2.278.250 réis, como a seguir se discriminam:

Quadro n.º 38 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1882		
Joias para a cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pregos de tartaruga	2	130.000
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Aros em brincos de pérolas	1	6.000
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Aumento de um colar de prata	1	1.500
Colar de prata	1	18.000
Terno de pérolas	1	120.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira com guizos	1	145.000

<sup>172</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI 357, fols. 6, 123.

Quadro n.º 38 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1882 (cont.)		
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel de esmeraldas e brilhantes	1	165.000
Anel com turquesa	1	63.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura com pérolas	1	36.000
Alfinete ferradura	1	145.000
Alfinete de manta	1	13.500
Alfinete de manta travessão	1	31.500
Alfinete opala	1	25.000
Alfinete ouriço	1	15.750
Broche de esmeraldas	1	128.000
Broche com pérolas	1	45.000
Broche com pérolas	1	40.000
Broche botão de ouro	1	180.000
Par de botões	1	19.500
Par de botões	1	13.500
Par de botões	1	13.500
Par de botões	1	13.500
Par de botões	1	16.500
Par de botões opala	1	63.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Caixa	1	12.000
Caixa	1	8.500
Caixa para fósforos em aço	1	12.000
Cinzeiro	1	13.500
Cinzeiro	1	12.000
Conserto de objetos de prata	1	3.000
Conserto de um relógio (da conta da Sra. Condessa)	1	4.000
Conserto de um broche	1	1.500
Dúzias de talheres	3	180.000
Faca	1	13.500
Lapiseira	1	15.000
Par de cabeças com brilhantes	1	180.000
Pés de prata para alfinetes	15	15.000
Salva	1	63.000
Serviço de Chá	1	152.000
Serviço	1	120.000
Não legível	1	25.500

As peças mais caras adquiridas no ano de 1882 foram um broche botão de ouro, três dúzias de talheres e um par de cabeças com brilhantes, sendo o preço de cada um dos artigos no valor de 180.000 réis. As mais baratas foram uns aros em brincos de pérolas no valor de 6.000 réis.

No ano de 1883, verifica-se que só existe a compra de um anel de brilhantes no valor de 250.000 réis e que da conta da condessa foi lançado na conta de D. Fernando a quantia de 31.500 réis, conforme quadro seguinte:

Quadro n.º 39 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1883		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel de brilhantes	1	250.000

No ano de 1884<sup>173</sup>, D. Fernando despendeu a quantia de 1.393.800 réis, referente a vinte e dois artigos e dois concertos. Neste montante não se contempla a quantia de 26.400 réis, referentes aos trinta e três bilhetes para creches que consta na conta de D. Fernando em outubro, por estar fora do âmbito das aquisições efetuadas à joalheria em questão. A peça mais dispendiosa adquirida foi um par de brincos com brilhantes, no valor de 450.000 réis, a mais barata um alfinete bastão no montante de 9.000 réis. Neste ano também consta, vinda da conta da condessa, um broche no valor de 135.000 réis, para D. Fernando pagar.

Quadro n.º 40 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1884		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de brincos de brilhantes	1	190.000
Par de brincos de brilhantes	1	450.000
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Terno de brilhantes	1	200.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel	1	103.500
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura	1	135.000
Alfinete olho-de-gato	1	36.000
Alfinete bastão	1	9.000
Alfinete ferradura	1	112.500
Broche da conta da senhora condessa	1	135.000

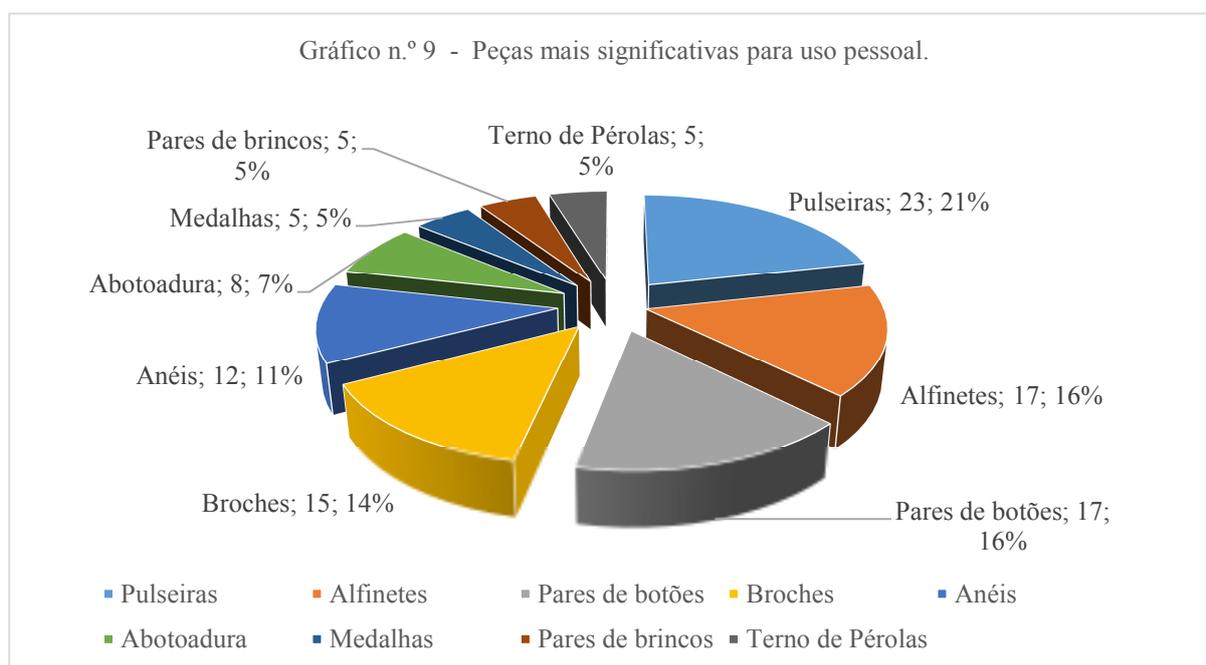
<sup>173</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI 357, fols. 123, 163.

Quadro n.º 40 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1884 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Conserto de uma campainha		800
Conserto de um espelho e pratas		2.500
Pés de prata para alfinetes	12	6.000
Reforma de adereços	1	13.500

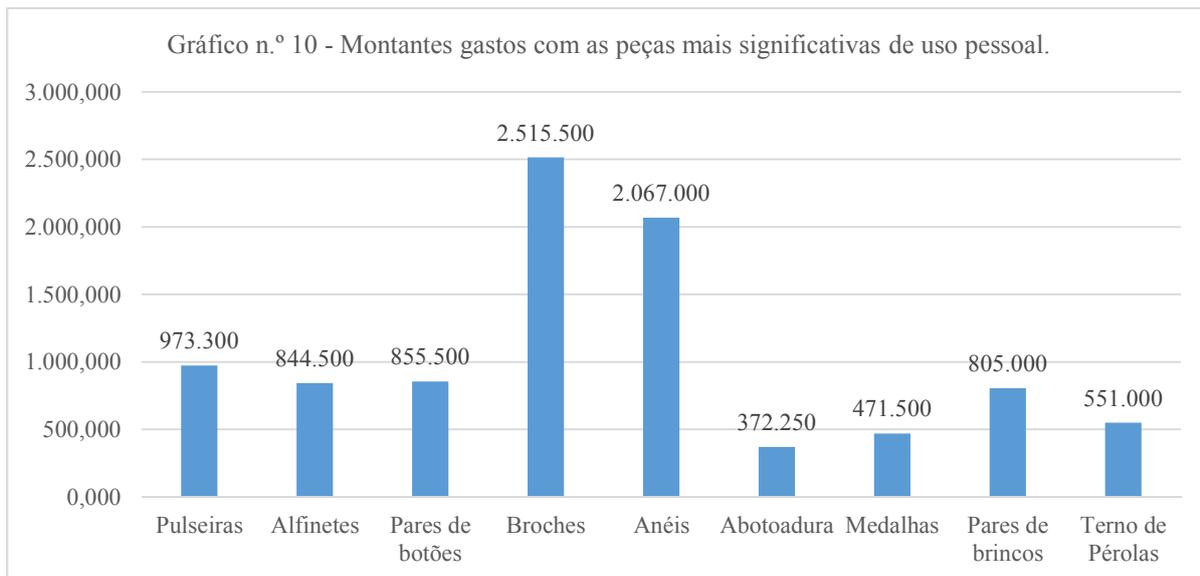
Em 1885<sup>174</sup>, D. Fernando figura no registo com uma aquisição de um *tete à tete* na quantia de 135.000 réis.

Quadro n.º 41 - Aquisições efetuadas por D. Fernando em 1885		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
<i>Tete à tete</i>	1	135.000

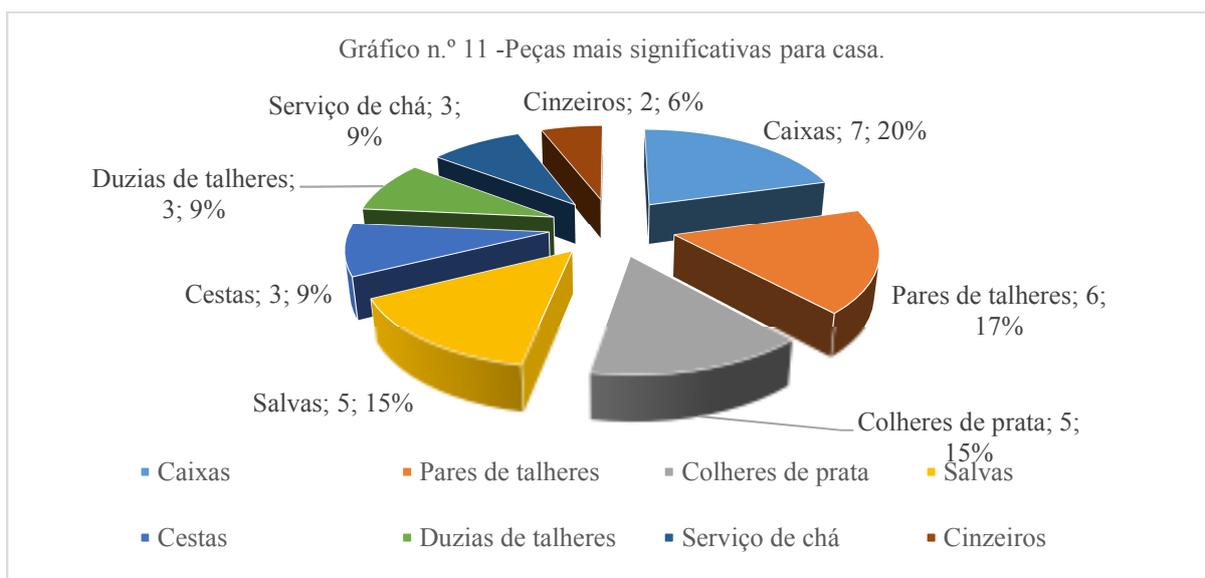
De 1877 a 1885. D. Fernando, adquiriu duzentas e oito peças no montante total de 14.404.700 réis. Nos seguintes gráficos, podemos verificar as peças para uso pessoal adquiridas em maior número e as quantias despendidas nas mesmas:

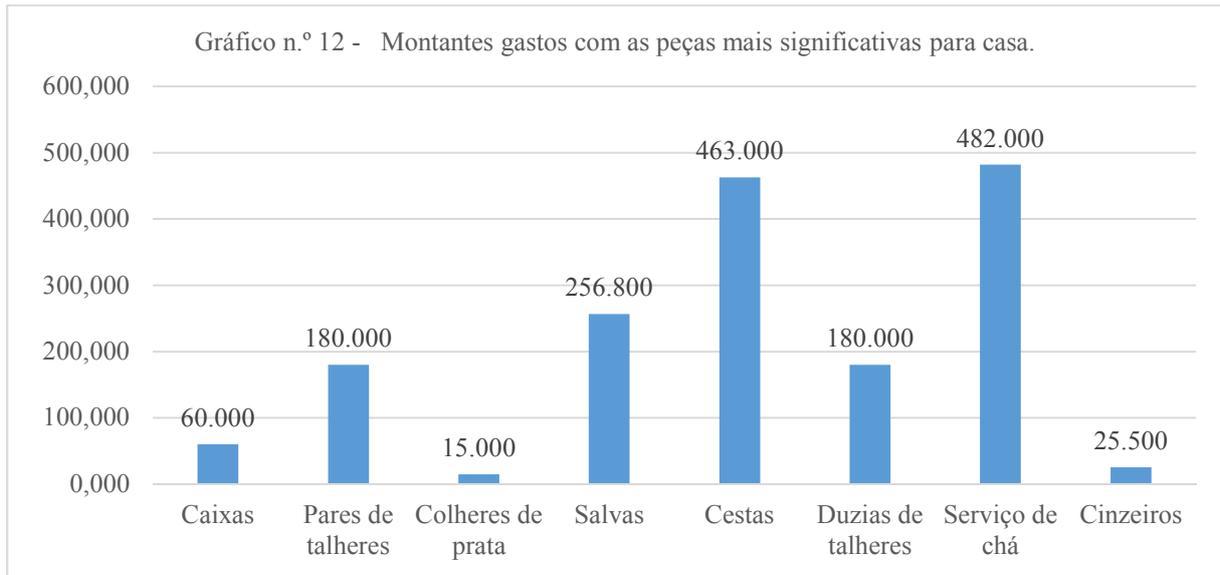


<sup>174</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI 535, fol. 282.



Nos seguintes gráficos, podemos tomar conhecimento das peças para casa adquiridas em maior número e as quantias com elas despendidas:





Neste gráfico as peças mais caras foram os serviços de chá, seguidos pelas cestas, depois pelas salvas, pares de talheres e dúzias de talheres, menos destacados temos as caixas, os cinzeiros e as colheres de prata. Verificando-se que apesar das caixas terem sido adquiridas em maior número os serviços de chá tem um valor mais elevado.

### 3.3 D. Carlos



Fig. 7 – D. Carlos - pintura a óleo de José Vital Branco Malhoa, 1890  
Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

D. Carlos de Bragança de seu nome completo, Carlos Fernando Luís Maria Vítor Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis José Simão, primogénito do rei D. Luís e da rainha D. Maria Pia, nasceu no Palácio da Ajuda, em Lisboa, a 28 de setembro de 1863, pela uma e meia da tarde, na sala verde desse paço<sup>175</sup>. Foi batizado pelo cardeal-patriarca de Lisboa na igreja de S. Domingos, a 19 de outubro, tendo sido seus padrinhos<sup>176</sup>, sua tia, a princesa Clotilde, irmã de sua mãe, e o rei D. Fernando II, seu avô paterno. A infância e adolescência foram passadas no palácio da Ajuda, no de Sintra e na cidadela de Cascais. A sua instrução foi determinada pelos parâmetros habituais no tratamento e educação atribuídos a um futuro rei. D. Carlos prestou juramento como herdeiro da coroa a 14 de março de 1878, aos 14 anos<sup>177</sup> e assumiu a regência por três vezes quando os pais se ausentaram em viagem.

Casou a 22 de Maio de 1886 com a princesa D. Maria Amélia de Orleães<sup>178</sup> e ascendeu ao trono, por morte de seu pai a 19 de Outubro de 1889. À data da aclamação como Rei de Portugal, D. Carlos tinha 26 anos, era o mais jovem rei em funções na Europa, casado, com um filho varão e outro prestes a nascer, o que dava uma certa tranquilidade quanto à continuação da Casa de Bragança. Faleceu a 1 de fevereiro de 1908, na sequência de um atentado efetuado no Terreiro do Paço, em Lisboa, onde também morreu o seu filho e herdeiro do trono, o príncipe D. Luís Filipe. A sucessão ficou garantida pelo seu segundo filho, D. Manuel, que reinou de 1908 a 1910, quando foi derrubada a Monarquia e proclamada a República em Portugal.

Reconhecido pela sua cultura, como notável pintor e grande entusiasta pela oceanografia, colaborou em investigações oceanográficas a bordo do iate *Amélia*, daí resultando o principal espólio do Aquário Vasco da Gama, que ainda hoje se pode visitar.

Do lote de correspondência trocada entre a Casa Real e a Leitão & Irmão fazem parte dezassete bilhetes, originários do entorno de D. Carlos, primeiro como príncipe e depois como rei<sup>179</sup>. As mensagens enviadas nos bilhetes contêm diferentes solicitações e no mesmo bilhete poderemos encontrar diversos assuntos. Os documentos são sempre da autoria de servidores do príncipe e, posteriormente, do monarca, designadamente Ernesto da Silva e J. M. da Costa Fortunato pertencentes à Administração Geral da Casa do Rei<sup>180</sup>.

---

<sup>175</sup> Rui Ramos, *D. Carlos*, 8ª ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, p. 27.

<sup>176</sup> Luís Nuno Espinha da Silveira e Paulo Jorge Fernandes, *D. Luís*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012, p. 61.

<sup>177</sup> Rui Ramos, *D. Carlos*, [...], p. 41.

<sup>178</sup> Rui Ramos, *D. Carlos*, [...], p. 48.

<sup>179</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>180</sup> Percorrida a lista de funcionários, não se encontrou no arquivo da Torre do Tombo e do Palácio Nacional da Ajuda, qualquer referência aos nomes e funções desempenhadas pelos mesmos.

Para os anos de 1882 e 1891, existem dois bilhetes a inquirir sobre o andamento dos trabalhos solicitados. Em 18 de maio de 1882, foi enviado um a questionar se a gravação estava concluída, com o seguinte teor: “Sua Alteza o Príncipe Real, caso ainda não estejam prontos todos os botões que mandou gravar, desejava ao menos hoje ter uns” e, a 31 de outubro de 1891, um outro a indagar se o anel do rei estava pronto <sup>181</sup>. Nos anos de 1888 e 1890, solicitaram-se gravações em botões de punho e numa pasta, sendo que nos botões de punho seria gravada a letra B com coroa de duque a letra A com coroa na pasta.

Quanto aos pedidos de artigos para escolha, temos bilhetes dos anos de 1888, 1889, 1890, 1891 e 1896. A 22 de setembro de 1888, foi solicitado à Leitão & Irmão, o seguinte: “Queira mandar hoje sem falta para Sua Alteza o Príncipe Real escolher alfinetes pequeninos para gravata e também para segurar as ditas e dois prémios diferentes próprios para a regata de amanhã, será bom mandar mais que dois para Sua Alteza escolher”<sup>182</sup>. A 5 de abril de 1889, existe um pedido de alfinetes de peito, botões de punho e anéis para homem com valor entre 10 e 20 libras<sup>183</sup>; a 18 de novembro de 1890, foram solicitados adereços de joias, com valores entre 1.500.000 e 1.600.000 réis<sup>184</sup>. No dia 9 de setembro de 1891, foram enviados dois bilhetes, no primeiro foi requerido o envio de pulseiras e alfinetes de peito de baixo custo<sup>185</sup>, no segundo foram pedidas pulseiras e alfinetes, mas de alto e baixo custo<sup>186</sup>. A 9 de dezembro de 1891, nova encomenda, desta vez foi solicitado o seguinte: “O Rei deseja para escolher trancelins ou cordões com pérolas ou pedras preciosas para relógios”<sup>187</sup> e, a 19 de agosto de 1896, foi requerido à joalheria seis passadeiras de ouro para gravata ao gosto inglês<sup>188</sup>.

Para os anos de 1888, 1890 e 1897, constavam nos bilhetes três encomendas, duas medalhas de ouro para guardar cabelos<sup>189</sup>, uma tampa de prata lisa e uma argola numa virola de lado, para um chifre<sup>190</sup>; e ainda a colocação de uma pequena argola para servir de berloque para a correia do relógio do rei<sup>191</sup>.

Os livros de contas correntes da Leitão & Irmão a que tivemos acesso e que consultamos, só mencionam D. Carlos como cliente no ano de 1883 e 1884.

---

<sup>181</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>182</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>183</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>184</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>185</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>186</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>187</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>188</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>189</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>190</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

<sup>191</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-913, fol. não num.

Assim, verificam-se aquisições de duas peças em 1883<sup>192</sup> no montante total de 197.000 réis, conforme quadro infra:

Quadro n.º 42 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1883		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete de manta	1	72.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Estojo para fumista	1	125.000

Em 1884<sup>193</sup>, o monarca figura novamente como cliente, com a aquisição de nove peças orçadas num total de 896.500 réis, neste total incluem-se algumas gravuras. A sua aquisição mais cara foi uma pulseira de safiras e brilhantes, no valor de 360.000 e a mais barata um sobreposto em prata para cofre na quantia de 18.500 réis, conforme mencionado no quadro seguinte:

Quadro n.º 43 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1884		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira de safiras e brilhantes	1	360.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete	1	54.000
Alfinete de manta	1	72.000
Alfinete de pedras	1	40.000
Alfinete de pedras	1	40.500
Par de botões manta	1	54.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cinzeiro de prata	1	95.000
Cofre	1	150.000
Gravuras		12.500
Sobreposto em prata no cofre	1	18.500

Assim, verificamos que D. Carlos nestes dois anos, adquiriu onze peças no montante de 1.093.500 réis, a peça adquirida mais valiosa neste intervalo de tempo foi uma pulseira de safiras e brilhantes, no valor de 360.000 réis e a mais barata um sobreposto em prata para cofre na quantia de 18.500 réis

<sup>192</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 132.

<sup>193</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 132.

Uma outra fonte<sup>194</sup>, designada *Diversos, Livro de Registos [de entradas, custo e saída de artigos]*, apresenta diversas divisões quanto a mercadorias. Em cada folha consta um artigo como, alfinete para manta, botões de punho, abotoaduras, botões para peito, anéis para homem e senhora, cadeias homem e senhora, berloques homem e senhora, colares, peças pendente senhoras, artigos diversos senhora, medalhas homem e senhora, artigos de prata – *Toilette*, artigos para escritório prata e ouro, artigos de prata para mesa e artigos diversos prata. Apura-se que o preço de custo e o preço de venda é igual. Ao mesmo tempo verifica-se por exemplo que, uma peça com data de entrada no estabelecimento a 12 de agosto de 1886, tem a saída registada a 28 de setembro de 1890, o que demonstra que uma peça podia ficar na loja e ter uma saída alguns anos mais tarde.

Analisando o mesmo documento, conclui-se que D. Carlos foi cliente da Leitão & Irmão entre 1886 e 1893. No ano de 1886<sup>195</sup> verifica-se que efetuou oito aquisições no valor total de 394.100 réis. A peça mais dispendiosa foi um *tete à tete vieil argent*, no valor de 203.000 réis, e a mais barata um anel aliança pelo montante de 2.500 réis. D. Carlos comprou dois anéis aliança, um a 9 e outro a 18 de maio, sendo que o adquirido no dia 18 foi mais caro que o adquirido a 9, podendo ser estas as alianças para o casamento dos príncipes, ocorrido a 22 de maio de 1886. Abaixo o mapa com as aquisições para o ano de 1886:

Quadro n.º 44 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1886		
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel aliança	1	5.500
Anel aliança	1	2.500
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura ónix	1	16.000
Alfinete	1	2.700
Alfinete	1	2.700
Alfinete ónix	1	4.700
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Jarra em prata e esmalte	1	157.000
<i>Tete à tete vieil argent</i>	1	203.000

<sup>194</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535.

<sup>195</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 8, 10, 35, 67, 69, 260, 281.

Em 1887<sup>196</sup>, D. Carlos efetuou doze aquisições no montante de 370.000 réis, figurando como a mais cara uma abotoadura pelo valor de 97.000 réis, e a mais barata um alfinete de aço e ouro, pelo preço de 6.000 réis, conforme quadro seguinte:

Quadro n.º 45 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1887		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura simples	1	97.000
Alfinete aço e ouro	1	6.000
Alfinete bastão com rosas e rubis	1	23.500
Alfinete com macaco dentro de um chapéu	1	9.800
Alfinete com macaco e lanterna	1	10.500
Alfinete ouro martelado com brilhantes	1	10.300
Par de botões	1	17.400
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cálices, garrafa e salva lisa (conjunto de seis)	1	57.000
Campainha	1	24.000
Canecas e salva	1	39.500
Facas de sobremesa (conjunto de doze)	1	44.000
Porta selos	1	31.000

Para o ano de 1888<sup>197</sup>, constam como adquiridas por D. Carlos seis peças no montante total de 142.300 réis. A peça mais cara adquirida nesse ano foi uma pasta de couro, com os cantos em ouro, na quantia de 48.500 réis e as mais acessíveis dois alfinetes *mignonnet*, por 4.600 réis cada, conforme o quadro seguinte:

Quadro n.º 46 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1888		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete <i>mignonnet</i>	1	4.600
Alfinete <i>mignonnet</i>	1	4.600
Par de botões com granadas	1	15.100
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Média <i>bonbonnière</i> em prata Luís XV	1	23.500
Pasta couro cantos de ouro	1	48.500
Talher para salada	1	46.000

<sup>196</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 14, 15, 17, 18, 26, 270, 284.

<sup>197</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 20, 28, 241, 271, 285.

Em 1889<sup>198</sup>, D. Carlos, é mencionado como tendo efetuado cinco aquisições no montante total de 118.300 réis. A peça mais dispendiosa foi uma *jardinière* transformada, pelo preço de 59.000 réis, e as mais baratas o alfinete com turquesa e o par de botões de pérolas pretas com brilhantes em que não foi mencionado o preço de venda, o que poderia considerar-se como lembranças da Leitão & Irmão, pela ascensão ao trono de D. Carlos, por morte de seu pai o rei D. Luís, em 19 de outubro de 1889.

Quadro n.º 47 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1889		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete com turquesa	1	0,000
Par de botões em forma de cobra	1	34.500
Par de botões crocodilo	1	24.800
Par de botões de pérolas pretas com brilhantes	1	0.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
<i>Jardinière</i> transformada	1	59.000

No decorrer do ano de 1890<sup>199</sup>, figura o nome do rei D. Carlos como tendo efetuado cinco aquisições, num total de 1.579.450 réis. A sua aquisição mais dispendiosa foi um *bouquet* de jasmims no valor de 634.000 réis e a mais barata um par de botões travessão com brilhantes, pelo preço de 54.000 réis, conforme o seguinte quadro:

Quadro n.º 48 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1890		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pente diadema brilhantes	1	425.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel safira <i>cabochon</i> com dois brilhantes	1	90.500
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura com rubis, safiras e rosas	1	375.950
Par de botões travessão com brilhantes	1	54.000
<i>Bouquet</i> de jasmims	1	634.000

<sup>198</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 15, 27, 29, 49, 261.

<sup>199</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 38, 77, 240, 242.

No ano de 1891<sup>200</sup>, verificam-se duas aquisições no total de 165.500 réis.

Quadro n.º 49 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1891		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete <i>entourage</i>	1	59.500
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Faca em tartaruga com punho cinzelado	1	106.000

Durante o ano de 1892<sup>201</sup>, D. Carlos efetuou uma única aquisição, a de um prego punhal em tartaruga com pedras, no valor de 203.700 réis.

Quadro n.º 50 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1892		
Joias para a cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Prego punhal em tartaruga com pedras	1	203.700

Relativamente ao ano de 1893<sup>202</sup>, também só existe o registo de uma aquisição efetuada pelo Rei, sendo um pente em diadema servindo de broche com brilhante e rosas, no montante de 191.000 réis.

Quadro n.º 51 - Aquisições efetuadas por D. Carlos em 1893		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pente em diadema servindo de broche com brilhante e rosas	1	191.000

Concluimos que de 1883 a 1893, D. Carlos adquiriu à Leitão & Irmão cinquenta e uma peças no montante total de 4.257.850 réis.

Noutra fonte<sup>203</sup>, o livro denominado *Joalharia (Livro de Registos de Entradas, Custo e Saída de Artigos de) 1882*, constam as designações dos objetos, o seu custo, ano, mês e preço de venda. O volume tem início a 1 de janeiro de 1883 e até outubro do mesmo ano existem registos de aquisições efetuadas por membros da família real. Após essa data não se

<sup>200</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 23, 273.

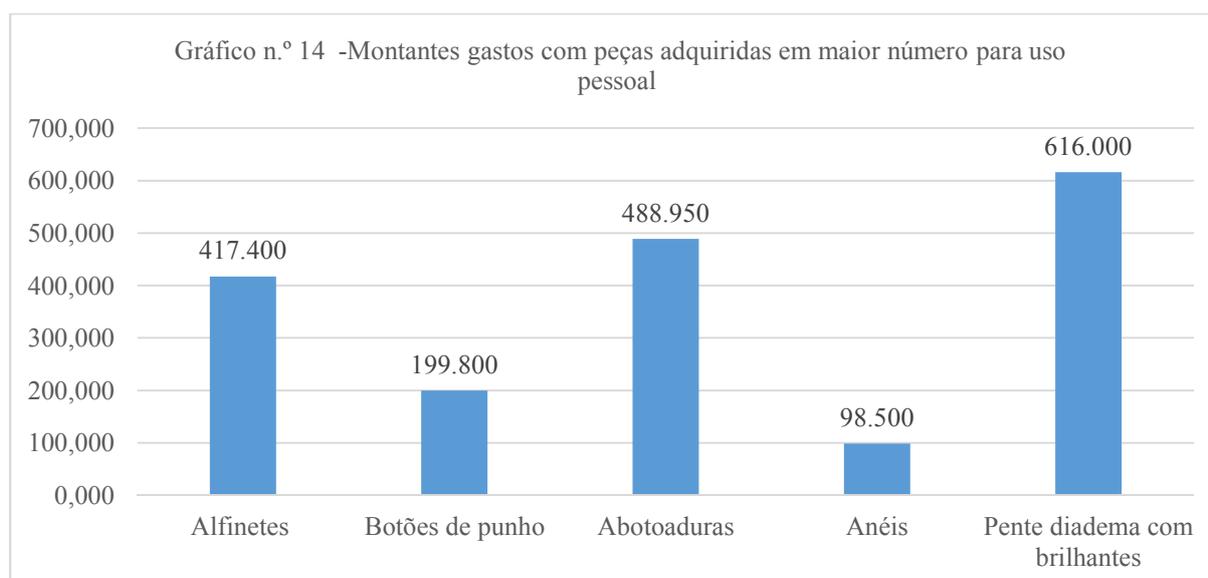
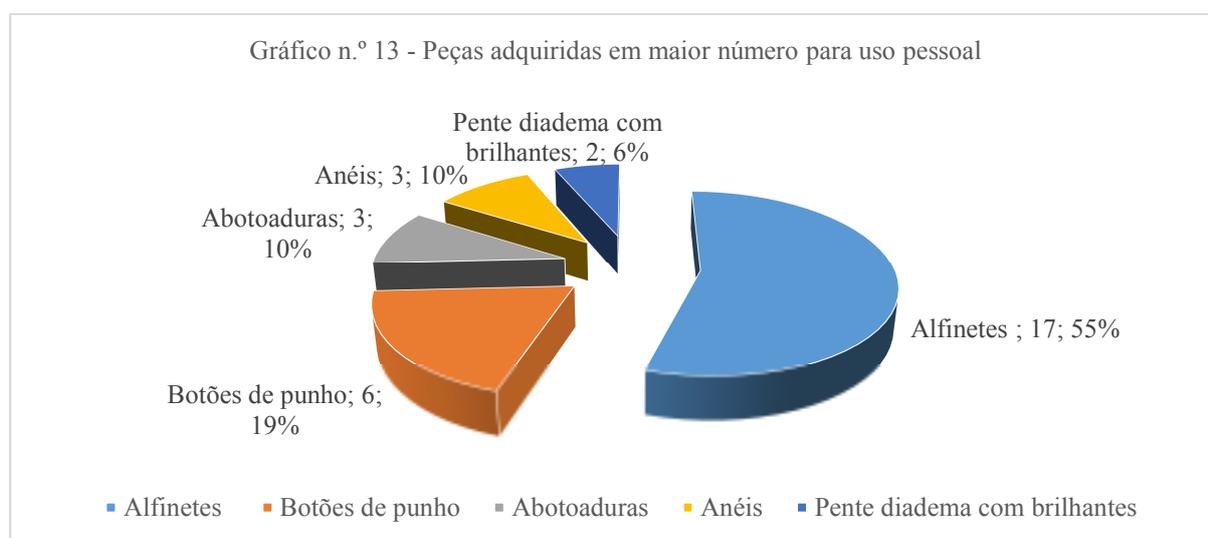
<sup>201</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 243.

<sup>202</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 246.

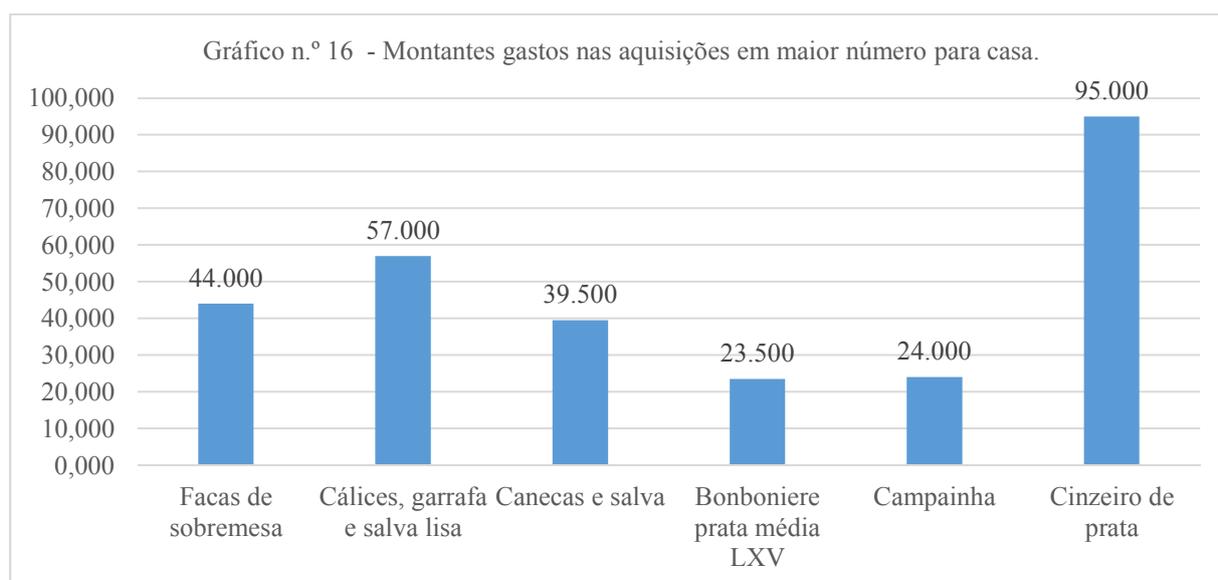
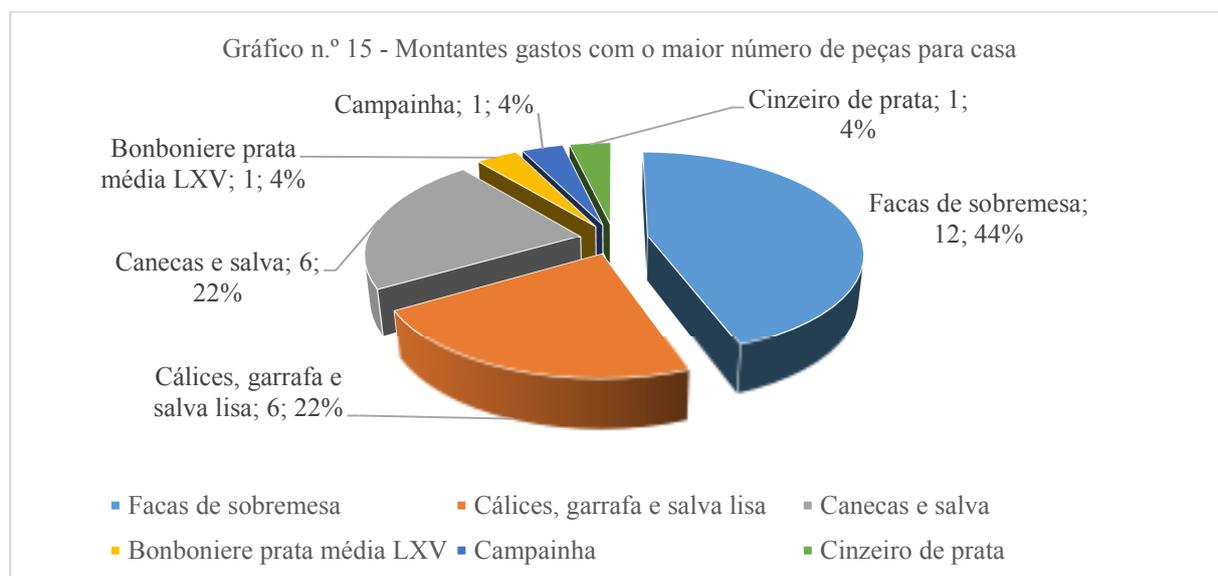
<sup>203</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475.

encontram mais referências até ao final dos registos, a 16 de novembro de 1885. A partir do número de registo 5.282, referente a 25 de novembro de 1883 e até ao final do referido livro, não se encontram mencionadas saídas de material. D. Carlos vem referenciado no mesmo como tendo adquirido um alfinete de ferradura com brilhantes, em maio de 1883, que teve um custo de 45.300 réis e que foi vendido pelo preço de 72.000 réis, tendo um lucro de 59% sobre o preço de custo, como podemos comprovar no quadro n.º49, que se encontra na página 78 deste trabalho.

Em seguida, os gráficos com as peças adquiridas em maior número, por D. Carlos para uso pessoal, tanto pelo número de peças como pelas quantias nelas despendidas:



A seguir os gráficos relativos às aquisições em maior número de artigos para casa, tanto em número como em montantes gastos:



D. Carlos encomendou à Leitão & Irmão um colar, para presentear a sua noiva por ocasião do seu casamento. Tinha a forma de ramo e era composto por brilhantes e safiras, algumas de grandes dimensões. Esta peça foi efetuada por Germano Boal<sup>204</sup>. Dele faziam parte 23 safiras que se misturavam com 300 brilhantes, entre os quais se destaca um de tamanho pouco vulgar<sup>205</sup>.

<sup>204</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-364, fol. 324.

<sup>205</sup> “Jóias presenteadas pela Família Real Portuguesa a S.A. A Princesa D. Maria Amélia”, *Occidente –Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º273, vol. IX, 9.º Ano, Lisboa, 1886, pp.162-164.

D. Carlos também figura noutra fonte, em que está registada a aquisição de um alfinete, com um custo inicial de 45.300 réis. Foi vendido por 72.000 réis conforme quadro n.º 49. A margem de lucro foi próxima a 65%<sup>206</sup>.

Outra fonte<sup>207</sup> relacionada com pagamentos registou que D. Carlos, efetuou cinco, dois relativos aos meses de junho e setembro de 1886, com os seguintes montantes: 2.250.000 réis<sup>208</sup> e 1.038.600 réis<sup>209</sup>, e mais três com referência a maio, setembro e dezembro de 1887 nos seguintes valores: 714.500 réis<sup>210</sup>, 38.000 réis<sup>211</sup> e 36.000 réis<sup>212</sup>. Totalizando o valor de 4.077.100 réis. Analisando este total verifica-mos, que temos registos de compras no montante de 394.100 réis para o ano de 1886 e 370.000 réis para o ano de 1887, totalizando 764.100 réis, o restante de 3.313.400 réis, que não sabemos a que aquisições atribuir, deveriam ser quantias em dívida de outros anos.

---

<sup>206</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475.

<sup>207</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333.

<sup>208</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 142.

<sup>209</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 152.

<sup>210</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 189.

<sup>211</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 201.

<sup>212</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 212.

### 3.5 D. Augusto



Fig. 8 – Fotografia do Infante D. Augusto, autoria de Francisco Augusto Gomes, 1861  
Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

D. Augusto Maria Fernando Carlos Miguel Rafael Agrícola Francisco d' Assis Pedro de Alcântara Loyola de Bragança Bourbon Saxe-Coburgo-Gotha<sup>213</sup>, infante de Portugal, duque de Coimbra e de Saxe, filho da rainha D. Maria II e de D. Fernando de Saxe Coburgo Gota e irmão dos reis D. Pedro V e D. Luís, nasceu às 13h do dia 4 de novembro de 1847<sup>214</sup> no palácio das Necessidades, em Lisboa, foi batizado<sup>215</sup> a 2 de dezembro do mesmo ano e foi seu padrinho, seu tio Augusto irmão de seu pai, faleceu na mesma cidade, a 26 de setembro de 1889.

Contava catorze anos em 1861, quando uma perigosa doença, ao que parece febre tifoide, acometeu ao mesmo tempo os seus irmãos, o rei D. Pedro V e os infantes D. João e D. Fernando, que não sobreviveram. D. Augusto que também contraiu a doença, foi miraculosamente salvo, mas a sua saúde ficou muito debilitada, permitindo-lhe apenas levar uma vida triste e doentia, não lhe tendo deixado gozar uma alegre mocidade. Apesar desta situação o infante não deixou os estudos militares, mais precisamente na arma de cavalaria<sup>216</sup>. Assentou praça em 1855, com o posto honorário de alferes, passou, em 1862, para o posto de capitão, deixado vago pelo infante D. João no regimento de lanceiros. D. Augusto desempenhou funções de Condestável, o mais alto posto no exército. Aquando da morte de D. Pedro V, seu irmão D. Luís sucedeu-lhe no trono, ficando D. Augusto como príncipe herdeiro<sup>217</sup>, enquanto o novo rei não obtivesse descendência. Mesmo com pouca saúde, o infante aceitava sempre com agrado as comissões que o governo lhe confiava, a primeira das quais ir à Índia com o governador daquele Estado, o general Joaquim José de Macedo e Couto, pacificar uma revolta, em virtude de uma reforma militar no exército. Partiu para a Índia a 12 de novembro de 1871, tendo já o posto de general de brigada e a sua presença entre aqueles povos e a sua prudência tiveram muita influência na pacificação e no cumprimento das ordens do governo português. Depois de três meses e meio por terras indianas e tendo deixado o território tranquilo, regressou a Portugal a 1 de maio de 1872.

Em 1884, foi-lhe confiado o comando interino da brigada de cavalaria de instrução e manobra e logo depois a inspeção da mesma arma. Este novo cargo também mereceu toda a sua dedicação e apesar da sua fraca saúde, dava o exemplo ao ser pontual cumprindo sempre com os seus deveres. Em 1888, foi a Berlim em representação do seu irmão, o rei D. Luís, para as exéquias do Imperador Guilherme I, não se escusando ao cansaço da longa viagem

---

<sup>213</sup> C. Alberto, “Sua Alteza o Infante D. Augusto”, *Occidente-Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 388, vol. XII, 12º ano, Lisboa, 1889, p. 219.

<sup>214</sup> Maria de Fátima Bonifácio, *D. Maria II*, 1ª ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p. 122.

<sup>215</sup> Maria Antónia Lopes, *D. Fernando II*, [...], p. 146.

<sup>216</sup> Luís Nuno Espinha da Silveira e Paulo Jorge Fernandes, [...], p. 25.

<sup>217</sup> Gervásio Lobato, “Chonica Occidental”, *Occidente-Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 388, vol. XII, 12º. ano, Lisboa, 1889, pp. 218 - 219.

nem ao clima que iria enfrentar, onde a sua saúde cada vez mais debilitada, podia sofrer grave risco. Já muito doente, ainda aceitou fazer parte da presidência do júri da Exposição Industrial Portuguesa, no final de 1888. Todavia, não conseguiu acompanhar os trabalhos por força da doença. Ainda obteve algumas melhoras, mas não conseguiu debelar a maleita. Durante a sua vida pautou-se por uma conduta modesta e honrada.

O infante D. Augusto consta como cliente da Leitão & Irmão entre 1877 e 1888, tendo adquirido no primeiro ano<sup>218</sup>, seis peças no montante de 982.500 réis, sendo a mais cara um par de botões de pérolas com o preço de 380.000 réis, e a mais barata um alfinete por 12.000 réis, consta ainda um conserto valorado em 3.000 réis, que não se interpreta como uma aquisição, o total gasto neste ano é de 985.500 réis, conforme quadro que se segue:

Quadro n.º 52 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1877		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete	1	12.000
Par de botões	1	40.500
Par de botões de pérolas	1	380.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Conserto		3.000
Estojo	1	300.000
Lapiseira	1	15.000
Par de serpentinas	1	235.000

Para o ano de 1878<sup>219</sup>, só consta a aquisição de uma salva no valor de 220.000 réis, conforme quadro que se segue:

Quadro n.º 53 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1878		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Salva	1	220.000

Figura novamente em 1879<sup>220</sup>, com a compra de cinco artigos no total de 453.000 réis. A mais cara aquisição foi uma pulseira, no valor de 250.000 réis, e a mais barata outra

<sup>218</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 11.

<sup>219</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 11.

<sup>220</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol. 11 - ELI-356, fol. 7.

pulseira, esta no montante de 9.000 réis, conforme o quadro que se segue. Verifica-se o registo das mesmas peças em livros<sup>221</sup> diferentes, relativos ao mesmo ano<sup>222</sup>.

Quadro n.º 54 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1879		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira	1	250.000
Pulseira de prata	1	9.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de botões	1	72.000
Par de botões cobra	1	72.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Caixa de ouro	1	50.000

Em 1880<sup>223</sup>, figuram como adquiridas por D. Augusto, seis peças no montante de 637.500 réis, verificando-se que as mesmas estão registadas em dois livros de contas correntes diferentes, como já se salientou no referente ao ano transato. Para este ano, a aquisição mais cara foi uma pulseira de brilhantes e pérolas, no valor de 295.000 réis, e a mais barata um berloque, por 13.500 réis.

Quadro n.º 55 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1880		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque	1	13.500
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Cadeia	1	54.000
Pulseira com brilhantes e pérola	1	295.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel olho-de-gato	1	140.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Salva	1	54.000
Urna para regata	1	81.000

<sup>221</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 7 - ELI-357, fol. 7.

<sup>222</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 7 - ELI-357, fol. 7.

<sup>223</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol.7.

Em 1881, novamente se verifica o registo das mesmas peças em livros diferentes, como acima foi referido. O montante das aquisições de 327.500 réis corresponde à aquisição de três peças, conforme o quadro seguinte. A mais cara foi o anel de rubi e brilhante, no valor de 180.000 réis, e a mais barata uma ferradura com brilhantes, no montante de 67.500 réis.

Quadro n.º 56 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1881		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de brincos de brilhantes	1	80.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel rubi e brilhante	1	180.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Ferradura em brilhantes	1	67.500

No ano de 1882<sup>224</sup>, o infante adquiriu onze peças de joalharia no valor de 415.240 réis. A peça mais dispendiosa foi uma pulseira grega, no valor de 170.000 réis e a menos cara uma pulseira designada modelo Alice, no montante de 7.500 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 57 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1882		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de brincos de pérolas e brilhantes	1	112.500
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira	1	27.000
Pulseira Alice	1	7.500
Pulseira grega	1	170.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Broche	1	50.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Talheres de prata	6	48.240

<sup>224</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 7.

Em 1883<sup>225</sup>, figura a aquisição de cinco peças no montante de 320.500 réis, sendo a mais cara uma medalha com brilhantes, no valor de 125.000 réis, e a mais barata um par de botões por 40.500 réis, como se pode consultar no quadro seguinte:

Quadro n.º 58 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1883		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Medalha com brilhantes	1	125.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Broche	1	63.000
Par de botões	1	40.500
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de castiçais	1	54.000
Salva	1	38.000

Durante o ano de 1884<sup>226</sup>, estão registadas duas aquisições no montante total de 157.500 réis, verificando-se que a mais dispendiosa foi uma pulseira com o preço de 135.000 réis e a mais barata a montagem de um anel no valor de 22.500 réis, como se descreve no quadro seguinte:

Quadro n.º 59 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1884		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira	1	135.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Montagem de um anel	1	22.500

Verifica-se que o infante D. Augusto, adquiriu trinta e nove peças no montante de 3.516.740 réis, entre os anos de 1877 e 1884.

Analisando os dados existentes no quadro anterior, ficamos a conhecer a quantidade de peças adquiridas por D. Augusto entre os anos de 1877 e 1884. Os artigos com maior procura foram; pulseiras (sete), seguido de talheres de prata (seis), pares de botões (cinco), salvas (três), anéis (dois), broches (dois), pares de brincos (dois). Com uma única aquisição,

<sup>225</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 7.

<sup>226</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 152.

podemos salientar os artigos; alfinete, berloque, cadeia, caixa de ouro, estojo, ferradura de brilhantes, lapiseira, medalha com brilhantes, par de castiçais, par de serpentinhas, urna para regata e a montagem de um anel. Em suma, o valor total das suas aquisições ascende a 3.516.740 réis.

Foi também analisada outra fonte, denominada *Diversos, Livro de Registos [de entradas, custo e saída de artigos]*, ouro, artigos de prata para mesa e artigos diversos prata. Apura-se ainda que o preço de custo e o preço com que o artigo saiu são iguais<sup>227</sup>.

A fonte acima mencionada refere para o ano de 1886, somente uma aquisição efetuada por D. Augusto, no montante de 61.700 réis, conforme quadro seguinte<sup>228</sup>:

Quadro n.º 60 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1886		
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel	1	61.700

Em 1888, também figura o nome do Infante em duas aquisições, tendo gasto o total de 42.000 réis, a peça mais cara foi um par de botões de punho e a mais barata, um alfinete para manta, conforme quadro infra:

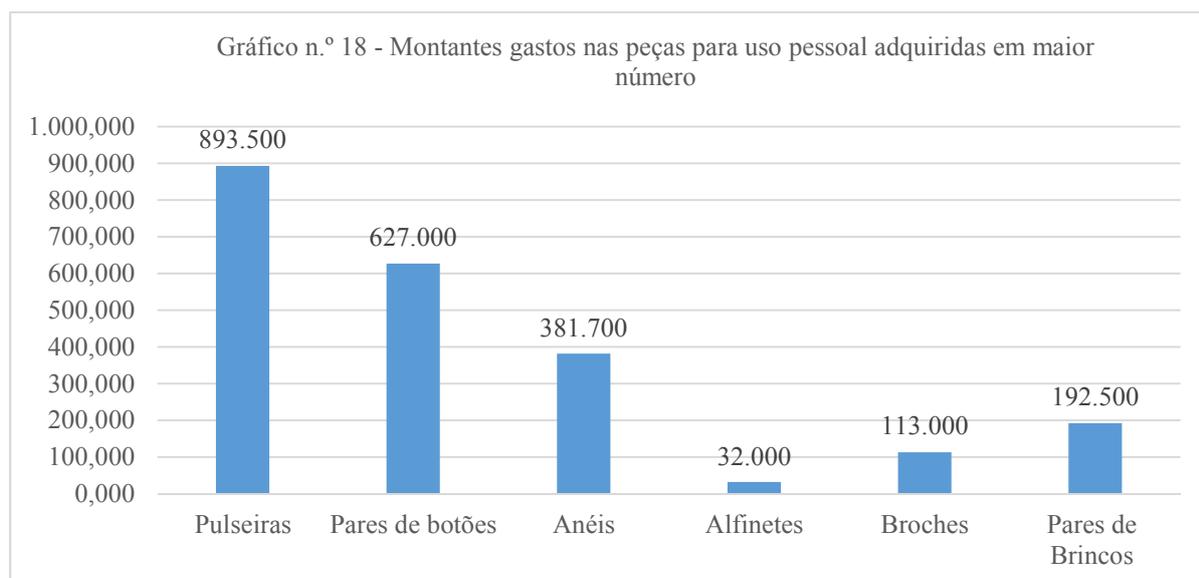
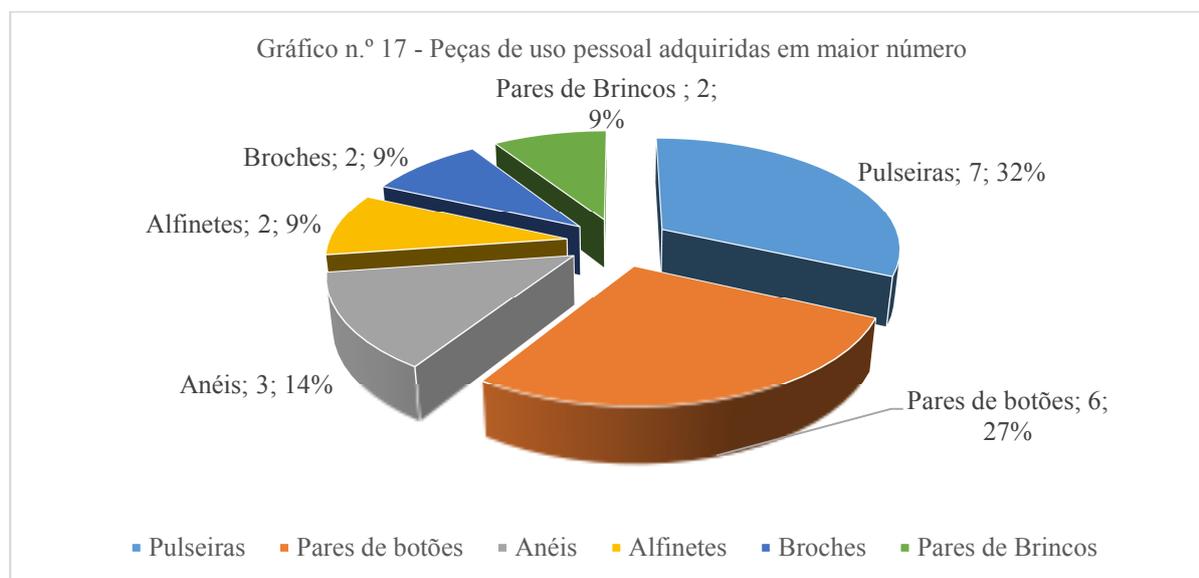
Quadro n.º 61 - Aquisições efetuadas por D. Augusto em 1888		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete para manta	1	20.000
Par de botões de punho	1	22.000

Os livros de contas correntes que foram postos à nossa disposição, limitavam-se aos anos de 1877 a 1884. Não podemos deste modo efetuar o cruzamento de informação com os registos acima mencionados, limitando-nos a tomar conhecimento. Entre 1877 e 1888, D. Augusto adquiriu quarenta e duas peças, no montante total de 3.620.440 réis.

<sup>227</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535.

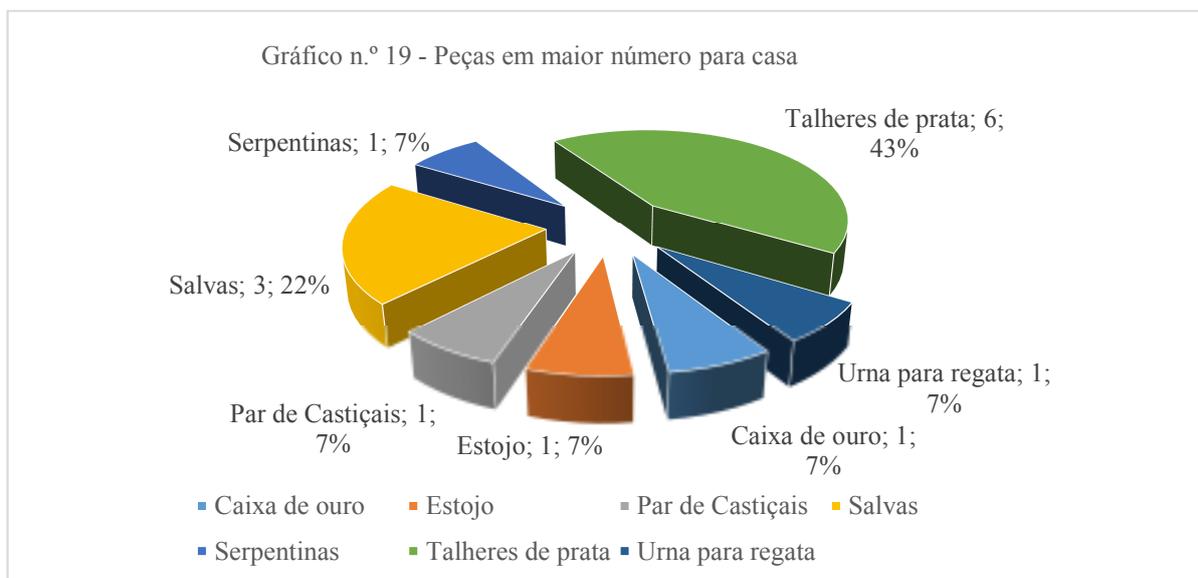
<sup>228</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 22, 71.

Nos seguintes gráficos estão as peças adquiridas em maior número para uso pessoal, e os montantes envolvidos na aquisição das mesmas:

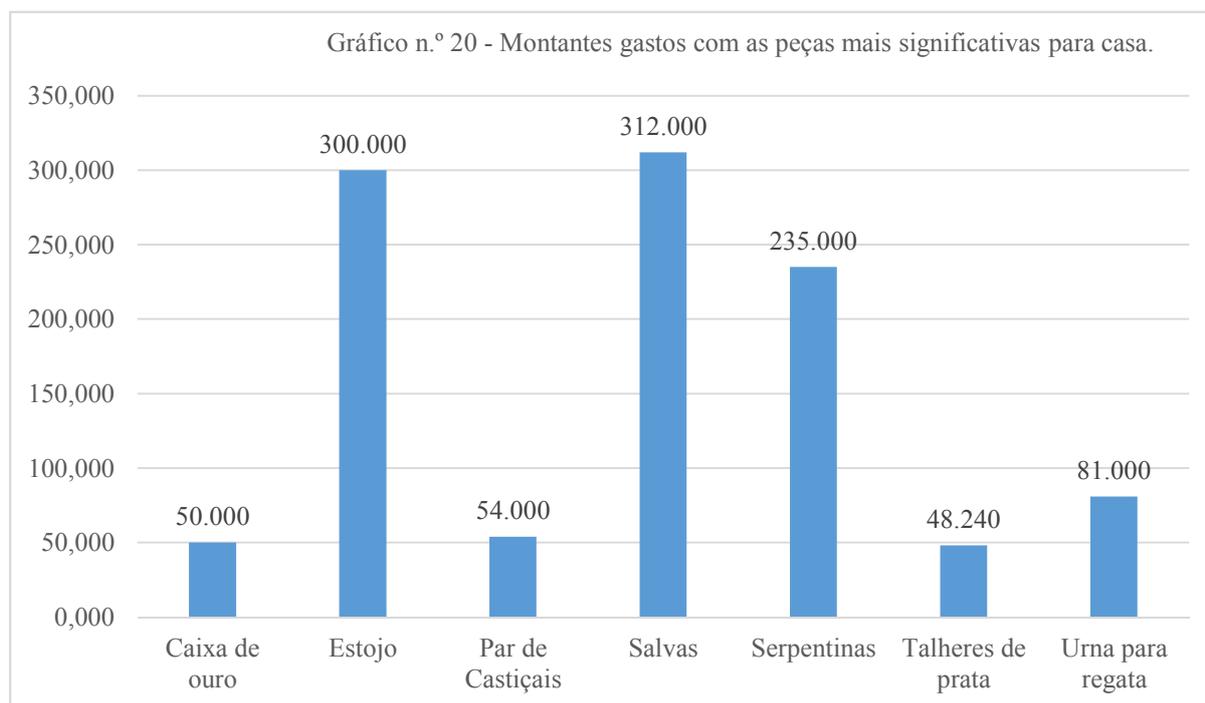


Nestes dois gráficos coincidem as peças adquiridas em maior número, com as mais caras, neste caso as pulseiras, os pares de botões e os anéis, quanto aos alfinetes, broches e pares de brincos, apesar de terem todos a mesma quantidade, os mais caros foram os brincos, seguidos dos broches e por fim os alfinetes.

O gráfico, com as aquisições dos artigos para casa, adquiridos em maior número:



Neste gráfico, estão as quantias gastas com as aquisições de artigos para casa mais significativas, efetuadas por D. Augusto de 1877 a 1888:



Por ocasião do casamento de seu sobrinho o príncipe D. Carlos, o infante D. Augusto, ofereceu um broche de brilhantes à noiva, que representava uma águia levantando voo, com um grande brilhante suspenso no bico. Este broche foi também encomendado à Leitão & Irmão<sup>229</sup>.

<sup>229</sup>«Jóias presenteadas pela Família Real Portuguesa a S.A. A Princesa D. Maria Amélia», *Occidente –Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 273, vol. IX, 9.º Ano, Lisboa, 1886, pp.162 - 164.

### 3.6 Condessa d'Edla



Fig. 9 – Fotografia montada sobre cartão da condessa d'Edla, autoria de Alfred Fillon, 1862  
Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

Elise Fredericke Hensler, nasceu a 22 de maio de 1836 em La-Chaux-de-Fonds, perto do lago de Neuchâtel, na Suíça<sup>230</sup> e faleceu em Lisboa a 21 de maio de 1929<sup>231</sup>. Filha de Jean Conrad Hensler e de Elisabeth Lortscher. O seu pai, alemão de nascimento, teria sido forçado a deixar a sua pátria por motivos políticos e a eleger a Suíça e, posteriormente, os Estados Unidos da América para residir. Na Alemanha, o apelido Hensler estava ligado à música, mais precisamente ao afamado compositor Karl Friedrich Hensler; a coincidência de apelidos leva-nos a pensar que haveria uma relação familiar entre ambos e assim compreendia-se que tanto Elise como a sua irmã mais nova tivessem tido uma educação musical nos primeiros anos de vida. Com dois anos, Elise foi com a família para Nova Iorque e depois para Springfield, no estado de Massachusetts. As duas irmãs tiveram aulas de canto, desenvolvendo assim as suas aptidões vocais. Com dez anos, Elise participou num concerto de caridade e teve enorme sucesso entre os habitantes de Springfield. Pouco tempo depois, a família Hensler mudou novamente de cidade e foi para Boston, onde o enquadramento social e cultural oferecia às filhas uma educação esmerada e dirigida para a música.

Em 1852, o nome de Elise Hensler surgiu pela primeira vez anunciado nos palcos de Boston, num cartaz de ópera italiana<sup>232</sup>. O sucesso obtido convenceu o pai para a necessidade de um estágio na Europa, onde poderia florescer a carreira promissora de Elise. Com dezasseis anos foi para Paris onde estudou no Conservatoire Impériale de Musique et de Déclamation. A sua vida em Paris resumia-se a um trabalho intenso com o mestre Bordogni que, reconhecendo os seus dotes, a aconselhou a ir estudar para Itália. Da cidade das luzes Elise mudou-se para Milão, onde teve oportunidade de cantar para representantes do La Scala, os quais, tendo ficado impressionados com as características da sua voz, lhe propuseram um contrato por três anos<sup>233</sup>. No entanto, o seu pai achou mais vantajoso que o contrato fosse por quinze meses, com um salário para a época bastante significativo para uma jovem cantora. O grande sucesso obtido e a saúde debilitada de seu pai foram decisivos para o seu regresso aos Estados Unidos da América, em junho de 1855. Teve muito êxito em Nova Iorque, Filadélfia, Baltimore e Washington.

Quando fez vinte anos, em 22 de maio de 1856, foi-lhe concedido, pelas autoridades americanas, um segundo passaporte para a Europa. Viajou por França, Itália, Áustria e Suíça, não tendo fixado residência em nenhum destes países. A primeira entrada em Portugal deu-

---

<sup>230</sup> Teresa Rebelo, *Condessa d'Edla - A Cantora de Ópera Quasi Rainha de Portugal e de Espanha (1839-1929)*, Lisboa, Alêtheia Editores, 2011, p. 9.

<sup>231</sup> Idem, *Ibidem*, p. 117.

<sup>232</sup> Idem, *Ibidem*, p. 14.

<sup>233</sup> Idem, *Ibidem*, p. 17-19.

se, provavelmente, em outubro de 1859, quando integrada numa companhia italiana de canto, se estreou na ópera *O Saltimbanco*, de Puccini, no Teatro de São João no Porto, a 8 de outubro de 1859<sup>234</sup>. Depois da sua estreia no Porto, dirigiu-se a Lisboa e teve a oportunidade de vir substituir uma cantora, que se encontrava doente, na ópera *O Profeta*, no Real Teatro de São Carlos. A 15 de Abril de 1860, Elise estreou-se em Lisboa, na ópera *Um Baile de Máscaras*, onde encantou com a sua voz D. Fernando II. Pouco tempo depois, a relação entre a jovem cantora e o viúvo de D. Maria II tornou-se evidente, o que desagradou a seu filho, D. Pedro V. Elise Hensler foi agraciada com o título de Condessa d'Edla, por Ernesto II de Saxe Coburgo Gotha, primo de D. Fernando, a quem este comprou o título<sup>235</sup>. O casamento realizou-se a 10 de junho de 1869 e nele estiveram presentes, o rei D. Luís, que tinha ascendido ao trono por morte do seu irmão D. Pedro e o infante D. Augusto. Como apreciadora das artes e do belo, a condessa d'Edla também figurou como cliente da Leitão & Irmão. Em seguida, vamos tomar conhecimento do que adquiriu à famosa joalheria entre os anos de 1877 e 1884.

Durante 1877<sup>236</sup>, a condessa adquiriu à Leitão & Irmão nove peças, no montante de 291.750 réis. A peça mais cara adquirida nesse ano foi um par de botões de punho, no valor de 150.000 réis, e a mais barata uma manilha, por 8.000 réis, conforme o quadro que se segue:

Quadro n.º 62 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1877		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Manilha	1	8.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete de manta	1	10.000
Par de botões de punho	1	150.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
<i>Asprio</i>	1	12.000
Aumento em 3 memórias	1	13.500
Canivete	1	15.750
Canivete	1	12.000
Canivete	1	12.000
Corrente	1	58.500

<sup>234</sup> Teresa Rebelo, *Condessa d'Edla - A Cantora de Ópera Quasi Rainha de Portugal e de Espanha*, [...], p. 27.

<sup>235</sup> Maria Antónia Lopes, *D. Fernando II*, [...], p. 327.

<sup>236</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol.12.

Para o ano de 1878<sup>237</sup>, as aquisições da condessa d'Edla foram de trinta e oito peças que ascenderam a 393.600 réis; a peça mais cara foi um par de castiçais, no montante de 68.000 réis, e a mais barata um broche com esmalte e rubis, no valor de 6.500 réis. Na descrição apresentada no livro de contas correntes para o ano em causa figura uma medalha cobra com rosas com o preço de 125.000 réis que não se teve em conta para as aquisições realizadas, pois encontrava-se riscada, entendendo-se assim, que por qualquer razão não tinha chegado a ser adquirida pela condessa.

Quadro n.º 63 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1878		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Medalha segredo	1	46.500
Medalha segredo	1	54.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira com pérolas	1	9.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura	1	22.500
Alfinete para manta	1	8.000
Broche escrava	1	25.000
Broche esmalte e rubis	1	6.500
Fivela	1	15.750
Par de botões	1	45.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Conserto em cadeia	1	3.700
Conserto em um broche	1	16.500
Corta charutos	1	11.250
Lapiseira	1	13.500
Lapiseira	1	15.000
Par de castiçais	1	68.000
Par de (nome elegível)	1	7.000
Pérolas	22	26.400

No ano de 1879<sup>238</sup>, a condessa d'Edla despendeu 860.140 réis, com a aquisição de trinta e cinco artigos, arranjos, carretos, algumas gravuras, limpeza de peças, tornilhos e montagem de pérolas, além de uma denominação ilegível. A mais cara foi um serviço em

<sup>237</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fol.12.

<sup>238</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-469, fols.12, 13 - ELI-356, fol.13.

prata, no valor de 210.000 réis e a mais barata, que consta escriturada nos livros contém a designação de carretos e tornilhos, o seu valor foi de 1.000 réis, conforme quadro seguinte:

Quadro n.º 64 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1879		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Argolas	3	2.400
Par de brincos de prata	1	3.500
Tornilhos de prata		1.000
Molas para os mesmos	2	4.500
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Medalha e brincos ingleses	1	135.000
Terno de pérolas	1	108.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira	1	6.750
Pulseira	1	9.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete	1	54.000
Botões de ouro	4	8.500
Broche	1	4.500
Par de botões	1	23.500
Par de botões	1	4.500
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Arranjo de três manilhas		36.500
Arranjo em pulseira de brilhantes	1	12.500
Caixa de lume	1	8.500
Caixa de lume de ouro	1	50.000
Carretos		1.000
Conserto de um santo	1	3.500
Conserto em prata		1.200
Conserto de um par de brincos	1	9.500
Copo	1	40.500
Fechos de prata	3	6.500
Folha em uma flor	1	26.500
Gravura de um F e coroa em 32 peças		8.400
Gravura de um F e coroa em 60 peças		24.000
Guarnição em broche	1	6.750
Letra A	1	9.000
Limpeza de trinta e duas peças		3.200
Não legível		2.500

Quadro n.º 64 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1879 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Montagem de um par de pérolas		10.500
Par de ganchos para um broche de brilhantes	1	3.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pés em dois alfinetes	2	6.000
Salva	1	15.440
Serviço de prata	1	210.000

No decurso do ano de 1880<sup>239</sup>, a segunda mulher de D. Fernando II, adquiriu à joalheria trinta e nove peças, além do aro em pérolas, efetuou consertos, lapidação, montagens e reformas no valor total de 1.298.350 réis. A peça mais cara adquirida foi um broche em forma de aranha no montante de 270.000 réis e a mais económica foi um par de aros de ouro no valor de 800 réis. Para este ano existem aquisições registadas em dois livros diferentes<sup>240</sup>. Para se saber quanto a condessa gastou em compras, as quantias em duplicado só foram contabilizadas uma vez. Para o ano de 1880, as suas aquisições foram as seguintes:

Quadro n.º 65 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1880		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de brincos	1	3.500
Argola	1	1.500
Argola	1	2.000
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Berloque	1	9.000
Berloques	2	18.000
Colar	1	9.000
Colar	1	11.250
Medalha	1	4.500
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira	1	18.000
Pulseira	1	3.500
Pulseira	1	120.000
Pulseira bambu	1	16.000
Pulseira bambu	1	11.000
Pulseira com três olhos de gato	1	13.500

<sup>239</sup> Lisboa, B.A.F.C.G.,ELI-356, fols.13,14, 69.

<sup>240</sup> Lisboa, B.A.F.C.G.,ELI-356 - ELI-357.

Quadro n.º 65 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1880 (cont.)		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira em prata	1	11.250
Pulseira torcida	1	18.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel	1	18.000
Anel	1	4.500
Anel de safiras	1	105.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete	1	9.000
Alfinete opala	1	25.500
Alfinete turquesa	1	47.500
Broche	1	9.000
Broche	1	11.250
Broche	1	7.500
Broche	1	3.500
Broche aranha	1	270.000
Par de botões bolas	1	11.250
Par de botões opala	1	63.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Aro em pérolas		18.000
Arranjo turquesa	1	18.000
Brilhantes	2	75.000
Conserto de um broche de brilhantes		2.500
Conserto de um broche e pulseira		2.000
Conserto de um cofre de prata		1.800
Conserto de um frasco		3.000
Conserto de uma pulseira		1.500
Conserto em um relógio		3.500
Corta charutos	1	11.000
Faca	1	33.750
Lapidar uma esmeralda		4.800
Montagem de um alfinete		12.500
Montagem de uma pedra		15.000
Par de aros de ouro	1	800
Pé em alfinete	1	1.200
Reforma em (não legível)		6.500
Reforma em (não legível)		12.500
Reforma em brincos de pérolas		7.000

Quadro n.º 65 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1880 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Safira	1	150.000
Turquesa	1	63.000

No ano de 1881, verifica-se outra vez a situação já descrita anteriormente, existindo aquisições efetuadas pela condessa d'Edla e registadas em dois livros diferentes<sup>241</sup>. Algumas vezes, o mês da aquisição não está mencionado, noutras as peças estão discriminadas, figurando as quantidades de colheres, garfos, colheres de chá e facas<sup>242</sup>; No outro livro foi registado o conjunto onde só figura a designação de faqueiro<sup>243</sup>. Também se tomou nota que, apesar de ter sido mencionado num dos livros uma pulseira no valor de 9.600 réis em junho, no outro estão registadas duas pulseiras no mesmo montante, não se conseguindo saber qual será o correto, uma vez que nos parece tratar-se da mesma aquisição. Assim, no ano de 1881, a condessa adquiriu dezoito peças, efetuou consertos, reformas e gravação de escudo, tudo num total de 493.780 réis, sendo a mais cara um alfinete com formato de ferradura, ornado com safiras no valor de 145.000 réis e a mais barata, um cadeado de prata, no valor de 1.200 réis.

Quadro n.º 66 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1881		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pregos de ouro	2	18.000
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de brincos	1	11.250
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseiras	2	9.600
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel turquesa	1	63.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete	1	9.000
Alfinete ferradura com safira	1	145.000
Alfinete manta	1	25.000
Broche	1	15.000
Par de botões mocho	1	45.000

<sup>241</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 69 - ELI-357, fol. 8.

<sup>242</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-356, fol. 69.

<sup>243</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 8.

Quadro n.º 66 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1881 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Argola de malha	1	2.500
Cadeado em prata	1	1.200
Caixa de lume	1	10.500
Conserto de um brilhante		2.800
Conserto de um brilhante		1.800
Copo em prata	1	9.000
Corta charutos lua	1	31.500
Estojo para faqueiro	1	21.000
Faqueiro	1	56.830
Gravura escudo		6.800
Reforma em adereço		9.000

Relativamente ao ano de 1882, verificamos existir duplicação em relação a dois artigos<sup>244</sup>, um anel e um conserto de relógio, que figuram em dois fólios diferentes do mesmo livro de contas correntes, respeitante ao mesmo mês<sup>245</sup>. Para o ano em referência, foram adquiridas quarenta e sete peças, aros, pé em broche e efetuados consertos, que orçaram num total de 1.909.250 réis. As peças mais caras foram um broche botão de ouro e um par de cabeças de brilhantes, pelo preço de 180.000 réis cada, como peça mais barata figura uma letra em prata, no valor de 1.500 réis.

Quadro n.º 67 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1882		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Colar de prata	1	18.000
Pequeno cordão	1	4.500
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Manilhas ametista- colocar	2	23.000
Manilha esmeralda - colocar	1	23.000
Manilha iris - colocar	1	14.500
Manilha opala - colocar	1	16.500
Manilha para um brilhante	1	8.500
Manilha safira - colocar	1	23.000
Manilha topázio - colocar	1	13.500

<sup>244</sup> Lisboa, B.A.F.C.G.,ELI-357, fols. 9, 112, 115.

<sup>245</sup> Lisboa, B.A.F.C.G.,ELI-357, fols. 112, 115.

Quadro n.º 67 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1882 (cont.)		
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira Alice	5	7.500
Pulseira de prata	1	4.000
Pulseira de safira	1	26.500
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel de aço	1	5.000
Anel de esmeraldas	1	165.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Abotoadura de pérolas	1	36.000
Abotoadura em prata	1	33.500
Alfinete bastão em rosas	1	45.000
Alfinete <i>champignon</i>	1	16.500
Alfinete travessão	1	31.500
Terno de pérolas	1	52.500
Terno de pérolas	1	31.500
Terno de pérolas	1	120.000
Broche em aço	1	9.000
Broche botão de ouro	1	180.000
Par de botões	1	36.000
Par de botões de aço	1	13.500
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Argola de malha	1	2.500
Aros em brinco de pérolas		6.000
Aumento num colar	1	1.500
Caixa de aço para fósforos	1	12.000
Conserto de um broche em julho	1	1.500
Conserto de um relógio		4.000
Conserto de objetos de prata		3.000
Conserto num colar		3.000
Corta charutos	1	6.500
Dúzias de talheres	3	180.000
Lapiseira	1	12.000
Letra em prata	1	1.500
Montagem de duas ágatas	1	22.500
Montagem de quatro brilhantes	1	33.750
Objetos pagos por D. Fernando	1	296.500
Par de cabeças de brilhantes	1	180.000
Pé em broche		2.500
Salva	1	63.000
Serviço	1	120.000

No ano de 1883, a condessa d'Edla gastou na Leitão & Irmão o valor de 716.250 réis<sup>246</sup> referente a dezasseis artigos e a alguns que não estão quantificados. Neste ano, também figura como despesa no mês de dezembro a aquisição de 33 bilhetes para creches, que não entraram no total acima considerado, por ser uma aquisição fora do âmbito da ourivesaria e por não se compreender a razão pela qual foi registada como despesa. Todavia, nas contas de D. Fernando para o ano de 1884, também figuram como adquiridos no mês de outubro a mesma quantidade de bilhetes com a mesma designação. A compra mais cara nesse ano foi um alfinete de pérolas rosa, no valor de 245.000 réis, e a aquisição mais barata, mandar cravar duas pedras no valor de 600 réis.

Quadro n.º 68 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1883		
Joias para o pescoço		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Colar de prata	1	15.000
Joias para os braços		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pulseira <i>champignon</i>	1	31.500
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel olho-de-gato	1	29.250
Anéis	3	173.500
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete de manta travessão	1	31.500
Alfinete de pérolas rosa	1	245.000
Botão para punho	1	7.500
Broche	1	135.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Argolas de mola	2	3.200
Argolas de mola	1	2.000
Brilhante em brinco com rubi		3.000
Conserto de um broche e anel		800
Conserto de uma medalha	1	1.000
Conserto de pratas e espelho		2.500
Cravar duas pedras		600
Caixa para caneta		1.200
Dois rubis		2.400
Reforço de um adereço		12.500

<sup>246</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fols. 115, 139.

Quadro n.º 68 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1883 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Safira em um anel	1	3.500
Violeta para um brinco	1	13.500
Não legível		800
Não legível		1.000

Durante o ano de 1884, foram adquiridas catorze peças pela condessa d'Edla, contemplando gravuras e algumas alterações em peças, perfazendo o montante 294.550 réis<sup>247</sup>. De entre essas peças, as mais dispendiosas foram um anel e dois brilhantes e um broche de turquesas e rosas no montante de 45.000 cada; a aquisição mais barata foi a de uma gravura, no valor de 500 réis.

Quadro n.º 69 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1884		
Joias para as orelhas		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Par de brincos	1	20.000
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com uma turquesa	1	22.500
Anel e dois brilhantes	1	45.000
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete de manta bastão	1	38.250
Alfinete para manta	2	18.000
Broche de turquesas e rosas	1	45.000
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Bocais para castiçais	2	7.000
Conserto numa caixa para lumes	1	800
Conserto de um (não legível) de brilhantes		1.500
Conserto de um broche e brincos		1.500
Contas de ouro e uma colher	2	3.500
Garrafa de cristal e prata	1	40.500
Gravura		500
Guarnição de prata		8.500

<sup>247</sup> Lisboa, B.A.F.C.G.,ELI-357, fol. 139.

Quadro n.º 69 - Aquisições efetuadas pela condessa d'Edla em 1884 (cont.)		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Montagem de um anel com safiras		7.000
Montagem de um anel com safiras e dois brilhantes		9.000
Montagem de dois anéis com uma pérola		11.000
Palmatória de prata 1330	1	15.000

Analisando outra fonte, conclui-se que a condessa d'Edla também foi cliente da Leitão & Irmão entre 1885 e 1891<sup>248</sup>. Todavia, não se encontram neste exemplar, aquisições durante os anos de 1889 e 1890. Assim, para o ano de 1885<sup>249</sup>, verifica-se que efetuou uma única aquisição, conforme o quadro seguinte:

Quadro n.º 70 - Aquisições efetuadas pela Condessa d'Edla em 1885		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete	1	8.200

No ano de 1886<sup>250</sup>, consta registado que a condessa também só efetuou uma aquisição, conforme o quadro seguinte:

Quadro n.º 71 - Aquisições efetuadas pela Condessa d'Edla em 1886		
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Copos, garrafa e salva grande	6	71.000

Durante o ano de 1887<sup>251</sup>, a condessa d'Edla também adquiriu uma única peça, conforme o seguinte quadro:

Quadro n.º 72 - Aquisições efetuadas pela Condessa d'Edla em 1887		
Joias para as mãos		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Anel com uma safira e dois brilhantes	1	53.500

<sup>248</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535.

<sup>249</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 3.

<sup>250</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 284.

<sup>251</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 71.

Com referência a 1888 existem dois registos, no montante total de 33.100 réis, conforme se comprova no seguinte quadro<sup>252</sup>:

Quadro n.º 73 - Aquisições efetuadas pela Condessa d'Edla em 1888		
Joias para as roupas e calçado		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Alfinete em círculo com rosas e pérolas inteiras	1	18.100
Outras peças		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
<i>Bouilloire</i> lisa para quatro chávenas	1	15.000

A última compra, mencionada na referida fonte foi efetuada no ano de 1891<sup>253</sup>, conforme o quadro seguinte:

Quadro n.º 74 - Aquisições efetuadas pela Condessa d'Edla em 1891		
Joias para cabeça		
Tipologia de joias	Número	Montante (réis)
Pente largo em ouro	1	9.500

Tivemos ainda acesso a consultar outra fonte<sup>254</sup>, denominada, *Joalheria (Livro de Registos de Entradas, Custo e Saída de Artigos de) 1883*. Nas suas páginas, constam as designações dos objetos, o seu custo, ano, mês e preço de venda. O volume compreende as vendas de janeiro até outubro de 1883, existindo registos de aquisições efetuadas por membros da família real. Depois dessa data e até ao final dos registos a 16 de novembro de 1885 não se encontram mais referências quanto aos mesmos. A partir do número de registo 5.282, referente a 25 de novembro de 1883, e até ao final do referido livro, não foram mencionadas saídas de material. A condessa d'Edla vem referida no mesmo, como tendo adquirido no mês de janeiro em 1883<sup>255</sup>, várias peças, entre as quais um colar de prata, por 15.000 réis<sup>256</sup>, tendo como preço de custo 7.500 réis, a percentagem de lucro foi de 100%, uma pulseira *champignon* por 31.500 réis<sup>257</sup>, com um preço inicial de 18.500 réis; neste caso, a margem de lucro foi de cerca de 70%, um anel olho-de-gato por 29.250 réis<sup>258</sup>, com um preço de custo de 13.000 réis, a margem de lucro foi de 125%. Ainda em janeiro de 1883, adquiriu um alfinete pérola rosa no valor de 245.000 réis<sup>259</sup>, sendo o seu preço original de

<sup>252</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fols. 20, 287.

<sup>253</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 243.

<sup>254</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475.

<sup>255</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475, fols. 346, 348, 3725, 3726, 3727, 3751.

<sup>256</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475, fol. 3725.

<sup>257</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475, fol. 3726.

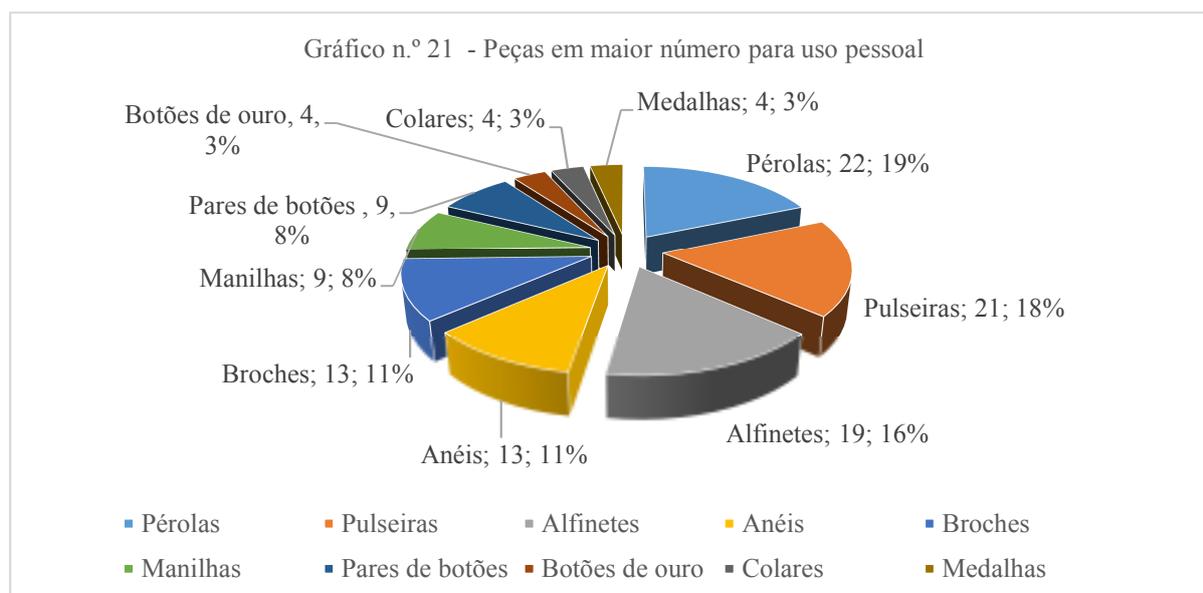
<sup>258</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475, fol. 3727.

<sup>259</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475, fol. 3751.

190.000 réis, a joalheria obteve um lucro de cerca de 29%. Durante o mês de junho do mesmo ano, adquiriu dois anéis, sendo um de rubis e o outro de brilhantes, pelas quantias de 25.000 réis<sup>260</sup> e de 45.000 réis<sup>261</sup>, o seu preço de custo foi de 15.000 réis e 30.500 réis, respetivamente, pelo que o lucro da casa nestes artigos foi de 67% e 48%.

Assim, cruzando informação para o ano de 1883 com os registos efetuados nos livros de contas correntes<sup>262</sup> atrás mencionados, e com o denominado de entradas e saídas<sup>263</sup>, verifica-se que no primeiro, constaram como adquiridos em janeiro o colar de prata e a pulseira *champignon*, condizendo com o que está no livro entradas e saídas, quanto ao alfinete de pérolas rosa está indicado como tendo sido comprado em fevereiro no primeiro livro, mas no segundo consta como adquirido em janeiro. Ainda temos a aquisição de um anel olho-de-gato que no livro de contas correntes, está registado como adquirido em março e que no de entradas e saídas consta como tendo saído em janeiro. Todavia, quando chegamos ao mês de junho, temos registado a saída de três anéis no contas correntes, além do já referido anel olho-de-gato, no montante de 173.500 réis, e no de entradas e saídas estão mencionados três anéis, um anel rubi galeria, um brilhante galeria e um olho-de-gato, depreendendo-se que houve lapso na transcrição de um dos livros, pois no livro de contas correntes tem a saída de quatro anéis e no de entradas e saídas de três.

Conclui-se, que a condessa d'Edla de 1877 a 1891 adquiriu duzentos e vinte e dois artigos, no valor total de 6.432.970 réis. Nos gráficos que se seguem ficamos a saber a quantidade de peças adquiridas em maior número para uso pessoal e os montantes envolvidos na aquisição das mesmas, para o intervalo de tempo entre 1877 e 1891.



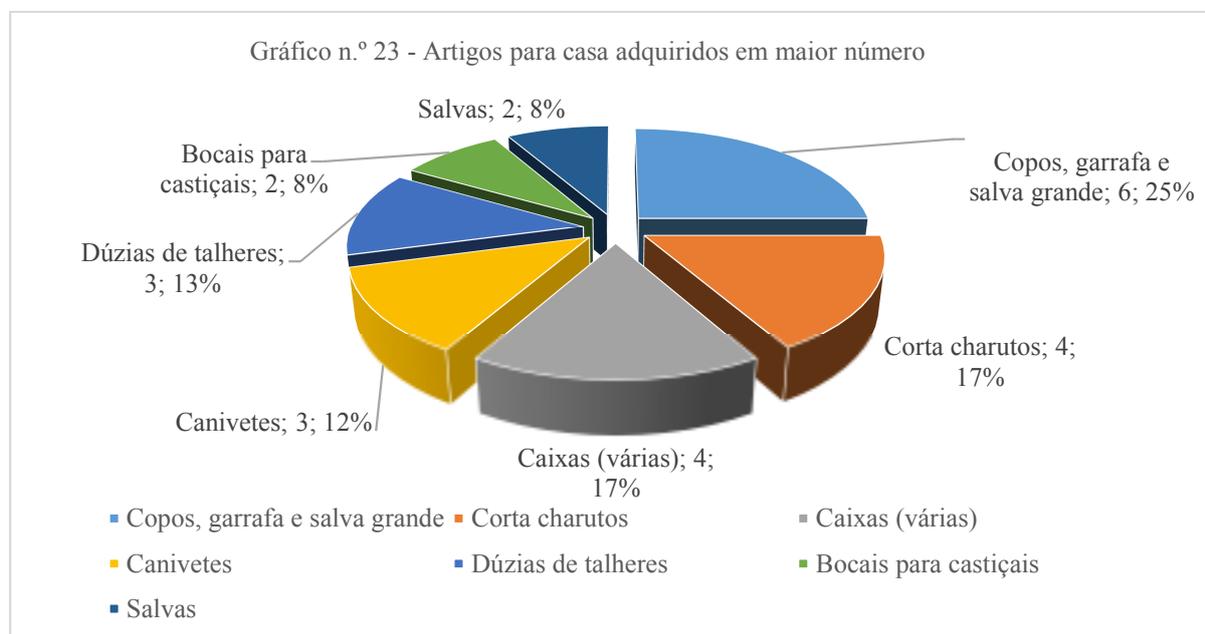
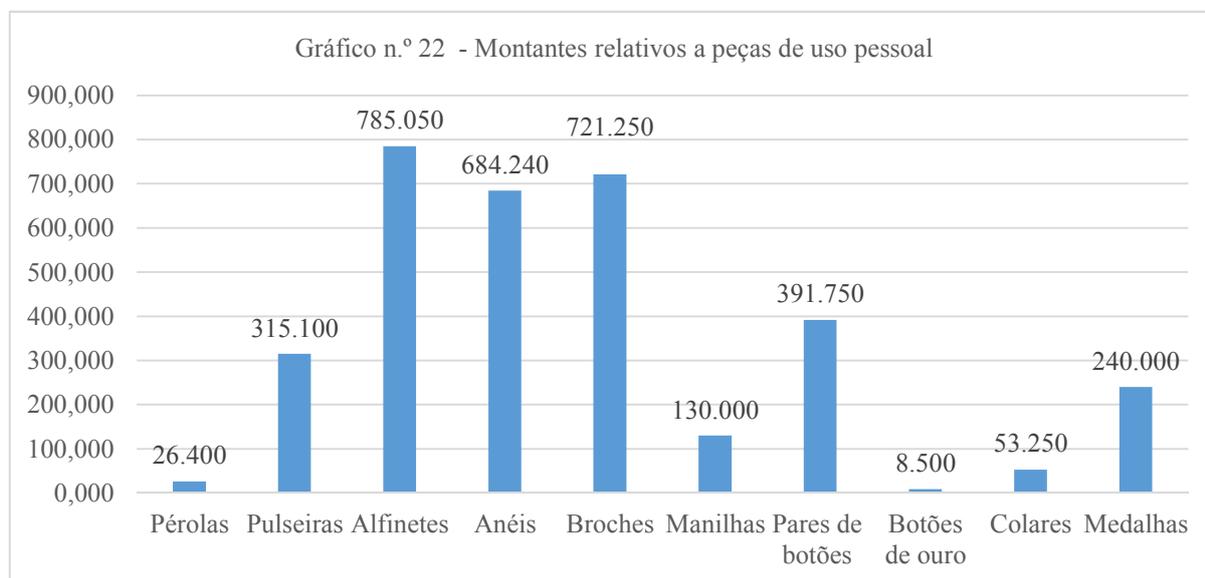
<sup>260</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475, fol. 346.

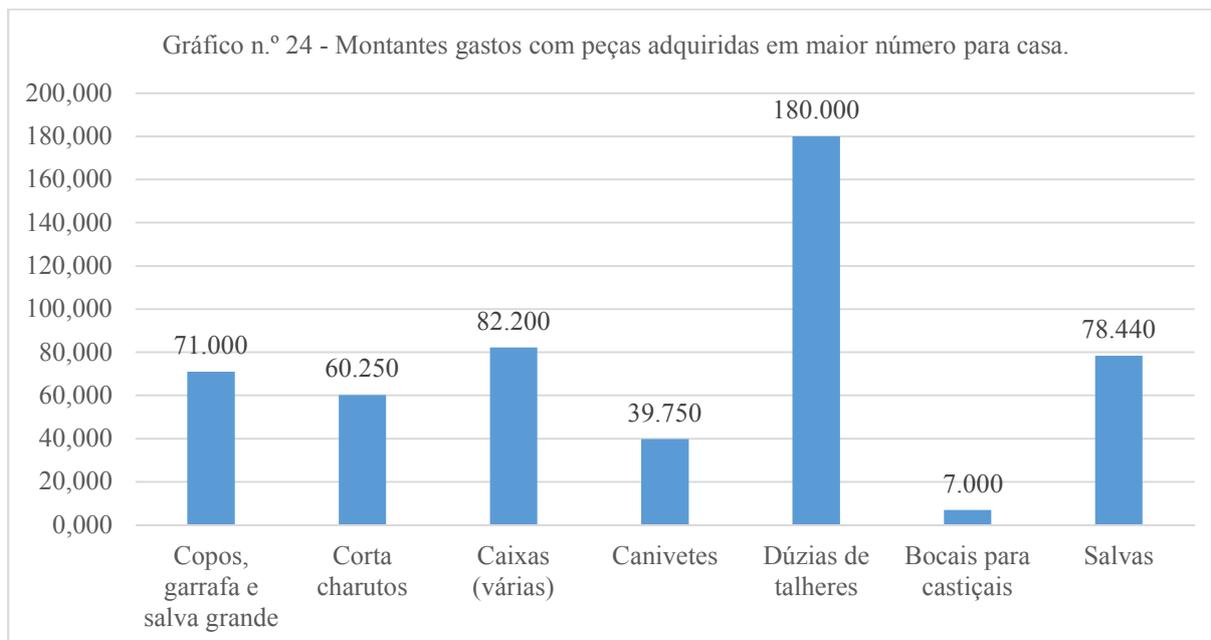
<sup>261</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475, fol. 348.

<sup>262</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-357, fol. 115.

<sup>263</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-475.

Nos gráficos que se seguem, tomamos conhecimento das peças adquiridas em maior número para casa e os respetivos montantes das mesmas, para o intervalo de tempo entre 1877 e 1891. Verificamos que as peças mais caras são os alfinetes, que não foram os adquiridos em maior quantidade.





Para a condessa d'Edla, tivemos conhecimento de mais uma fonte<sup>264</sup>, trata-se do registo de dois pagamentos efetuados em dezembro de 1887, no valor total de 69.950 réis<sup>265</sup> e em julho de 1888, na quantia de 33.000 réis<sup>266</sup>. Totalizando os mesmos em 102.950 réis. Referimos ainda que nos registos do ano de 1887, consta como tendo gasto a quantia de 53.500 réis<sup>267</sup> e em 1888 despendeu o valor de 33.100 réis<sup>268</sup>, existindo neste ano a diferença de 100 réis entre uma fonte e outra.

<sup>264</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333.

<sup>265</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 213.

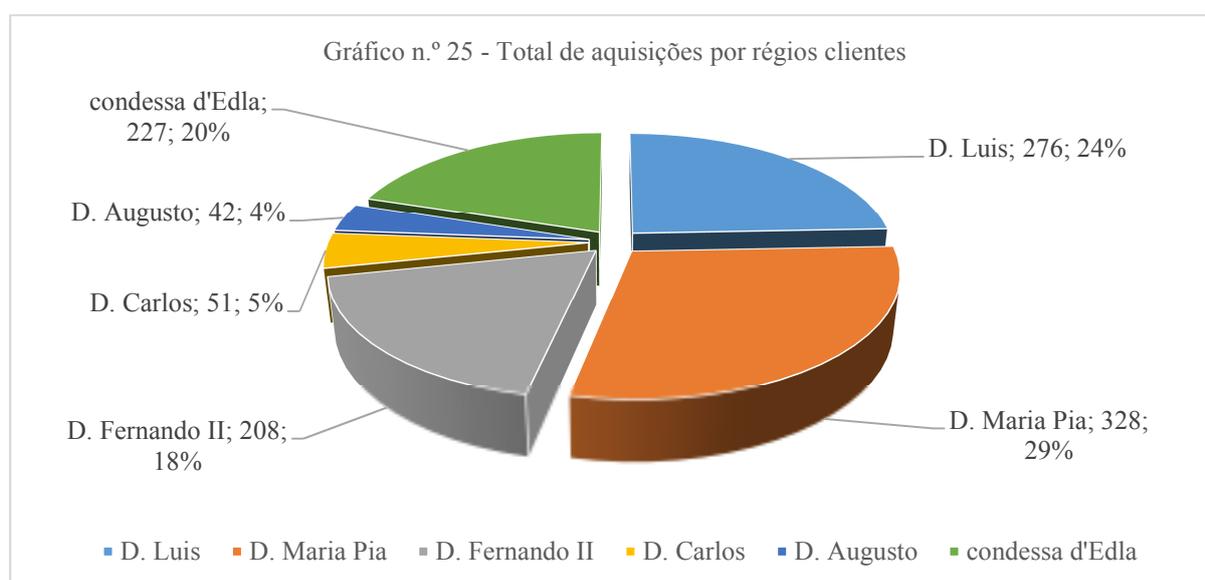
<sup>266</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-333, fol. 244.

<sup>267</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 71.

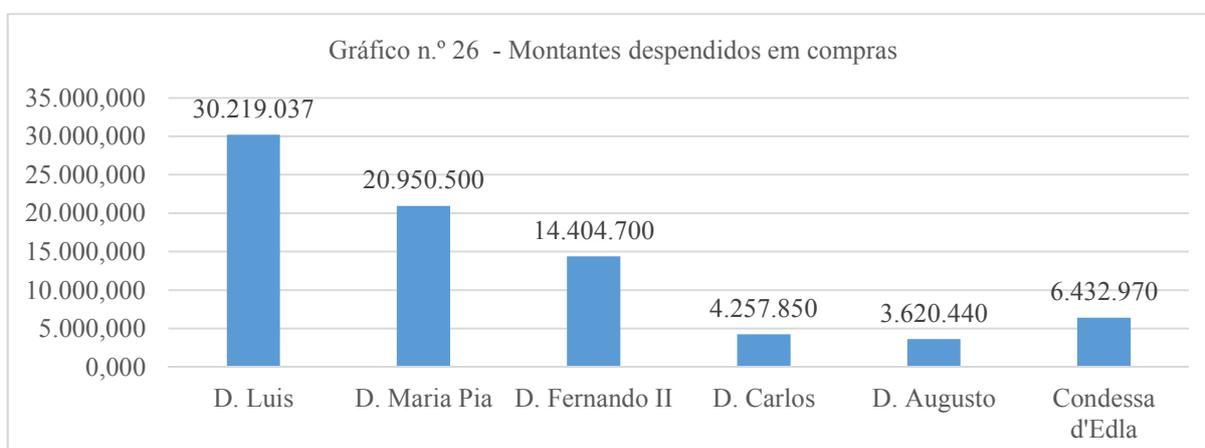
<sup>268</sup> Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-535, fol. 20, 287.

### 3.7 Régios Clientes: Um balanço

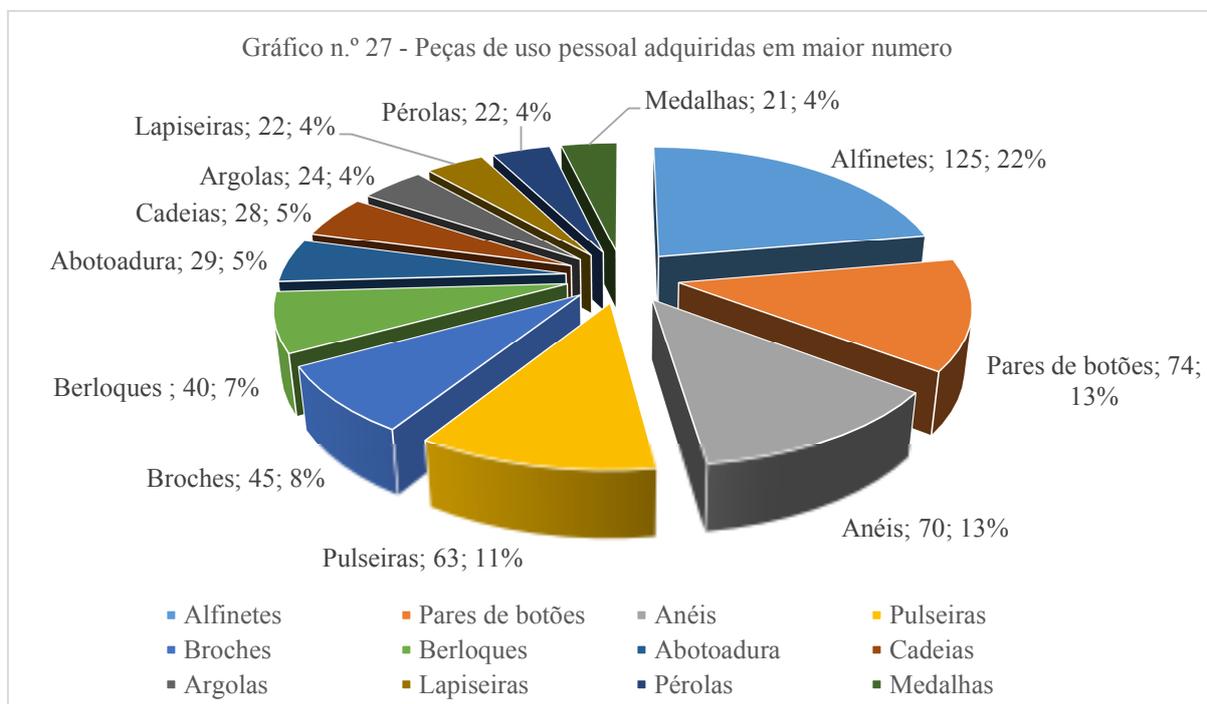
Tendo como base o estudo anteriormente efetuado, verifica-se que foram adquiridas à Leitão & Irmão, por estes seis clientes régios 1.128 peças entre os anos de 1877 e 1897. D. Maria Pia foi quem comprou o maior número de exemplares 329, durante o período de 1877 a 1897; seguida de D. Luís que para o período de 1877 a 1889, adquiriu 276 peças: No caso da condessa d'Edla foram 222 peças entre 1877 e 1888 e em 1891; D. Fernando, segue com o número de 208 artigos, entre 1877 e 1885; D. Carlos com 51 peças nos anos de 1883, 1884, 1886 e 1893 e por fim, o Infante D. Augusto que entre 1877 e 1884 comprou 42 peças. Conforme gráfico seguinte:



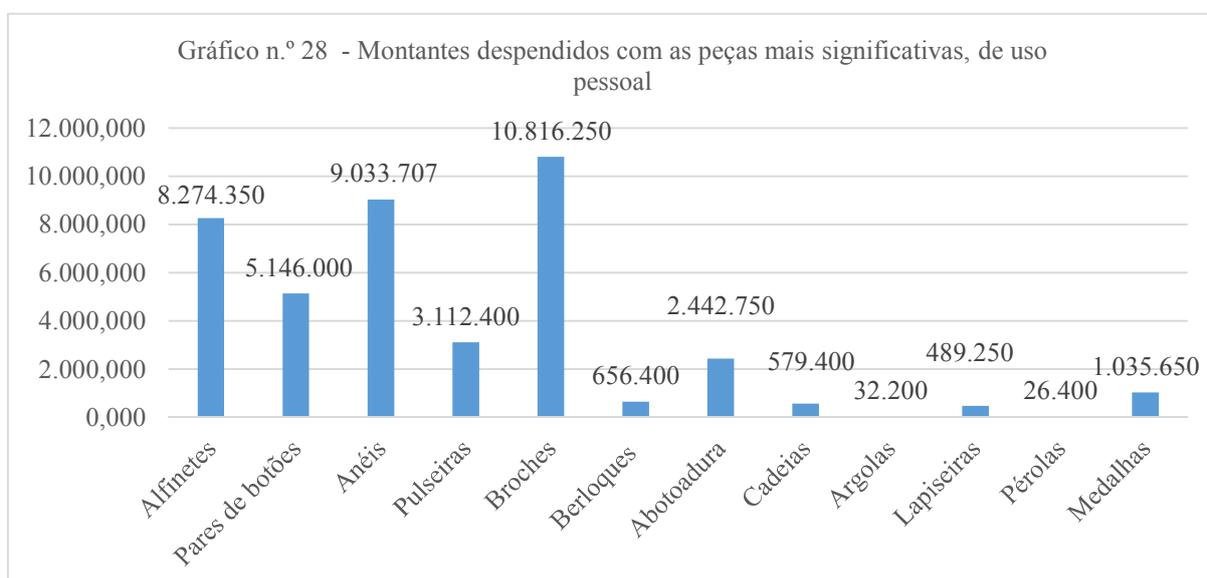
Quanto aos montantes gastos, num total de 79.892.997 réis, e para os intervalos de tempo acima referenciados, D. Luís destaca-se tendo despendido 30.219.037 réis; D. Maria Pia com 20.950.500 réis; D. Fernando gastou a quantia de 14.404.700 réis, a condessa d'Edla com o montante de 6.432.970 réis, D. Carlos com o valor de 4.257.850 réis e o Infante D. Augusto com 3.620.440 réis, conforme gráfico que se segue:



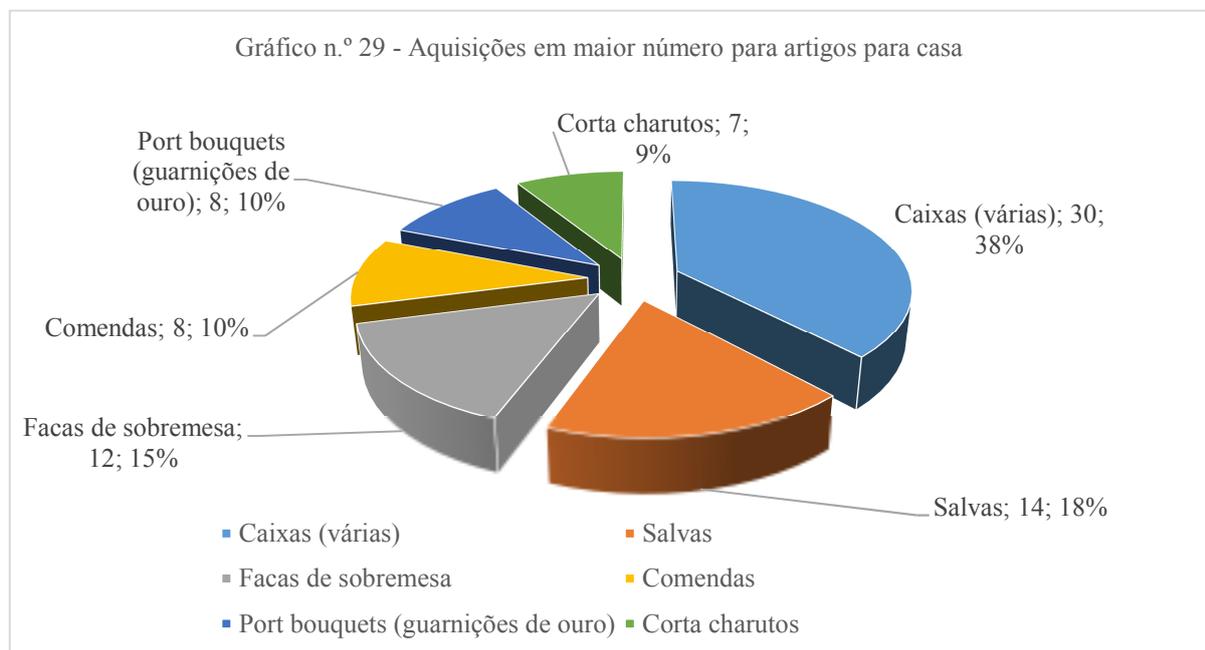
Quanto às peças de uso pessoal, as mais significativas foram: 125 alfinetes; 74 botões de punho; 70 anéis; 63 pulseiras; 45 broches; 40 berloques; 40 abotoaduras; 29 abotoaduras; 28 cadeias; 24 argolas; 22 lapiseiras; 22 pérolas e 21 medalhas, conforme gráfico infra:



Em seguida, as quantias gastas com as peças mais significativas de uso pessoal. Verificamos que os broches foram os mais caros, seguidos dos anéis, depois os alfinetes os pares de botões, as pulseiras, as abotoaduras, as medalhas, os berloques, as cadeias e por fim as argolas e as pérolas, conforme gráfico seguinte:

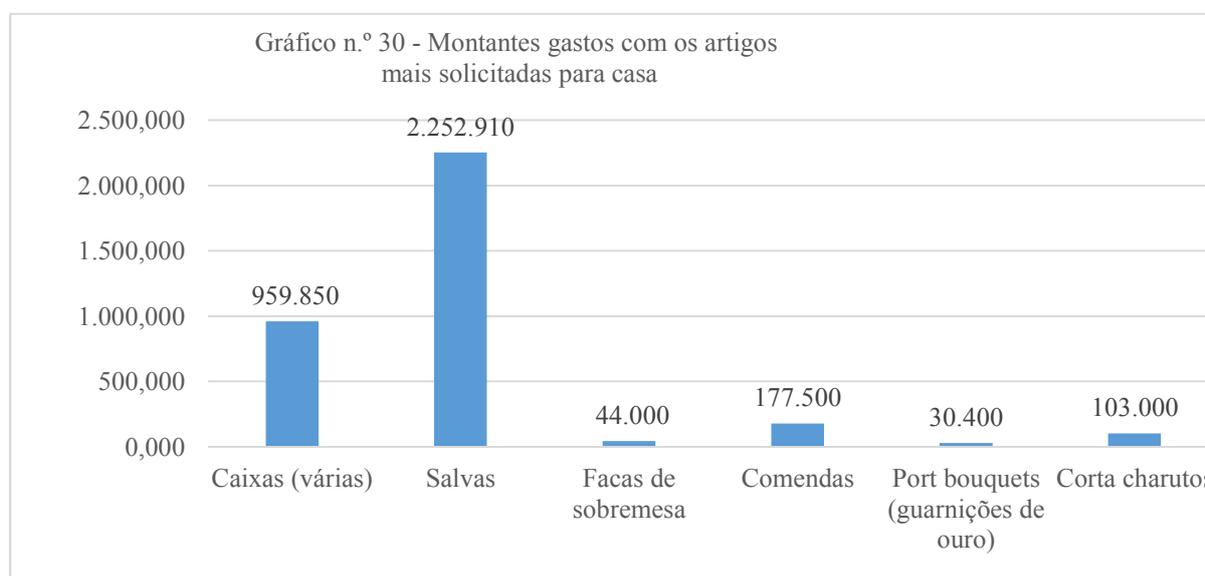


Quanto a peças para casa, as aquisições em maior número, dividiram-se pelos seguintes artigos: Caixas (várias) 30; Salvas 14; Facas de sobremesa 12; Comendas 8; *Port bouquets* 8 e corta charutos 7, conforme gráfico que se segue:



Apesar dos reais clientes terem efetuado um número considerável de aquisições, aqui são espelhadas só as mais solicitadas, ficando as aquisições de poucos exemplares fora desta mostra.

No seguinte gráfico verificamos que as salvas foram as peças mais caras, seguidas das caixas, depois vieram as comendas, os corta charutos, as facas de sobremesa e por fim os *port bouquets*.



Verificam-se nestes gráficos, que, por vezes as peças adquiridas em maior quantidade não são as mais caras, no presente caso as mais caras foram as salvas e depois as caixas, as restantes aquisições são todas de montantes inferiores.

## **Conclusão:**

A Leitão & Irmão continua a ser nos nossos dias sinónimo de bom gosto. Desde o início da sua fundação no Porto, que nas suas oficinas se produziram peças que se tornaram notadas. A sua deslocação para a capital, favoreceu o contacto com a Casa Real Portuguesa, pois já era considerada Ourives da Casa Imperial do Brasil.

O espólio da Leitão & Irmão é considerável, mas uma parte dos materiais encontra-se em mau estado de conservação. Para a nossa pesquisa defrontamo-nos com falhas de livros de contas correntes, existindo unicamente para os anos de 1877 a 1884. No entanto, tivemos oportunidade de consultar outros livros, com a designação de Diversos, que nos davam conta das aquisições efetuadas por artigos, noutras anos, as quais foram tomadas em consideração.

No espólio analisado, evidenciam-se os bilhetes trocados entre a Casa Real e a joalheria. Eram frequentes e demonstram uma ligação privilegiada entre as duas partes, os soberanos solicitavam peças para escolher e eventualmente adquirir e prontamente eram enviadas ao paço os artigos pretendidos. Também se depreende que poucas vezes os soberanos se deslocavam à loja. Todavia, existiram exceções e poderiam fazê-lo por quererem admirar o andamento de alguma obra, que sabiam estar a decorrer, mesmo que não fosse solicitada pelos mesmos, ou alguma encomenda especial que pretendessem ir acompanhando.

O intervalo de tempo trabalhado foi entre 1877 e 1897, consultaram-se diversas fontes, onde foi verificado a frequência das aquisições, as preferências, e os montantes envolvidos. O rei D. Luís foi o que despendeu maiores montantes em aquisições e a rainha D. Maria Pia, a que adquiriu maior número de peças, destes totais tomamos conhecimento que o rei comprou menos peças, mas de maior valor e a rainha adquiriu um maior número de artigos, totalizando uma menor despesa. Dos clientes reais o que comprou menos peças e gastou menos, foi o infante D. Augusto. Entre D. Carlos, D. Fernando II e a condessa d'Edla, quem adquiriu o maior número de peças foi a condessa, todavia quem gastou uma soma mais avultada foi D. Fernando II. Após o falecimento de D. Luís, foi D. Maria Pia quem mais gastou.

Tendo por base os documentos consultados, verificámos que existem registos referentes às mesmas aquisições em livros diferentes, alguns destes estão exatamente iguais nos dois livros, outras vezes num está discriminado por peças e noutra por conjunto, totalizando sempre o mesmo valor. Por vezes num livro o registo foi efetuado num mês e no outro está registado no mês seguinte. Também foram detetados erros de soma nalguns livros.

Noutra fonte podemos verificar o preço de custo e o de venda dos produtos, constatando-se que as margens de lucro praticadas pela joalheria, para estes clientes, eram elevadas.

Os registos dos pagamentos efetuados pela Casa Real a que tivemos acesso referem os anos de 1885 e 1886, todavia os montantes liquidados são superiores às aquisições para os mesmos anos, assim concluímos que os pagamentos se deviam referir a quantias acumuladas de anos anteriores.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes Manuscritas

Lisboa, Espólio da Leitão & Irmão, depositado na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian:

- ELI – 034 – Livro de Registo de Pedras – 1884-1887.
- ELI – 057 – Livro de Correspondência expedida – 1887.
- ELI – 059 – Livro de Correspondência expedida (1887-1889).
- ELI – 225 – Livro de Registo de Vendas – 1891.
- ELI – 333 – 1884 a 1888 Vendas – Pagamentos Casa Real.
- ELI – 356 – Livro de Contas Correntes – 1879, 1880, 1881.
- ELI – 357 – Livro de Contas Correntes – 1880, 1881, 1882, 1883, 1884.
- ELI – 364 – D. José Cuadrillero.
- ELI – 469 – Livro de Contas Correntes – 1877, 1878, 1879.
- ELI – 475 – Livro de Entradas e Saídas.
- ELI – 535 – Livro de Entradas e Saídas.
- ELI – 610 – Documentos diversos pertencentes ao ano de 1882.
- ELI – 611 – Correspondência de Paris – 1886.
- ELI – 621 – Correspondência – 1887.
- ELI – 913 – Correspondência diversa entre a Casa Real e a Leitão & Irmão
  - 98 Cartas timbradas com várias datas de 1884 a 1899
  - 129 – Oficina do Ouro, Registo de Encomendas [Livro de] 1907
  - 225 – Livro de Registo de Vendas – 1891
  - 284 – Cartas e Recibos 1874
  - 426 – Joalheria (Livro de Registo de Entradas, Custo e Saídas de Artigos de) 1881
  - 441 – Memorial da Casa de Lisboa 1892
  - 475 – Joalheria (Livro de Registos de Entradas, Custo e Saídas de Artigos de) 1882

## **Bibliografia**

### **Estudos**

BONIFÁCIO, Maria de Fátima

*D. Maria II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

BARROS, Maria Filomena Lopes de

*Tempos e Espaços de Mouros: A minoria muçulmana no reino de Portugal (séculos XII a XV)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian-Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007.

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond, Braga, Paulo Drumond,

“As joias de D. Pedro e D. Maria, Príncipes do Brasil em 1765: Cor, Brilho e Exotismo na Corte”, *Rumos e Escrita da História: Estudos e Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, coordenação de Maria de Fátima Reis, Lisboa, Colibri, 2006, pp. 287-309.

\_\_\_\_\_, *A Herança das Américas em Portugal Trópico das Cores e dos Sabores*, Clube do Colecionador dos Correios, Lisboa, 2007.

\_\_\_\_\_, *Bens de Hereges Inquisição e Cultura Material Portugal e Brasil (Séculos XVII e XVIII)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

\_\_\_\_\_, “Os Ataques Franceses e os Patrimónios Femininos no Rio de Janeiro Setecentista Através dos Inventários de Bens”, *Revista de Inquisición (Intolerancia e Derechos Humanos)*, ISSN: 1131-5571, vol.13, pp. 223-255.

CAETANO, Marcello

*A antiga organização dos mesteres da cidade de Lisboa*, Franz-Paul Langhans, *As Corporações dos Ofícios Mecânicos. Subsídios para a sua História*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1943.

CARONA, Susana Maria Capucho

*Espólio Leitão & Irmão: Inventariação e Proposta de Tratamento de Preservação e Conservação* Relatório de Estágio, mestrado em Ciências da Informação e da Documentação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2008.

COSTA, Filomena

*Leitão & Irmão Antigos Joalheiros da Corôa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2001.

DIAS, Marina Tavares

*D. Carlos-Lisboa 1908*, Quimera Editores, 2007.

d'OREY, Leonor

\_\_\_\_\_, *A Baixela da Coroa Portuguesa*, Edições Inapa, 1991.

\_\_\_\_\_, *A Ourivesaria em Portugal no tempo de D. João VI*, D. João VI e o seu Tempo, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

\_\_\_\_\_, *Le Portugal et l'évolution de la joaillerie en Europe*, La Magie des Couleurs et des Pierres: Bijoux du XVI au XIX siècle, coordenação de Leonor d'Orey, Bruxelas, Europália, 1991, pp. 15-28.

\_\_\_\_\_, "A Baixela desenhada por Domingos António de Sequeira", *I Colóquio Português de Ourivesaria*. Actas, coordenação de Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1999, pp. 39-54.

DURÃES, Margarida

*A rainha mal-amada Amélia de Orleães*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.

FURTADO, Júnia Ferreira

*Chica da Silva e o Contratador de Diamantes. O Outro lado do Mito*, S. Paulo, Companhia das Letras, 2003.

GODINHO, Isabel Silveira

"Joalharia ao tempo de D. João VI", *D. João VI e o seu Tempo*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, pp. 196-197.

\_\_\_\_\_, "A Baixela de Sua Majestade Fidelíssima: uma obra de François Thomas Germain", Lisboa, I.P.P.A.R., 2002.

JORDAN, Annemarie

*A rainha colecionadora Catarina de Áustria*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.

LOPES, Maria Antónia

*Rainhas que o povo amou Estefânia de Hohenzollern – Maria Pia de Saboia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

\_\_\_\_\_, *D. Fernando II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013.

MEDRANO, Ricardo Mateos Sáinz de

*D. Manuel II, O Último Rei de Portugal- A vida desconhecida no exílio*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2012.

MARQUES, Eduardo Alves

*Se as Joias Falassem*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.

MATOS, Lourenço Correia de

*Os Fornecedores da Casa Real (1821-1910)*, Lisboa, Dislivro Histórica, 2009.

MENESES, Avelino de Freitas de,

“As Finanças “, *Portugal da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil*, coordenação de Avelino de Freitas de Meneses (Nova História de Portugal, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Vol. 7), Lisboa, Presença, 2002, pp. 349-371.

MONICA, Maria Filomena,

*D. Pedro V*, Lisboa, 9<sup>a</sup>. Ed., Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa, 2012.

MOREL, Bernard

“Os Diamantes das Monarquias Europeias”, *Diamantes: No coração da Terra, no Coração das Estrelas, no Coração do Poder*, dir. Hubert Bari e Violaine Sautter, tradução de Luísa Gonçalves e Géraldine Correia, Lisboa, Edições Inapa, 2005, pp. 253-295.

PINTO, Virgílio Noya

*O Ouro Brasileiro e o Comercio Anglo-Português. Uma Contribuição aos Estudos de Economia Atlântica no século XVIII*, 2<sup>a</sup> ed., São Paulo. Editora Nacional, 1979.

PIMENTEL, António Filipe

“ Honra e Esplendor: da Joalheria Honorífica Portuguesa do século XVIII”, *I Colóquio Português de Ourivesaria*. Actas, coordenação de Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1999, pp. 177-197.

\_\_\_\_\_, “*Une Sensibilité de Splendeur*”, *La Magie des Couleurs et des Pierres, Bijoux du XVI au XIX siècle*, coordenação de Leonor d’Orey, Bruxelas, Europália 91, 1991, pp. 29-33.

REBELO, Teresa

*Condessa d’Edla - A Cantora de Ópera Quasi Rainha de Portugal e de Espanha (1836-1929)*, Lisboa, Alêtheia Editores, 2011.

RABELLO, David

*Os Diamantes do Brasil na Regência de D. João (1792-1816): Um Estudo de Dependência Externa*, São Paulo, Arte e Ciência, 1997.

RAMOS, Rui

*D. Carlos*, Lisboa, 8ª. Ed., Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa, 2013.

RIBEIRO, José Alberto

*Rainha D. Amélia-uma biografia*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2013.

RODRIGUES, Eduardo Gonçalves

“Pombal e a Questão dos Diamantes”, *Como Interpretar Pombal? No bicentenário da sua Morte*, Lisboa, Brotéria, 1983, pp. 369-398.

SANTOS, Manuela de Alcântara

*Talheres de Prata de Guimarães; Séculos XVIII e XIX*, Porto, Universidade Católica Editora, 2012.

SILVA, Maria Fernanda Espinosa Gomes da

“Ouro do Brasil”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editora do Minho, 1981, pp. 498-500.

\_\_\_\_\_, “Diamantes do Brasil”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. II, Porto, Companhia Editora do Minho, 1981, pp. 293-294.

\_\_\_\_\_, “Esmeraldas”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. II, Porto, Companhia Editora do Minho, 1981, pp. 437-438.

\_\_\_\_\_, “Mineração no Brasil”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, vol. IV, Porto, Companhia Editora do Minho, 1981, pp. 309-311.

SILVA, Nuno Vassalo e

\_\_\_\_\_, “A joalheria feminina em Portugal na época dos Descobrimentos”, *Oceanos*, n.º 21, Lisboa, 1995, pp. 102-110.

\_\_\_\_\_, “As Custódias – Joias de Setecentos “, *Oceanos*, n.º 43, Lisboa, 2000, pp. 78-92.

\_\_\_\_\_, “Os Pollet, Joalheiros de D. Maria I”, *Oceanos*, n.º 43, Lisboa, 2000, pp. 66-76.

\_\_\_\_\_, *As Coleções de D. João IV no Paço da Ribeira*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003.

\_\_\_\_\_, *Obras-Primas da Arte Portuguesa – Ourivesaria*, Lisboa, Athena, 2011.

\_\_\_\_\_, *Ourivesaria Portuguesa de Aparato séc. XV e XVI*, Lisboa, SCRIBE, 2012.

SILVA, Teresa de Jesus Vital dos Santos

\_\_\_\_\_, *A Extração de Gemas Brasileiras e a Joalheria Portuguesa (1729-1807)*, 2 vols., Lisboa, Dissertação de Mestrado em História e Cultura do Brasil apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004.

SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da, FERNANDES, Paulo Jorge

\_\_\_\_\_, *D. Luís*, Lisboa, Círculo de Leitores, 6ª. ed., 2012.

SOUSA, Ana Cristina Correia de

\_\_\_\_\_, *Metamorfozes do Ouro e da Prata. A Ourivesaria tradicional no Noroeste de Portugal*, Porto, Centro Regional das Artes Tradicionais, 2000.

\_\_\_\_\_, *Ourivesaria, Estampada e Lavrada. Uma Técnica Milenar numa Oficina de Gondomar*, 2 vol. Porto, Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Porto, 1997.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e

\_\_\_\_\_, “Elementos para a história da Ourivesaria no Porto no século XVIII”, *Poligrafia*, n.º 5. Porto, 1996, pp. 95-106.

\_\_\_\_\_, *A Joalheria em Portugal: 1750-1825*, Porto, Civilização, 1999.

\_\_\_\_\_, "A Joalheria feminina e o seu significado social e económico em Portugal" Separata da *Revista Museu*, 4ª. Série, n.º 13, Porto, 2004, pp. 17-33.

\_\_\_\_\_, "Objetos preciosos, aparato, e representação das elites da coroa portuguesa de Setecentos", *Armas e Troféus. Revista de História, Heráldica, Genealogia e Arte*, 9ª. Série, Lisboa, 2002-2003, pp. 229-252.

\_\_\_\_\_, *A Ourivesaria da Prata em Portugal e os Mestres Portuenses. História e Sociabilidade (1750-1810)*. Porto, Edição de Autor, 2004.

\_\_\_\_\_, "A Ourivesaria portuense nos séculos XVIII e XIX", *O Tripeiro*, 7ª. série, n.º1-2, Porto, 1995, pp. 24-31.

\_\_\_\_\_, "Ouro, prata e outras riquezas setecentistas numa herança da Baía (Brasil)" *Revista do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 1ª série, vol. 3, Porto, 2004, pp. 293-316.

\_\_\_\_\_, "Pratas e Joias do 1ºs. Barões de Ancede", *O Tripeiro*, 7ª. série, n.º 1, Porto, 2004, pp. 10-13.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro

*Os Judeus em Portugal no século XV*, vol. 1, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1982 e vol. 2, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.

TRANCOSO, Teresa Maria Pinto

*António Maria Ribeiro: cinzelador, ourives, escultor e desenhador portuense (1889-1962)*, Porto, Universidade Católica Editora, 2011.

#### Bibliografia específica

"Joias presenteadas pela família Real Portuguesa a S. A. A Princeza D. Maria Amélia", *O Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 273, vol. IX, 9º ano, Lisboa, 21 de Julho de 1886, pp. 162-164.

"A morte de El-Rei D. Fernando" *O Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 253, vol. X, 9º ano, Lisboa, 1 de Janeiro de 1886, pp. 2-3.

“Espada de honra oferecida por El-Rei D. Luíz ao Imperador Guilherme” *O Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjeiro*, n.º 298, vol. X, 10º anno, Lisboa, 1 de Abril de 1887, pp. 74-75.

“Calix oferecido por El-Rei D. Luíz a Sua Santidade Leão XIII” *O Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjeiro*, n.º 327, vol. XI, 11º anno, Lisboa, 21 de Janeiro de 1888, pp. 18, 21.

ALBERTO, C

“Sua Alteza o Infante D. Augusto” *O Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjeiro*, n.º 388, vol. XII, 12º anno, Lisboa, 1 de Outubro de 1889, p. 219.

LOBATO, Gervásio

“Chronica Occidental” *O Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjeiro*, n.º 388, vol. XII, 12º anno, Lisboa, 1 de Outubro de 1889, pp. 218-219.

CHAGAS, Pinheiro

“D. Luís I” *O Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjeiro*, n.º 391, vol. XII, 12º anno, Lisboa, 1 de Novembro de 1889, p. 243.

ALBERTO, C

“O funeral de Sua Magestade El-Rei D. Luís I” *O Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjeiro*, n.º 391, vol. XII, 12º anno, Lisboa, 1 de Novembro de 1889, pp. 243-246.

ALBERTO, Caetano

“D. Maria Pia” *O Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjeiro*, n.º 1172, vol. XXXIV, 34º anno, Lisboa, 20 de Julho de 1911, pp. 154-155.

#### Referências eletrônicas:

[www.leitao-irmao.com](http://www.leitao-irmao.com) consultado em 18 de março de 2014

[www.mellerio.fr](http://www.mellerio.fr) consultado em 18 de março de 2014

[www.tiffany.com](http://www.tiffany.com) consultado em 18 de março de 2014

[www.cartier.com](http://www.cartier.com) consultado em 18 de março de 2014

[www.boucheron.com](http://www.boucheron.com) consultado em 18 de março de 2014

[www.faberge.com](http://www.faberge.com) consultado em 18 de março de 2014

[www.chaumet.com](http://www.chaumet.com) consultado em 18 de março de 2014

[www.vancleefarpels.com](http://www.vancleefarpels.com) consultado em 18 de março de 2014

[www.bulgari.com](http://www.bulgari.com) consultado em 18 de março de 2014

#### Referências iconográficas:

Fig. 1 – Retrato retirado do site [www.leitao-irmao.com](http://www.leitao-irmao.com), em 18 de março de 2014.

Fig. 2 – Retrato do Rei D. Luís, pintura de António José Rodrigues, 1863 – Palácio Nacional de Mafra.

Fig. 3 – Esboço do diadema, Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-034, fol. 127, foto da autora.

Fig. 4 – Retrato de D. Maria Pia de Saboia, pintura a óleo de Émile Auguste Carolus-Durans, 1880 – Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

Fig. 5 – Esboço do colar, Lisboa, B.A.F.C.G., ELI-034, fol. 129, foto da autora.

Fig. 6 – Retrato do Rei D. Fernando II, pintura a óleo de José de Brito, 1882 – Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

Fig. 7 – Retrato de D. Carlos, pintura a óleo de José Vital Branco Malhoa, 1890 – Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

Fig. 8 – Fotografia do Infante D. Augusto, autoria de Francisco Augusto Gomes, 1861 – Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

Fig. 9 – Fotografia montada sobre cartão da condessa D'Edla, autoria de Alfred Fillon, 1862 – Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.